



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS FLORIANÓPOLIS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Julia Daniel Teixeira

**A paisagem da Lagoa Pequena e suas percepções por parte dos estudantes da Escola
Básica Municipal João Gonçalves Pinheiro, Rio Tavares, Florianópolis: uma perspectiva
de educação ambiental.**

Florianópolis
2024

Julia Daniel Teixeira

A paisagem da Lagoa Pequena e suas percepções por parte dos estudantes da Escola Básica Municipal João Gonçalves Pinheiro, Rio Tavares, Florianópolis: uma perspectiva de educação ambiental.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Centro ou Campus Florianópolis da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Marcelo Gules Borges, Dr. em Educação.

Florianópolis

2024

Teixeira, Julia Daniel

A paisagem da Lagoa Pequena e suas percepções por parte dos estudantes da Escola Básica Municipal João Gonçalves Pinheiro, Rio Tavares, Florianópolis: uma perspectiva de educação ambiental. / Julia Daniel Teixeira ; orientador, Marcelo Gules Borges, 2024.

127 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Biológicas, Graduação em Ciências Biológicas, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Ciências Biológicas. 2. Lagoa Pequena. 3. Campeche. 4. Educação Ambiental. 5. Percepção Ambiental. I. Borges, Marcelo Gules. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Biológicas. III. Título.

Nome completo do(a) autor(a):

Julia Daniel Teixeira

Título: subtítulo

A paisagem da Lagoa Pequena e suas percepções por parte dos estudantes da Escola Básica Municipal João Gonçalves Pinheiro, Rio Tavares, Florianópolis: uma perspectiva de educação ambiental.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Licenciatura em Ciências Biológicas e aprovado em sua forma final pelo Curso Graduação em Ciências Biológicas UFSC.

Florianópolis, 03 de Dezembro de 2024.

Insira neste espaço
a assinatura

Coordenação do Curso

Banca examinadora

Insira neste espaço
a assinatura

Prof. Marcelo Gules Borges, Dr.
Orientador

Insira neste espaço
a assinatura

Prof.(a) Patricia Montanari Giraldi, Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Insira neste espaço
a assinatura

Prof. Silvio Domingos Mendes da Silva, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 2024.

Dedico este trabalho aos meus familiares e amigos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à Universidade Federal de Santa Catarina, ao professor Dr. Marcelo Gules Borges, à Secretaria de Educação do Município de Florianópolis na figura da Gerência de Formação Continuada e a toda a Equipe Pedagógica da Escola Básica Municipal João Gonçalves Pinheiro por sua colaboração na realização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

RESUMO

A paisagem da Lagoa Pequena é constituída de elementos naturais, como as características geológicas e ambientais que lhe conferem forma física e biodiversidade e de elementos antropizados, como a comunidade que se estabeleceu ali ao longo do tempo. Esses dois componentes básicos encontram possibilidade de abordagem e discussão quando a educação ambiental se faz presente, produzindo nos sujeitos que a estudam uma percepção ambiental. Nesta pesquisa, objetiva-se descrever a paisagem da Lagoa Pequena no passado e no presente e apresentar descrição da percepção dos estudantes da Escola mais próxima da paisagem acerca dela. O método escolhido para levantamento de dados foi aplicação de questionário ao público-alvo; como complemento de informações, realizou-se também entrevistas com os docentes das disciplinas de Ciências, Geografia e História, áreas correlacionadas à educação ambiental. Sobre as respostas do questionário foi feita uma análise qualitativa hermenêutica que encontrou duas percepções ambientais principais da Lagoa Pequena no público estudantil: a *percepção ambiental indiretamente afetiva* e a *percepção ambiental diretamente afetiva*.

Palavras-chave: Lagoa Pequena; percepção ambiental; educação ambiental.

ABSTRACT

The landscape of Lagoa Pequena is made up of natural elements such as the geological and environmental characteristics that gives the place physical form and biodiversity, and man-made elements such as the community that established itself there over time. These two basic components find the possibility of approach and discussion when environmental education is present, producing in those who study this landscape an environmental perception. In this research, the purpose is to describe the landscape of Lagoa Pequena in the past and in the present as much as present a nearby school students perception about this landscape. The chosen method for data collection was a questionnaire applied to the target audience; as information complement interviews were also carried out with teachers of subjects related to environmental education such as Sciences, Geography and History. The questionnaire responses were analysed by an hermeneutic approach, which found two main environmental perceptions of Lagoa Pequena among the students: the directly emotional related environmental perception and the indirectly emotional related environmental perception.

Keywords: Lagoa Pequena; environmental perception 2; environmental education.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	17
2 INTRODUÇÃO.....	18
2.1 O CONCEITO DE PAISAGEM PARA A LAGOA PEQUENA	18
2.2 DELIMITAÇÃO DO LOCAL DE ESTUDO	20
3 DESENVOLVIMENTO.....	21
3.1 A PAISAGEM DA LAGOA PEQUENA NO PASSADO	21
3.1.1 A formação físico-geológica	22
3.1.2 A composição do solo.....	22
3.1.3 A formação biológica original da vegetação.....	23
3.1.4 A ocupação humana no passado.....	24
3.2 A PAISAGEM DA LAGOA PEQUENA NO PRESENTE.....	26
3.2.1 A natureza da paisagem em meio à transformação antrópica	29
3.2.2 A Lagoa Pequena como parque municipal.....	33
3.3 CULTURA, PERTENCIMENTO, AFETO PARA COM A LAGOA.....	36
3.3.1 Ambiente e comunidade – relação de afeto.....	37
3.4 A PERCEPÇÃO E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA.....	38
3.5 A ESCOLA E SEUS ESTUDANTES.....	41
4 METODOLOGIA.....	43
4.1 DO TIPO DE PESQUISA	43
4.2 DO PÚBLICO-ALVO	43
4.2.1 A consideração dos professores.....	45
4.2.2 Da representatividade dos participantes.....	46
4.3 QUESTIONÁRIO.....	47
4.4 ENTREVISTAS	48
4.5 DO TIPO DE ANÁLISE	49
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	50
5.1 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISE	50
5.2 PERFIL DOS PARTICIPANTES	50
5.2.1 Da idade e série.....	50
5.2.2 Do local que residem em relação à Lagoa Pequena.....	50
5.2.3 Do tempo de residência na localidade.....	51

5.2.4 Do tempo em que frequenta a escola.....	52
5.3 A PERCEPÇÃO ESTUDANTIL DA LAGOA PEQUENA.....	52
5.3.1 Da noção de existência.....	52
5.3.2 Da relação cultural.....	54
5.3.3 Do entendimento da Lagoa enquanto paisagem.....	57
5.3.4 Da educação ambiental na escola.....	60
5.3.5 Da relação entre afeto e conhecimento ambiental.....	64
6 CONCLUSÃO.....	68
REFERÊNCIAS.....	72
APÊNDICE A.....	78
APÊNDICE B.....	88
APÊNDICE C.....	98
APÊNDICE D.....	104
ANEXO A.....	117
ANEXO B.....	118
ANEXO C.....	119
ANEXO D.....	120
ANEXO E.....	121
ANEXO F.....	122
ANEXO G.....	123
ANEXO H.....	124
ANEXO I.....	125
ANEXO J.....	126
ANEXO K.....	127

1 APRESENTAÇÃO

Antes que o leitor possa adentrar o texto desta pesquisa, quero, na condição de autora, conduzi-lo(a) em um breve relato pessoal, cujo destino é entender o porquê me interessei por fazer da *Paisagem da Lagoa Pequena* e de sua *Percepção por parte dos estudantes da Escola Pública mais próxima dela, a E. B. M. João Gonçalves Pinheiro*, o tema do meu Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Nasci na comunidade do Campeche, numa região de fronteira com o Rio Tavares e toda minha família é também oriunda da localidade. Esta comunidade foi meu local de brincar, de começar a estudar e de aprender os primeiros passos da vida cotidiana. Sobre o Campeche da infância dos meus pais ouvi muitas histórias enquanto crescia. Ouvi sobre como a natureza local foi se transformando ao longo do tempo pelas novas pessoas que ali chegavam e pelo novo jeito de se viver. Lembro-me que dentre a riqueza da praia, das dunas e das áreas de banhado que sempre foram personagens dessas narrativas, as histórias que contavam com qualquer participação da *Lagoinha* - como eu primeiro conheci a Lagoa Pequena - eram as que mais pareciam ganhar cores na minha imaginação de criança.

Ao longo dos anos, a Lagoa Pequena tomou um lugar lateral dentre pensamentos mais práticos e urgentes, como me formar no Ensino Médio e conseguir adentrar a Universidade Federal da minha cidade. Embora saiba que aquele imaginário de criança, onde a paisagem cênica da Lagoinha se enchia de magia e me emocionava, tenha contribuído em minhas escolhas educacionais, tais como realizar o Curso Técnico de Saneamento junto ao Ensino Médio no Instituto Federal de Santa Catarina e ter escolhido como formação superior o Curso de Biologia.

Estando na interface de terminar um ciclo recheado de estudo da vida e que naturalmente invoca em mim sentimentos relacionados a ela, não pude deixar de fazer um movimento para olhar diretamente aquele representante de vida que esteve nos últimos anos sendo observado no canto dos meus olhos.

A Lagoa Pequena é o motivo primário deste TCC. Eu devia a ela ao menos um aceno a sua história com todos os elementos que a construíram e a fizeram uma *paisagem*, ou ao menos todos os e que estivessem ao meu alcance. Por isso, a primeira parte da pesquisa é uma descrição bibliográfica da formação e do estado atual desta paisagem.

Porém, minha curiosidade faz um aceno maior a minha própria formação cidadã. Quero também entender como os adolescentes que hoje se relacionam com a Lagoa a percebem, olhando assim para uma posição em que um dia eu também estive. Acredito que as

peessoas que se relacionam com o Campeche e Rio Tavares hoje, sobretudo os jovens estudantes da localidade, são das principais peças no quebra-cabeça necessário de se montar para assegurar a conservação da Paisagem da Lagoa Pequena e por isso a sua percepção acerca dela ocupa toda a segunda metade da pesquisa e termina sendo sua protagonista.

Espero que com este material produzido, que ficará para a comunidade do Campeche/Rio Tavares e para os estudantes da Escola João Gonçalves, eu possa de alguma forma, retribuir à Lagoa Pequena uma parte do bem que ela me fez e faz.

2 INTRODUÇÃO

2.1 O CONCEITO DE PAISAGEM PARA A LAGOA PEQUENA

Neste trabalho, atribui-se a uma Lagoa Costeira da Ilha de Florianópolis, Santa Catarina, seu ecossistema e entorno, conhecidos no todo por *Lagoa Pequena*, a categoria de *paisagem*. É possível que se pense essa paisagem pelo termo *território*, já que ela está num pedaço de terra com delimitações administrativas e políticas com trechos urbanizados. Na definição de Lamas (1993, p. 63) território é “a extensão da superfície terrestre na qual vive um grupo humano [...] em oposição ao que poderíamos designar por espaço natural”. Já Castro (2008) aponta que o território pode ser entendido como o controle administrativo, fiscal, jurídico, político, econômico, efetivo, de uma região, ligado sempre à ideia de poder. A presença de um ecossistema e a histórica convivência de habitantes com ele tornam a definição dada por *território* esvaziada de valores que consideram a natureza como componente importante do espaço. Portanto, território é um termo que, usado neste texto, fará alusão à atividade administrativa da paisagem da Lagoa Pequena.

É possível também que à Lagoa se atribua o termo *local* - ou lugar - e *espaço*. Esses podem ser utilizados para se referir à paisagem sem ferir os alicerces de seu conceito, se consideramos as ideias de Kohlsdorf (1996), segundo qual a natureza física e social do espaço arquitetônico e urbanístico faz com que este se caracterize como lugar em que se desenvolvem práticas sociais diversas. Ou seja, se chamarmos de lugar ou espaço algo que é também composto por atividades humanas. Lugar e espaço aparecem neste texto se referindo ao produto entre humano e ambiente.

O Título do trabalho poderia ser então em parte “O espaço da Lagoa Pequena” ou o “local da Lagoa Pequena”, mas, apesar de seguirem a mesma lógica, os termos ficam aquém

do significado maior que *paisagem* oferece e que alimenta a abordagem ambiental e cultural proposta.

Paisagem é uma denominação plural, e aparece em diferentes campos de estudo. De acordo com Castro (2008, p. 55) “autores de diferentes áreas [...] concordam que a paisagem não é somente resultante da configuração geográfica, mas é sempre construída historicamente enquanto decisão ou destinação”. Este autor reitera que a paisagem é o reflexo dos sistemas natural e social.

Em concordância, as ideias do antropólogo Tim Ingold, aprofundam-se ainda mais nessa relação histórica *humano - demais agentes da natureza*, ressaltando as duas principais formas com que ela se dá no estabelecimento das paisagens, a **cooptação** de algo já estabelecido e a **construção** de um novo componente:

[...] existem dois tipos de produção: cooptiva e construtiva. Na produção cooptiva, um objeto já existente é ajustado a uma imagem conceitual de um uso futuro pretendido, na mente do usuário. Na produção construtiva esse procedimento é invertido, na medida em que o objeto é fisicamente remodelado para se adequar mais à imagem pré-existente. Na verdade, pareceu que a história da construção, do habitar, do viver das coisas – dos artefatos, da arquitetura e das paisagens – poderia ser entendida em termos de passos sucessivos e alternados de cooptação e construção (Ingold; 2000, p. 174 e 175, tradução nossa¹).

Nesse entendimento não há maneiras de se separar o componente humano de todo o outro que vive na paisagem – outros seres vivos – nem de todo o material que estrutura sua existência – os componentes físicos e geológicos – pois a própria formação da paisagem se dá desses elementos indissociáveis e sua interação na transformação do entorno. A formação ou transformação da paisagem é um mecanismo contínuo e natural. Quando humanos são componentes a gênese contínua ocorre agora com contribuição antrópica.

E ao viver nela, a paisagem torna-se parte de nós, tal como nós fazemos parte dela. Além disso, o que vale para o seu componente humano vale também para outros componentes. Num mundo interpretado como natureza, cada objeto é uma entidade independente, interagindo com outros através de algum tipo de contato externo. Mas numa paisagem, cada componente encerra na sua essência a totalidade das suas relações entre si (Ingold; 2000, p. 191, tradução nossa²).

¹ No original: “[...] there are two kinds of making: co-optive and constructive. In co-optive making an already existing object is fitted to a conceptual image of an intended future use, in the mind of a user. In constructive making this procedure is reversed, in that the object is physically remodelled to conform more closely to the pre-existing image. Indeed it seemed that the history of Building, dwelling, living things – of artefacts, architecture and landscapes – could be understood in terms of successive, alternating steps of co-option and construction.

² No original: “As the familiar domain of our dwelling, it is with us, not against us, but it is no less real for that. And through living in it, the landscape becomes a part of us, just as we are a part of it. Moreover, what goes for its human component goes for other components as well. In a world construed as nature, every object is a self-contained entity, interacting with others through some kind of external contact. But in a landscape, each component enfolds within its essence the totality of its relations with each and every other.”

Nos autores citados vemos uma confluência de ideias no que diz respeito à transformação da paisagem como agente formador e cooptação e construção como mecanismos desse agente. Com advento da ocupação antrópica, os mecanismos se valem também das decisões daqueles que habitam a paisagem em escala histórica.

Estabelece-se uma relação direta da cultura com a transformação da paisagem, pois em tempo histórico, ela é o resultado das interações de seus habitantes humanos, entre si e com os outros seres.

Assim, dos termos da Geografia, da Arquitetura, da Antropologia ou da Biologia que poderiam caracterizar este objeto de estudo, o termo paisagem sob a definição de Tim Ingold, se configura como mais adequado para apontar as características da Lagoa Pequena. Este pedaço do território de Florianópolis, lugar de comunidades ilhéias tradicionais; de novas populações e seus marcos cotidianos, se originou de complexas formações geológicas quaternárias; é substrato e terreno para vegetação de restinga litorânea; está embebido na cultura cultivada por suas comunidades; foi e está sendo por todos eles transformada ao longo do tempo geológico e histórico: é uma paisagem.

A paisagem, por sua natureza transformativa, torna-se efêmera em suas características físicas e no modo como a vida se dispõe por sobre e com ela. Olhar para uma paisagem estando aquém de seu passado é ver uma faceta muito menor e pouco representativa do todo, pois o presente de uma paisagem é um desenovelar de processos históricos advindos de um passado recente e distante. É preciso neste trabalho respeitar tal concepção e fazer essa retomada, ainda que brevemente.

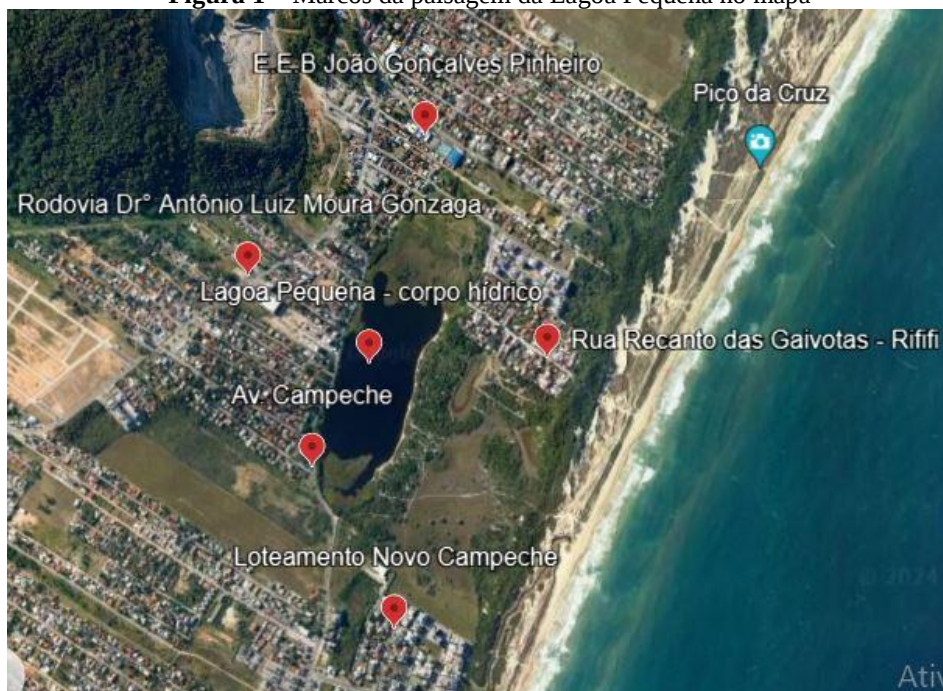
2.2 DELIMITAÇÃO DO LOCAL DE ESTUDO

A paisagem da Lagoa Pequena (território) está localizada na porção insular da cidade de Florianópolis, estado de Santa Catarina, Brasil. Sua posição no município é entre a localidade do Rio Tavares e a localidade do Campeche, dentro do bairro Campeche, leste da ilha.

Como visto, a paisagem difere-se do território, pois não apresenta limites e demarcações oficiais. O que distingue paisagens são seus próprios agentes formadores e a diferença entre eles. No caso da paisagem em questão, não é possível precisar seus limites de forma justa e acurada, considerando todos seus componentes geográficos e históricos. Porém,

com a finalidade de filtragem de informações científicas para sua caracterização e identificação dentro de Florianópolis, este trabalho oferece marcos da paisagem da Lagoa como forma primária de apontamento do local de estudo. São eles: Lagoa Pequena – corpo hídrico; restinga entre praia do Campeche e Lagoa Pequena a leste; trecho da Avenida Campeche e Rodovia Doutor Antônio Luiz Moura Gonzaga a oeste da Lagoa, próximo ao Maciço da Costeira; Loteamento Novo Campeche ao sul da Lagoa; Rua Recanto das Gaivotas, onde se localiza o referido loteamento conhecido como Rififi ou Borba a nordeste da Lagoa e EEB João Gonçalves Pinheiro a norte da Lagoa³. Esses marcos podem ser vistos na Figura 1. Como o segundo eixo desta pesquisa se centra nos estudantes da referida escola, ela será também caracterizada mais adiante.

Figura 1 – Marcos da paisagem da Lagoa Pequena no mapa



Fonte: Imagem extraída do Software Google Earth® (2024).

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 A PAISAGEM DA LAGOA PEQUENA NO PASSADO

³ Ver imagens da paisagem nos ANEXOS A e B. A urbanização da paisagem já se encontra bastante diferente da retratada pelas imagens do ano de 2008, porém é possível ter uma dimensão do corpo hídrico e das posições dos loteamentos Rififi e Novo Campeche, da Avenida Campeche (ANEXO A) e da E.B. M. João Gonçalves Pinheiro (ANEXO B).

A Lagoa Pequena é produto dos processos geológicos e históricos que a estruturaram. O primeiro forneceu os elementos geológicos e a vegetação.

3.1.1 A formação físico-geológica

A paisagem da Lagoa Pequena está localizada dentro da planície do Campeche ou planície entremares. Formada por processo de sedimentação quaternária, ela se constitui numa grande porção de terra estendida de leste a oeste⁴ da ilha de Florianópolis (Mittman, 2008). Encontra-se especificamente nas adjacências do Morro do Campeche (ou do Lampião) e do Maciço do setor norte (ou da Costeira) e faz fronteira com o mar, agregando também a faixa de dunas. Em termos geológicos, o terreno é recente e com rica diversidade de formações como a própria Lagoa Pequena, restingas e as dunas.

A Lagoa teve sua gênese no aquífero Campeche, uma estrutura subterrânea formada por sedimentos arenosos e quartzosos onde a água da chuva se infiltra⁵ (Borges, 1996 *apud* Moreira, 2002). Ela é o mais importante afloramento desse reservatório e conta com uma área de aproximadamente de 186.372m², ou seja, é a “ponta do lago subterrâneo⁶” (Barbosa, 1999 *apud* Geri, 2007).

A restinga da paisagem pode até ser referida no plural, *as restingas*, quando for possível especificá-las, pois, ao longo do espaço, se expressa com características diversas.

3.1.2 A composição do solo

O tipo de solo caracteriza a vegetação que se estabelece e, posteriormente, é importante parâmetro para analisar e pensar a urbanização. Segundo Mittman (2008), na área da Lagoinha, logo no entorno do corpo hídrico, o solo tem composição arenosa quartzosa de deposição marinha e o relevo é plano; em direção a oeste, aproximando-se dos maciços, o solo tem areias quartzosas, o relevo é ondulado e suavemente ondulado; a leste da Lagoinha, em direção à praia, o solo é composto por dunas e areias marinhas de textura arenosa, o substrato é composto por sedimentos quaternários, o relevo é ondulado e suavemente

⁴ Ocupando as duas costas ou os dois mares, destarte entremares. Abrange as comunidades do Aeroporto, Base Aérea, Tapera, Ribeirão da Ilha, Carianos, Porto da Lagoa, Rio Tavares, Fazenda do Rio Tavares, Sertão da Costeira, Alto Ribeirão, Campeche e Morro das Pedras (Tirelli; Burgos; Barbosa, 2007).

⁵ De acordo com Borges (1996 *apud* Moreira, 2002) a quantidade de água que abastece o aquífero é de 9.796,14 m³/ ao ano, medição feita segundo a pluviosidade da época.

⁶ Em comparação à Lagoa do Peri e à Laguna da Conceição, o corpo hídrico que dá nome à paisagem de estudo é significativamente menor. Destarte, é comum que na comunidade o termo *Lagoinha* ou *Lagoinha Pequena* seja utilizado; também se fará uso destes termos no corpo de texto.

ondulado; já na praia, o solo tem areias quartzosas de textura arenosa típica, com sedimentos quaternários e relevo suavemente ondulado⁷. No mais, essas características reiteram a presença da paisagem em terreno diversificado, o que constitui base para a formação de vegetação também biodiversa.

3.1.3 A formação biológica original da vegetação

Originalmente, isto é, num tempo pregresso à ocupação humana, tinha-se que:

[...] o território da Ilha tinha 90% de sua área coberta por vegetação, sendo 74% desta vegetação a Mata Atlântica, 9% os manguezais, 7% a vegetação de praia, duna e restinga, e o restante ocupado por dunas sem vegetação (4%) e por lagoas (6%)...(CECCA; 1997, p.75).

O termo restinga pode significar tanto o tipo de vegetação costeira quanto as áreas de depósitos arenosos e o duplo uso da palavra (sentido botânico ou geomorfológico) exalta a estreita relação que esta vegetação tem com o solo em que ocorre (Mittman, 2008). Por essa relação intrínseca, o autor inclui a vegetação e as formações geológicas de origem sedimentar marinha num sistema comum, onde estão as praias, as dunas, cordões de areia e margens de lagoas. Por apresentar todos esses elementos, pode-se dizer que a paisagem da Lagoa Pequena encontra-se formada de um sistema de restinga.

Numa classificação geral, de acordo com Mittman (2008), a oeste do corpo da Lagoinha, nas adjacências do Maciço da costeira e do Morro do Lampião, originalmente predominava a restinga herbácea de estágio médio; ao sul da Lagoinha, predominava vegetação arbustiva de estágio inicial; nas cabeceiras norte e sul da Lagoinha, compondo a mais próxima mata ciliar, estava a restinga herbácea de estágio avançado e no trecho leste, entre a margem da Lagoa e o cordão de dunas do Campeche, encontrava-se um mosaico de restingas herbáceas e arbustivas de diferentes estágios, incluindo trechos de estágio avançado, além de espaços compostos por áreas de banhado ou áreas alagáveis que advém do relevo baixo da planície⁸. O redor da Lagoa em direção aos Maciços e ao sopé das dunas foram sempre ambientes instáveis.

⁷ As unidades geotécnicas de Mittman (2008) é referência para a descrição do solo – ver ANEXO C. Embora o autor defenda que essas características apresentadas são recentes, elas se encontram aqui no passado por se formarem na escala do tempo geológico.

⁸ Apesar de não se encontrar a data geológica em que essas vegetações se formaram na paisagem, Mittman (2008) deixa claro que essas informações servem para o período pré-urbanização e assim estão descritas no passado- ver ANEXO D. Detalhes dos tipos de espécies de cada vegetação, por ainda perdurarem na atualidade, serão descritas na paisagem do presente.

3.1.4 A ocupação Humana no passado

Há vestígios de ocupação humana na ilha de Santa Catarina datados de mais de 5.000 anos (Carneiro; 1987). Na paisagem da Lagoa Pequena estabelecida por essa pesquisa não se tem registros de integrantes de nenhum destes povos tradicionais, porém eles estiveram presentes na ilha do Campeche.

Em 2018, na ocasião das obras de construção do elevado do Rio Tavares, no encontro das rodovias SC 405 e SC 406 (Rodovia Drº Antônio L. M. Gonzaga), foi encontrada uma ossada humana a qual pesquisadores estimam datar do período pré-colonial (Machado; 2018)⁹. Com base nessas duas informações, sabe-se que havia ocupação de povos tradicionais em áreas muito próximas da paisagem da Lagoinha, tornando possível que tenha havido ao menos algum tipo de relação mesmo que indireta desses povos com a paisagem.

Em relato mais bem estudado até o momento está a imigração açoriana para Florianópolis de forma geral. Sobre esse período, vê-se que:

A imigração açoriana deixou conseqüências culturais fortes, evidenciadas na paisagem, nas edificações, nas atividades cotidianas, na alimentação, nos traços físicos e até mesmo no comportamento do povo ilhéu (Campos; 2004 p. 74).

Os imigrantes trouxeram consigo suas raízes culturais e com base nelas passaram a reorganizar os elementos naturais e a adaptar a nova comunidade unindo a paisagem com os velhos costumes de trabalho, lazer e religiosidade¹⁰.

Em termos do encontro entre subsistência, cultura e paisagem, vemos que as primeiras transformações da terra e dos costumes originais se deram pela imposição do ambiente natural que apresentava barreiras para o desenvolvimento de assentamentos açorianos em alguns locais da paisagem e, em outros, trechos de terra mais propícios às atividades de subsistência e formação comunitária.

Se olharmos a Ilha de Santa Catarina quanto à sua forma, orientação geográfica, distância da costa, morfologia e composição de ambientes naturais, como montanhas, restingas, dunas, lagos, mangues, etc., começaremos então a entender o porquê dos resultados espaciais da sua ocupação humana (Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis- IPUF; 2004, p. 71).

⁹ Informação veiculada à época pelos jornais do Grupo NSC e ND Mais e no Portal Notícias UFSC.

¹⁰ Para o ilhéu que se formava na região do Campeche e Rio Tavares, a religiosidade era em suma ligada à igreja católica, o lazer vinculado a bailões comunitários e o trabalho atrelado à lida na terra própria ou alheia (sob sistema de terceiros em que um terço do produto era destinado ao dono da terra e o demais para o trabalhador) e à pesca coletiva (Daniel, 2018).

A contribuição do ambiente para o modo de vida da população foi significativa e contribuiu para a resistência de ecossistemas sensíveis, sobretudo os mais próximos às praias que não tinham papel na cultura do lazer das jovens comunidades ilhéias. Dunas e áreas alagáveis¹¹ durante este processo, não foram ocupadas, sendo possível reconhecer o desenho natural deste ecossistema (Mittman; 2008).

Em contrapartida, aqueles ambientes propícios ao assentamento foram significativamente transformados para dar vazão ao modo de vida que se estabelecia. Na ilha, a colonização destacou-se do padrão colonial do Brasil pela sua diferenciação na estrutura agrária, no trabalho familiar e na quase inexistência de hierarquia de classes; mas a reboque das propriedades rurais houve a remoção da vegetação da planície entremares (Mittman, 2008).

Na paisagem da Lagoa Pequena, essas duas razões se deram de forma didática. Como exemplo, nota-se que está o cordão de dunas ainda hoje bem preservado, mas a área ao entorno das duas margens encontra-se bastante descaracterizada das disposições originais em consequência da transformação da restinga herbácea e arbustiva em ambiente de fazenda. No recorte de Pippi (2004) vê-se que o produto da interferência antrópica à época gerou a sudoeste da Lagoa, na área das atuais avenidas gerais de acesso, pastagens acomodadas em meio à vegetação já modificada e a sudeste, as duas primeiras em meio à restinga nativa. A paisagem foi sendo moldada no âmbito comunitário.

A comunidade da paisagem da Lagoa Pequena se estruturou, até o fim da década de 1970, de descendentes açorianos, mas também de população de origem indígena¹² e descendentes de africanos que tinham sido escravizados (Daniel, 2018), configurando-se numa população miscigenada.

Segundo o autor, a subsistência dessas famílias, assim como todas as pertencentes à região do Campeche e Rio Tavares, dava-se através da agricultura (do plantio de mandioca, feijão, milho, melancia, café, cana-de-açúcar), da pesca e da criação de animais. Esta última se configurou na atividade mais desenvolvida dentro da paisagem da Lagoa Pequena que, na primeira metade do século XX, tinha sido transformada em propriedades rurais, por onde os moradores abriram caminhos e trilhas¹³ (Pippi, 2024), possibilitando o trânsito com o gado.

¹¹ Antes do avanço da urbanização turística, as áreas de dunas e de restingas eram desprezadas para agrossistemas em virtude da inadequação dos solos para lavouras ou pastagem e pelo fato de não proverem lenha (Lago; 1996, *apud* Santos; 2001).

¹² Embora na prática, historicamente os indígenas não foram considerados na paisagem com a mesma relevância dos açorianos e até hoje são omitidos ou pouco referidos em referências do período.

¹³ Ver mapa com os caminhos e trilhas abertos no ANEXO E.

De acordo com o autor, a atividade rural reduziu parte da restinga e da vegetação perilagunar da paisagem, embora não tenha eliminado totalmente a vegetação nativa ou os recursos hídricos.

Além dos usos da terra citados, a Lagoinha permitia a lavagem das vísceras dos animais abatidos¹⁴ e era fonte de água para as lavadeiras de roupas, que vendiam esse serviço para fora, complementando a renda familiar. A comunidade era pequena, com poucas casas simples e dispersas. Tinha como vias gerais de acesso duas estradinhas de terra e como subsidiárias os caminhos por meio da vegetação e campos da Lagoa Pequena por onde a vida cotidiana passava. O morador da paisagem que utilizava seus recursos para sobrevivência, ou aquele que simplesmente transitava pelo local, apresentava relação direta ou indireta para com os elementos da natureza.

Apesar de ter compartilhado as origens da cultura com seus balneários e interior, foi também na segunda metade do século XX que a cidade de Florianópolis iniciou mudança em sua estrutura sócio-econômica, com a redução da atividade agrícola, devido ao desgaste da terra (Mittman, 2008), investindo assim no modo de vida urbano. As praias, no entanto, se mantiveram fora do processo rápido de urbanização, por causa da distância em relação ao centro e também pela deficiência do sistema viário, caracterizando-se ainda como comunidades pesqueiras e rurais nas quais se preservou a cultura local por mais algum tempo (Castro, 2008).

A região do Campeche e Rio Tavares resistiu com o costumeiro modo de vida bucólico até o final da década de 1970, em que é possível notar ainda a cara da paisagem da Lagoa Pequena de outrora, com poucas residências ao longo das estradas gerais¹⁵. Porém, com as mudanças no eixo da cidade e a vinda de novos moradores, a comunidade começou a mudar e promover modificações que resultaram nos cenários atuais.

3.2 A PAISAGEM DA LAGOA PEQUENA NO PRESENTE

Florianópolis acelerou a urbanização nos anos 1970¹⁶. Segundo Amora (1996) as comunidades do Campeche e do Rio Tavares tiveram a abertura da estrada geral (hoje Av.

¹⁴ Relato dado por morador ao Jornal A Notícia. Importante lembrar que a comunidade de moradores era pequena, com poucos animais, portanto a lavagem da carne não comprometia a lavagem de roupas, possivelmente realizadas em locais ou datas distintas.

¹⁵ Ver ANEXO F – ortofoto de 1977 (Geoportal; 2024).

¹⁶ Amora (1996) diz que a implementação de empresas estatais e o desenvolvimento do campus da Universidade Federal proporcionaram a aceleração do processo de urbanização, empurrando-a em seguida para o norte, sul e leste.

Campeche) e a iluminação pública realizadas no mesmo período¹⁷, o que se configurou nos primeiros passos rumo ao crescimento urbano do local, continuado com maior expressão nos anos 1980 em que chegaram os primeiros terminais telefônicos, houve a pavimentação das estradas de acesso ao sul e da Avenida Pequeno Príncipe, a implementação do posto de saúde e a promoção das escolas da região para a categoria de escola básica.

De acordo com a autora, as mudanças no aparato cotidiano provocaram em todo o Campeche um processo de substituição da atividade rural pela urbana e, para além do *fazer a vida*, começou a se alterar também o *pensar a vida*. As atividades antes preconizadas para subsistência passaram a ser pensadas de forma comercial; os filhos antes destinados ao trabalho na roça, na pecuária e na pesca passaram a investir nos pequenos negócios e a se empregar na cidade em empresas e no funcionalismo público. A terra passou a ser tratada como algo passível de venda a terceiros.

Ao longo do tempo, com a transformação do sistema de valores da comunidade tradicional, temos a alteração da relação da população com a terra. A terra deixa então de servir para a população nativa diretamente como meio de existência, adquirindo valor de troca; é inserida no mercado de terras (Amora; 1996, p. 61)

Deu-se mais expressivamente o parcelamento do solo e a venda de terrenos ao público vinculado aos setores emergentes da capital. A comunidade residente do Campeche deixava de ser composta unicamente das famílias de agricultores e pescadores e passava a ter novos integrantes como professores universitários, funcionários públicos e outros trabalhadores de segmentos bastante diferenciados de sua população anterior (Castro; 2008); surgem as primeiras ocupações de segunda residência – temporárias, juntamente com as fixas (Pippi; 2004).

A chegada de outros moradores e a mudança de modo de vida das novas gerações de nativos produziram juntas uma comunidade diferente daquela das décadas anteriores. Por um lado, estava em curso a fragmentação dos valores culturais antigos; a paisagem perdia áreas que, apesar de estarem já reduzidas a campo aberto, abrigavam mais natureza e biodiversidade do que os imóveis que iam se estabelecendo. Por outro, ideias atuais de organização da cidade, do relacionamento e das pessoas com o meio ambiente iam chegando através dos novos moradores. A integração de ideias mais sustentáveis e ecológicas com a antiga noção da terra como um bem para a existência se faria contrária à especulação imobiliária

¹⁷No Campeche: instalação da rede elétrica data de 1972 e construção da estrada geral de 1973/1974 (Amora, 1996).

desordenada. Na paisagem da Lagoa Pequena foi se solidificando uma dicotomia urbano/ambiental.

Em 1985, a urbanização se intensificou pelo advento do Plano Diretor dos Balneários¹⁸ que tornava o Campeche uma área de especial interesse turístico (Pippi, 2004). Apesar do mesmo Plano ter transformado a Lagoa Pequena em Área Verde de Lazer – AVL, o incentivo ao estabelecimento de edificações turísticas a colocava na mira do setor. Em 1988, as preocupações com a proteção do ecossistema hídrico levaram à promulgação do Decreto nº 135/88¹⁹ que tornava o local Patrimônio Natural e Paisagístico do Município, abrangia toda a AVL disposta no decreto anterior e obrigava qualquer intervenção à anuência do órgão público responsável. Posteriormente, nos anos 90, com as discussões de criação do Plano Diretor da Planície Entremares, uma série de embates entre a comunidade de moradores da paisagem e novos ocupantes que planejavam instaurar edificações num trecho da Lagoa protegido por legislação se deu em meio a um contexto político propício. Este episódio acirrou os ânimos na região e contribuiu para que o solo perilagunar não fosse ocupado em sua totalidade.

Aquém dos embates ambientais, a urbanização se estendeu para o lado oeste da Lagoa, principalmente no trecho entre a Av. Campeche e a Rodovia Moura Gonzaga; para sul, desmatando a vegetação e dando lugar ao trecho de solo onde seria construído o Loteamento Novo Campeche; para norte nas adjacências da Moura Gonzaga, onde se encontra hoje a Escola João Gonçalves Pinheiro; e para nordeste com a abertura de uma rua entre a restinga, onde um conjunto de casas daria origem ao loteamento Rififi²⁰. Segundo Pippi (2004), o sistema viário da avenida e rodovia principais passou a ser de grande porte; surgiu o sistema viário de pequeno porte (servidões e ruas) que se originou dos caminhos antes abertos em meio à vegetação; diversos aterros em áreas alagáveis e impermeabilizações do solo foram feitos para acomodar o sistema viário e as edificações dos loteamentos; a região a sudeste da lagoinha, onde um córrego de água excedente se formava em meio à restinga foi canalizado para permitir a construção de parte do loteamento Novo Campeche²¹; em diversos locais da paisagem a legislação ambiental foi ignorada, o sistema viário fragmentou os recursos naturais e a ocupação irregular acabou por diminuir a área alagável da Lagoa²². À época, a

¹⁸ LEI 2.193/85.

¹⁹ Legislação base do decreto: LEI MUNICIPAL Nº 1202/74

²⁰ Para visualizar a mancha urbana na década de 1990 ver ANEXO G.

²¹ Segundo Góes (2015) este córrego seria o sangradouro natural da lagoinha, hoje interrompido pelas edificações do loteamento Novo Campeche. Na área do antigo sangradouro está hoje a vala de drenagem pluvial que sai na última rua do Loteamento Novo Campeche e segue pelas dunas até a praia.

²² Para visualizar a antiga extensão da área alagável da Lagoa ver ANEXO J.

distribuição de água potável do Campeche e Rio Tavares contava com a reserva do aquífero subterrâneo²³. Cerca de quinze poços distribuídos entre as localidades serviam de fonte deste recurso para os habitantes (Moreira, 2002). Segundo a autora, a permeabilidade do aquífero e seu abastecimento lento o tornavam susceptível a contaminação por águas superficiais e a problemas de armazenamento, fatos preocupantes em vista da contínua ausência de rede coletora de esgoto²⁴.

Nos anos 2000, um pequeno trecho no entorno norte da Lagoinha foi desurbanizado, embora o restante tenha permanecido. Nas adjacências da Escola Gonçalves Pinheiro, novas ruas paralelas se formaram nos terrenos antes vazios. A evolução da urbanização desenvolvida na década de 2000 em diante se deu segundo este padrão: novas edificações iam sendo construídas nas laterais das primeiras. Aos poucos as ilhas urbanizadas foram se unindo e formando áreas contínuas de antropização, desde a porção sul da paisagem no Campeche até a parte norte no Rio Tavares.²⁵

3.2.1 A natureza da paisagem em meio à transformação antrópica

Em vista das pressões antrópicas acometidas durante as décadas citadas, os componentes biológicos do ecossistema utilizaram de sua resiliência e da capacidade de regeneração intrínseca para continuar existindo na paisagem da Lagoa Pequena do presente.

A vegetação iniciou o processo de recomposição e adaptação ao solo após o declínio da atividade colonial agrícola, continuando-o ainda com o parcelamento de terras de anos mais recentes ao se acomodar nos espaços não modificados, pouco modificados, protegidos ou naqueles que ainda ofereciam as mínimas condições de sobrevivência, estando ela melhor estabelecida (a ponto de ser descrita) nas cabeceiras do corpo hídrico e na região entre a margem leste e o cordão de dunas. Atualmente, em ambas cabeceiras predomina a restinga herbácea ou subarbustiva²⁶ (Geoportal; 2024) restrita a esses locais extremamente úmidos, de solo constantemente encharcado²⁷. O trecho é ocupado por *Juncus* spp (Juncaceae), *Cyperus*²⁸

²³ Com a construção da Estação de Tratamento de Água- ETA da Lagoa do Peri, o sistema de poços artesianos do aquífero se tornou secundário.

²⁴ O principal tratamento de esgoto do Campeche eram as fossas sépticas e posteriormente os pequenos tratamentos prediais, não há rede coletora de esgotos no bairro (Kabilio, 2016). O mesmo se mantém nos dias atuais.

²⁵ Ver a evolução da urbanização na paisagem nos ANEXOS G, H e I.

²⁶ Segundo as conclusões de Mittman (2008) que a área das cabeceiras da lagoinha historicamente está ocupada pela restinga herbácea.

²⁷ Ver ANEXO J.

²⁸ *Cyperus mundulus* e *Eleocharis pauciglumis* consideradas espécies endêmicas (Luchetta, 2017).

spp (Cyperaceae), *Ludwigia* spp. (Onagraceae) (cruz-de-malta) e *Tibouchina trichopoda* Baill. (Melastomataceae) (Albertoni, 2008), sendo os dois primeiros gêneros aqueles que dominam a visão; *Fuirena robusta*, *Eleocharis interstincta*, *E. laevigulumis* e *Rhynchospora gigantea*, *E. sellowiana* também se encontram nas margens da lagoinha, desempenhando um papel fundamental na manutenção do banco de macrófitas (Luchetta, 2017). Segundo Geoportal (2024) na região entre a margem leste e o cordão de dunas existe um mosaico de restingas de três distintos portes e preferências de solo. A restinga herbácea está neste trecho ainda associada a áreas de depressão em que se formam banhados²⁹, porém também ocupa partes a leste próximas ao cordão de dunas e a sudeste, na área do loteamento Novo Campeche (Geoportal; 2024).

Nesses campos úmido e encharcados destacam-se *Cyperus brevifolius*, *C. hermaphroditus*, *Cyperus rigens*, *C. sesquiflorus*, *E. flavescens*, *Eleocharis minima*, *E. nana*, *E. viridans*, *Fimbristylis complanata*, *F. dichotoma*, *Rhynchospora barrosiana*, e *Scleria distans* (Luchetta, 2017; p. 15 e 16).

A restinga fixadora de dunas ocupa faixa cumprida ao longo da margem leste e todo o cordão de dunas da praia do Campeche³⁰ (Geoportal; 2024). No cordão de dunas encontra-se espécies como *Androtrichum trigynum*, *Cyperus pedunculatus* e *Bulbostylis capillaris* (Luchetta, 2017). Nesta faixa próxima à Lagoa, na região pós-dunas, encontra-se “*Ocotea pulchella* Jacq. (Lauraceae) (canelinha-da-praia), *Vriesea friburgensis*, *Epidendrum fulgens* (Orchidaceae) e *Dioella radula* (Willd. & Hoffmanns. ex Roem. & Schult.) Cham. & Schltdl. (Rubiaceae)” (Albertoni; 2008, p. 13).

Já a restinga arbustiva arbórea ocupa a faixa estreita entre a margem leste e a restinga fixadora no entorno da Lagoinha (estendendo-se em pequenos trechos a norte), além dos espaços interiores em direção ao mar, sempre se colocando entre os trechos de herbácea e vegetação fixadora³¹ (Geoportal; 2024).

[...] foram observadas no local de estudo espécies como: *Clusia parviflora* Humb. & Bonpl. ex Willd. (Clusiaceae) (Mangue-formiga), *Inga* cf. *striata* Benth. (Fabaceae), *Coussapoa microcarpa* (Schott) Rizzini (Urticaceae) (Figueira), *Garcinia gardneriana* (Planch. & Triana) Zappi (Clusiaceae) (Bacuparí), *Psidium cattleianum* Sabine (Myrtaceae) (Araçá), *Bromelia antiacantha* Bertol. (Bromeliaceae), *A. lindenii*, *Nidularium innocentii* Lem. (Bromeliaceae), *Peperomia* spp. (Piperaceae) e outras (Albertoni; 2008, p. 12).

²⁹ Ver localização dos trechos de banhados na paisagem da Lagoa Pequena no ANEXO J

³⁰ Ver ANEXO J.

³¹ Ver ANEXO J.

Essa disposição em mosaico é condizente com a história da ocupação humana da paisagem e evidência a regeneração da vegetação num padrão próximo ao original.

É de restinga arbustiva arbórea também a composição de um dos dois terrenos localizados a sudoeste da Lagoinha (Geoportal; 2024), sendo o outro um remanescente das antigas pastagens da paisagem³². Esses terrenos configuram um importante corredor ecológico que liga o Maciço da Costeira com a área da Lagoa Pequena e seu cordão arenoso e praia, possibilitando o deslocamento da fauna (Martins; Ferreti, s.d). Esse é um dos únicos locais entre SC 406 (Rod. A. L. Moura Gonzaga) e Av. Campeche em que há passagem para animais terrestres em direção à Lagoa Pequena, sendo altamente recomendado que continue existindo (Góes, 2015). Atualmente edificações na região do entorno do Maciço, próximas aos terrenos citados contribuem ainda mais para a dificuldade do trânsito pelo corredor ecológico que se descontinua nesses locais em que se ergueram barreiras físicas³³.

Na fauna documentada da Lagoinha preponderam as aves, comumente vistas com maior frequência nas margens ou sobre o corpo hídrico, haja vista que o local é um dos poucos remanescentes de vegetação interiorizada onde há conexão com a praia. Dentre as espécies presentes na área referida neste trabalho estão exemplares da família Rallidae e Ardeidae (Góes, 2015). As aves que eventualmente circulam pelo interior da paisagem também são expressivas.

A zona de rebentação, ou seja, as ante-dunas são usadas como área de alimentação para muitas espécies, como o Gaivotão (*Larus dominicanus*), Chimango (*Milvago chimango*), Batuíra-de-coleira (*Charadrius collaris*), Pernilongo (*Himantopus melanurus*). O Tiê-sangue (*Ramphocelus bresilius*) é outra ave ameaçada na lista do Estado e considerado vulnerável pela IUCN. No ambiente praial também o Albatroz-gigante (*Diomedea exulans*) está na lista. O Tiê-sangue é encontrado ainda nas restingas. Outras aves que ocorrem na área de estudo, que são também consideradas vulneráveis e aparecem na lista de espécies ameaçadas no Estado são: o Macuco (*Tinamus solitarius*), também na lista oficial de aves ameaçadas de extinção no Brasil, o Gavião-pombo (*Amadonastur lacernulatus*) e o Gavião-pegamacaco (*Spizaetus tyrannus*). Todas estas espécies estão presentes nas áreas inundáveis da planície³⁴ (Góes; 2015, p. 119).

Cotidianamente, Biguá (*Phalacrocorax brasilianus*), Tapicuru-de cara-pelada (*Phimosus infuscatus*), Aracuã Escamosos (*Ortalis squamata*), Quero-quero (*Vanellus chilensis*), Rolinha Roxa (*Columbina talpacoti*), Anu Branco (*Guiraguira*), Coruja Buraqueira (*Athene cunicularia*), Chorquinha de garganta pintada (*Rhopias gularis*), João de Barro

³² Referido no Geoportal como área de vegetação antropizada herbácea, ver ANEXO J.

³³ Colocar nas notas de rodapé aquele material da UFSC sobre o terreno

³⁴ Por sua capacidade de voo, aves podem se deslocar em direção a áreas de alimentação diferentes, momento pelo qual muitas espécies da planície entremares sobrevoam, pousam e passam momentos de tempo na área da Lagoinha. Para visualizar a lista completa de aves registradas na planície entremares ver Góes (2015, p. 108 a 117).

(*Furnarius rufus*), Bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*), Suiriri cavaleiro (*Machetornis rixosa*), Sanhaçu cinzento (*Tangara sayaca*) Canário da terra verdadeiro (*Sicalis flaveola*), Gralha-azul (*Cyanocorax caeruleus*) e Pardal (*Passer domesticus*) são espécies observadas ao caminhar pelas ruas do lado oeste da paisagem, entre as vias principais e ao longo da SC 406, nas árvores e jardins das moradias. Em 2013 *Serpophaga griseicapilla* foi gravada vocalizando espontaneamente na área da restinga da Lagoa Pequena, sendo este o primeiro registro da ave no estado de Santa Catarina (Farias; 2016).

Quanto aos demais vertebrados, sabe-se que o Jacaré-de-papo-amarelo (*Caiman latirostris*) já habitou o corpo hídrico da Lagoinha, embora tenha sido caçado e já não seja registrada sua ocorrência no local desde a década de 1990 (Góes; 2015). Segundo a autora, a Lagartixa da praia (*Lioalaemus occipitalis*) é endêmica da planície e pode ser encontrada no campo de dunas. Dos mamíferos, aqueles encontrados na área da Lagoinha são lontra (*Lontra longicaudis*), marsupiais (Didelphimorphia) e roedores (Rodentia), havendo relatos de graxaim (*Cerdocyon thous*) e ratão-do-banhado (*Myocastor coypus*) em áreas da planície entremares de ecossistemas de banhado (Góes; 2015); estes podem eventualmente acessar a Lagoinha através das áreas abertas e corredores ecológicos, embora na atualidade, com a intensa urbanização do Campeche, essa atividade esteja cada vez mais dificultosa.

Os invertebrados são outro grupamento diverso no ecossistema, tendo sido identificadas 179 espécies de Besouro - Coleoptera (Albertoni; 2008) e 80 espécies de formigas - Hymenoptera (Cereto; 2008) na área da Lagoinha. Esses números possivelmente estão muito aquém de expressar a verdadeira biodiversidade da região, pois os estudos são em sua maioria da década retrasada e estão em singela quantidade.

Em relação à biodiversidade de vegetação e fauna associada diretamente ao ser humano, o que é visto nas habitações da paisagem da Lagoa Pequena é uma configuração de casas com quintais gramados em sua maioria, em que os jardins simples, com árvores e arbustos ornamentais – do grupo de angiospermas, pelo interesse na flor, costumam tomar a visão de quem transita pelas paralelas e pelas avenidas gerais. É comum a presença de cachorros e gatos domésticos em boa parte das residências. Atualmente, a visão hegemônica das casas tem cedido lugar a prédios residenciais de fachadas brutas em que não se pode ver o interior.

Essa disposição da natureza da paisagem atual, ainda pulsante, deve sua configuração aos resquícios de ruralidade do passado e à urbanização do presente, mas, sobretudo à resiliência das características biológicas, permitida também pela ação dos moradores locais que pediram por medidas de proteção mais efetivas.

3.2.2 A Lagoa Pequena como parque Municipal

Ainda no contexto dos embates contra urbanização, o legado dos anos 90 ficou marcado por momentos únicos de organização comunitária em prol da preservação das características ambientais e culturais do Campeche. A época a Lagoa Pequena se transformou numa das principais figuras de resistência comunitária, gerando manifestações como a *SOS Lagoinha* e o *Abraça Lagoinha*³⁵ em que muitas pessoas compareceram ao espaço protestando pelos direitos do corpo hídrico e sua biodiversidade. A comunidade chegou até a produzir um Plano Diretor próprio mais afeito a preservação da vegetação perilagunar do que o que estava sendo produzido pelos órgãos municipais³⁶.

Ao longo de anos de disputas entre comunidade e prefeitura, a comunidade foi vitoriosa na luta pela permanência do local como Patrimônio Natural e Paisagístico do Município. Entretanto, o avanço para os anos 2000 seguia com sucessivas degradações do ecossistema costeiro.

Em 2008, em decorrência da pressão de uma ação civil pública oriunda do Ministério Público Estadual, a prefeitura voltou seus olhos com maior ênfase para a questão ambiental da Lagoinha, considerando-a área ecológica especial de uso público (Luz; 2019) e a Fundação Municipal do Meio Ambiente - FLORAM passou a elaborar relatórios da atual situação da lagoa, realizar atividades periódicas de manutenção, limpeza e recolhimento de resíduos e plantio de espécies nativas (FLORAM; 2011). A necessidade de maior proteção do ecossistema levou a decisão de anexar a Lagoa Pequena aos novos limites do já existente Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição - PNMDLC que em 2014 tinha a região do Porto da Lagoa como limite sul. Oficialmente, o novo PNMDLC foi criado pela LEI Nº 10.388/2018 já com o corpo hídrico da Lagoa Pequena, sua margem oeste, a cabeceira norte e grande parte da planície leste e as dunas dentro de seus limites³⁷.

Nada referente ao loteamento Rififi e ao novo Campeche foi alterado já que o desenho do território do Parque os excluem de seu interior. A demarcação da área da Lagoinha

³⁵ Ocorridos em 1998. Ver filmagem do evento disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=X8jp-zDDVzo>>

³⁶ A riqueza dos embates comunitários citados é grande e a história complexa a ponto de não ser possível abordá-la em detalhes neste trabalho. No entanto, faz-se aqui uma menção aos eventos, pois eles são base para ilustrar a relação afetiva possível de se estabelecer entre moradores e paisagem da Lagoa, como será melhor abordado adiante. Recomenda-se a leitura do Livro “O Campo de Peixes e os Senhores do Asfalto” de Tirelli; Burgos; Barbosa (2007) para conhecimento integral da História.

³⁷ Também estão dentro do PNMDLC as dunas ao sul da Lagoa Pequena e a Lagoa da Chica, ver área do Parque no ANEXO K.

abrangida pelo parque pode ser controversa, mas a entrada do local na Unidade de Conservação certamente lhe dá mais segurança, permite a continuidade da regeneração da restinga, o reestabelecimento das funções ecológicas, o direito legal de resiliência da natureza local e o empoderamento daqueles que continuam objetivando preservá-la. É necessário, no entanto, que se promulgue o Plano de Manejo da Unidade, ainda desprovida deste importante documento.

Em 2017 o jornal local *Riozinho.com* denunciou o despejo de esgoto irregular na rede pluvial realizado por unidade de um Supermercado local que, após sofrer pressão judicial por parte da Associação de Moradores do Campeche - AMOCAM pagou compensação ambiental; a verba financiou a Base de Educação Ambiental da FLORAM, construída no entorno sul da Lagoinha, próxima a Avenida Campeche cuja inauguração contou com a presença de estudantes das três escolas das localidades do Campeche e Rio Tavares (Floripa Amanhã; 2019). Na ocasião, placas informativas foram inauguradas, árvores nativas da restinga foram plantadas e funcionários da fundação ministraram aulas de educação ambiental enquanto a comunidade e seus estudantes percorriam as trilhas da Lagoa Pequena (FLORAM, 2019).

Hoje o componente humano da paisagem concentra seu modo de vida e sustento majoritariamente do emprego nas atividades econômicas de comércio e serviços (PMF, 2022). Diariamente as localidades do Campeche e Rio Tavares recebem pessoas de outras regiões para trabalhar nos comércios de alimentos, bebidas, vestuário, medicamentos; nos setores de construção civil, lazer e recreação, saúde e educação. Parte de seus habitantes fazem o mesmo movimento, seja em estabelecimentos locais ou de bairros adjacentes e centrais da ilha e continente. A população residente, já fruto desses intercâmbios contemporâneos, cuja gênese está nas décadas de 80, 90 e 2000, permitiu que a paisagem da Lagoa Pequena mantivesse em seus limites um ecossistema ainda representativo da resiliência, da biodiversidade e da natureza que contribui diretamente para a qualidade de vida dos moradores. Não obstante, os problemas mal resolvidos do passado continuam a ameaçar a localidade e a compor as novas tramas ambientais da Lagoa Pequena que não parecem ter prazo para terminar.

O elenco desses embates está composto de atores antigos e novos, dentre os quais:

-a constante especulação imobiliária - agora com casas e residenciais de alto padrão no limite norte da Av. Campeche e por toda a Rodovia Moura Gonzaga (o que acelera o fechamento de terrenos abertos, compromete corredores ecológicos e a mobilidade ao trazer maior fluxo de veículos)³⁸.

³⁸ No momento de escrita deste trabalho Já estava inaugurado há anos um *Shopping* na extremidade do corredor ecológico de acesso à Lagoinha; um loteamento de alto padrão está sendo construído próximo ao

-O descarte ilegal de esgoto na rua ou nas galerias de drenagem pluvial que vai para a Lagoinha³⁹ e a falta da rede coletora de esgoto e estações de tratamento que atendam a localidade⁴⁰ – em análises do ano de 2016 encontrou-se a qualidade da água da Lagoa ainda dentro dos parâmetros de balneabilidade⁴¹; já em 2018 um estudo apontou que após eventos de chuva a densidade de *E. Coli* aumentou em pontos da margem oeste, em relação à margem leste, o que indica provável contaminação da água proveniente da rede de drenagem pluvial da Av. Campeche e a necessidade de estudos contínuos no local (Tramonte et al, 2021).

-O descaso e o vandalismo com placas de sinalização da Unidade de Conservação e com a própria base de educação ambiental da Floram.

-O descumprimento de medidas necessárias à preservação da Unidade de Conservação como a proibição de fogueiras, descarte de lixo e trânsito com animais de estimação na área do Parque.

Sem dúvida, há muitos pontos em torno dos quais se fazer discussões ambientais nessa paisagem que podem se valer da riqueza dos eventos ambientais atuais e de outrora.

A Lagoa Pequena ainda existe em virtude da contradição urbano ambiental que se estabeleceu na paisagem há décadas. A continuidade de sua existência está hoje mais uma vez fortemente ameaçada pela força da especulação imobiliária e pela idealização de cidade que o Município de Florianópolis está vendendo, cujo resultado proximal tem sido a expulsão de moradores locais de classes sociais vulneráveis e a elitização da vida na localidade. Significativas dificuldades culturais e ambientais parecem estar à frente ao passo que vai aumentando a visibilidade deste pedaço da Ilha.

A visibilidade tem em si um enorme potencial transformador para a paisagem, seja para reforçar as ideias de preservação, sustentabilidade, ecologia e respeito à cultura local, seja para contribuir com práticas danosas que desvirtuam as primeiras. É preciso que se tenha em mente então para quem se está direcionando o ensinamento de práticas ambientais e por quê.

sopé do Maciço da costeira e uma unidade de grande rede de supermercados atacados está sendo construída a norte da paisagem, em área de passagem para a Lagoa da Conceição.

³⁹ Em 2024 muitos moradores e a AMOCAM denunciaram em suas redes sociais o descarte de esgoto nas bocas de lobo da Avenida Campeche, supostamente vindo de condomínios na margem oeste da Lagoinha.

⁴⁰ Uma das alternativas para o tratamento de esgoto da ilha ofertadas pela Companhia Catarinense de Águas e Saneamento – CASAN é um emissário submarino que seria construído na área da paisagem da Lagoa Pequena, projeto esse veementemente rechaçado pelos moradores que protestaram publicamente contra por acreditarem num sistema descentralizador (Kabilio, 2016). Em 2023 o equipamento foi retirado dos planos da CASAN (Silva, 2023). Uma das entidades civis mais ativas no posicionamento contrário ao emissário, além da AMOCAM, foi a Associação de moradores do Novo Campeche.

⁴¹ Apontado no trabalho de Junkes (2016).

A natureza dos resultados das discussões ambientais somente poderá ser vista no futuro ainda que seus procedimentos estejam nascendo agora das ações e das ideias de cada um dos sujeitos envolvidos.

3.3 CULTURA, PERTENCIMENTO, AFETO PARA COM A LAGOA PEQUENA

Viu-se que a construção de comunidade antrópica no espaço da Lagoa Pequena formou com ela a paisagem atual. Na mistura do humano e ambiente formou-se também a cultura. Um aspecto importante que se adentrar na cultura da paisagem da Lagoa Pequena é que o ecossistema, além de fornecer o espaço em que se ancorou a fundação da vida cotidiana (diz-se assim que a cultura se desenvolveu *nela* - na Lagoa) também se tornou um dos agentes que compõe a cultura (diz-se assim que a cultura se desenvolveu *também dela*). Tem-se uma transformação conjunta entre paisagem da Lagoa Pequena e seus habitantes enquanto sujeitos e ela está explicada pela literatura.

Chagas (2013, p. 65), em sua análise das ideias de Marx⁴² sobre a subjetividade, aponta que ela é “[...] um componente inseparável dos processos de formação da vida humana”; “não há [...] objeto sem sujeito assim como não há sujeito sem objeto”; “[...] eles se constituem na relação”. Assim, as pessoas que nasceram e habitam uma paisagem ou mesmo as pessoas vindas de outros locais, mas que agora residem ali e compactuam no conjunto de habitantes não escapam a ter sua formação permeada pela existência do ecossistema.

Segundo Silva; Ferreira; Mori (2021, p. 31) “A práxis entre homem e natureza produz a existência humana dentro de um modo de vida determinado”. Nesse contexto, o modo de vida determinado representa as relações comunitárias. O modo de vida determinado produz também a consciência (Silva; Ferreira; Mori, 2021); logo, é da figura da comunidade, das relações de convívio e troca que o sujeito desenvolve a sua consciência própria e também a sua consciência da natureza. Dentro do domínio da consciência e tendo como base de desenvolvimento os mesmos elementos dela - as relações sociais da unidade comunitária - constrói-se no sujeito o sentimento de pertencimento. A gênese de um sentimento pode ser

⁴² Marx, segundo Chagas (2013), defende que a construção da subjetividade está relacionada com a construção material e imaterial do modo de vida, o que é feito em conjunto. Portanto a construção da subjetividade, mesmo que impulsionada por outro fator, se dá na esfera da comunidade, da relação com os demais.

complexa, multifatorial e atrelada a contextos específicos⁴³, envolve compreensão e integração (Cezar; Jucá-Vasconcelos, 2016).

No caso do *pertencimento* podemos observar que a literatura e a filosofia o atrelam ao local da comunidade, às relações de tempo - cultura- e ao ambiente. Nas ideias do filósofo polonês Zigmunt Bauman, o território geográfico interage no tempo histórico com a população que o habita, produzindo territórios simbólicos⁴⁴ que respondem pelo sentimento de pertencimento de seus habitantes (Alves; Alves, 2010). Reitera-se:

E pela sensação de nascer, existir, viver em algum lugar e ser alguém no Planeta Terra, desde os primeiros tempos da história humana, vivemos e transformamos sem cessar o meio natural em espaços e lugares socializando-o. Por uma necessidade latente de sentir-se parte, pertencente, o ser humano se organiza para conviver em relacionando-se com o outro e consigo mesmo, compartilhando uma cultura tecida por visões de mundo, regras de convivência, em suas preces, cantos, danças, culinária, com uma maneira singular de viver no ‘seu mundo’. Vivemos a cada momento de nossas vidas interagindo com o meio ambiente natural ou construído. Desde os grupos mais tradicionais, seja uma pequena tribo de indígenas do Mato Grosso até os mais cosmopolitas no seio das grandes metrópoles [...] (Pieper; Behling; Domingues; 2014, p. 3)

3.3.1 Ambiente e comunidade – relação de afeto

A paisagem e a comunidade também se configuram para o indivíduo em locais de afeto, pois o afeto é um sentimento de ligação para com o outro (Abreu, 2013) e assim nasce na vivência e cultura coletiva. O pertencimento e o afeto são sentimentos que parecem se retroalimentar. Como defende Silva; Ferreira; Mori (2021, p. 28) “Os territórios dos afetos nos conduzem a um lugar comum, um tempo comum, a um trabalho de memória que atualiza nossa identidade e sentimento de pertença”. Assim, num contexto em que a paisagem tem como componente um ecossistema e esse serviu como berço da formação da comunidade, é possível haver nos habitantes, sentimentos de pertencimento ao ecossistema e ligação afetiva com ele.

O modo como enxergamos a natureza e o estabelecimento de relações com ela é fruto do momento histórico em que se vive e da cultura que se cultiva (Guimarães, 2008). A

⁴³ Não se deve tomar sentimento e emoção como sinônimos. As emoções são expressões fisiológicas enquanto que os sentimentos, apesar de influenciados pelas emoções, são manifestações delas mais complexas e atreladas às próprias experiências do sujeito (Cezar; Jucá-Vasconcelos, 2016). Por isso experiências particulares podem caracterizar sentimentos e estes diferir em pessoas de realidades distintas.

⁴⁴ Aqui vemos o encontro das ideias de Bauman e de Ingold, pois o território simbólico, sendo construído em cima do território físico a partir da transformação promovida no ambiente pela atividade humana é uma *paisagem*. Veja a correlação entre os termos paisagem – território simbólico- ambiente/ecossistema com o qual se interage historicamente, termos com significado comum.

visão da natureza como um sujeito de direito é um entendimento ainda não hegemônico na cultura atrelada a povos colonizadores embora esteja sempre bem elucidada na cultura dos povos tradicionais. Porém, como visto em Silva; Ferreira; Mori (2021), os movimentos ecológicos e conservacionistas vêm trazendo às pessoas a ideia de dar relevância à natureza; perspectiva que permite conclusões diferentes da antiga percepção colonial do ambiente. Quando aliadas ao sentimento de pertencimento da comunidade e ao afeto pelo ambiente, a existência de novas discussões ambientais nos permite pensar que comunidades urbanas⁴⁵ podem desenvolver pela paisagem natural uma relação de estima e proteção, como fazem intrinsecamente as pessoas que realmente vivem em confluência com a natureza, nas quais se pode e se deve buscar inspiração para fazê-lo. Nas palavras do célebre autor Krenaque, Ailton Krenak: “Em vez de operar na paisagem, devemos nos confundir com ela”.

De fato, aspectos relativos a essa relação sujeitos-ambiente foi vista na paisagem da Lagoa Pequena no passado, quando os moradores lutaram por sua preservação. Se há ainda sujeitos que vivem com a Lagoa uma relação de proximidade, como pode ser o caso de vários grupos dessa população, a exemplo dos estudantes das escolas locais, é possível que os mesmos laços afetivos sejam ainda observados e a Lagoa Pequena percebida.

3.4 A PERCEPÇÃO E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA

Se a constituição do sujeito, ademais de suas características particulares de indivíduo, é estruturada por elementos culturais e se dá na interação com o meio, pode-se dizer que a percepção das coisas está embebida desses mesmos fatores.

O termo *Percepção*, como outros que aparecem neste trabalho, advém dos estudos de psicologia e é em essência complexo. Pode ser definido, numa perspectiva cognitivista, como “aquisição, interpretação, seleção e organização das informações obtidas pelos sentidos...” (Helbel, Vestena; 2017, p. 2); estudado de um ponto de vista biológico no funcionamento do sistema sensorial. Porém, aquilo que o estímulo perceptivo desperta como pensamento, no âmbito da interpretação ocorre pelas experiências do sujeito, e por meio delas ao estímulo perceptivo é empregado valor (Helbel, Vestena; 2017), logo na percepção, é bem verdade, há um grande componente de subjetividade. No entanto, a percepção das coisas, entre elas do

⁴⁵ Não se sugere que o pensamento dos povos tradicionais em relação à posição da natureza no mundo se dá em tamanho e semelhança ao pensamento das comunidades que vivem nas cidades atuais, se está apenas aventando a possibilidade de que, em qualquer cultura que desenvolva afeto com a natureza, seja passível a construção de uma relação de valorização e carinho com ela.

ambiente, ao depender dos valores da mente, é influenciada também por conteúdo, aprendizado, saberes, adquiridos no cotidiano, pela vivência na comunidade e sob a cultura.

Em nossa sociedade ocidentalizada, tradicionalmente há um local específico que objetiva a construção de novos aprendizados no processo de preparar o sujeito enquanto cidadão e que por isso é outra grande fonte de formação de percepção, a Escola. Numa comunidade como a da paisagem da Lagoa Pequena, qual outro local pode estar tão capaz de iniciar um diálogo, um estudo, um debruçar-se sobre o tema ambiental, do preservar e do pensar a evolução das relações humano-natureza no todo e *in loco* do que a escola?

Evidentemente, a necessidade da educação ambiental no contexto escolar está bastante firmada teoricamente na educação, tendo esta se traduzido em diferentes práticas há décadas⁴⁶ (Grum, 2005). Há, ainda, muitas discussões na pesquisa em Educação Ambiental acerca da melhor abordagem dada na escola, se esta seria melhor colocada em uma disciplina ou como tema transversal. Considerando que um dos pilares da educação ambiental é a formação do sujeito-cidadão consciente de seu ambiente e estando ele numa sociedade antropizada, a história humana e sua modificação do meio são uníssonas ao desenvolvimento do modo de vida das pessoas.

Porquanto, é imprescindível que outras disciplinas escolares além de Ciências, sobretudo aquelas que se debruçam sobre as relações históricas com os territórios e com os povos, como história e geografia⁴⁷, sejam também vetores de diálogos e estudos críticos acerca da importância e valor do ambiente. Esses valores estão presentes na Base Nacional Comum Curricular, válida em território Nacional atualmente. Mas advém de documentos anteriores com o mesmo propósito acerca do tema, como os Parâmetros Curriculares Nacionais.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais⁴⁸ de Meio Ambiente:

[...] a principal função do trabalho com o tema Meio Ambiente é contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos para decidirem e atuarem na realidade

⁴⁶ A LEI Nº 9.795 de Abril de 1999 instituiu no Brasil a Política Nacional de Educação Ambiental cujas atividades estavam expressamente orientadas para se desenvolverem na educação geral e na educação escolar.

⁴⁷ Grum (2005) aponta para a grande importância da história na educação ambiental. O autor explica que o Cartesiano e sua forma de diferenciar o homem da natureza deu força ao antropocentrismo e provocou a degradação da natureza. No entanto, ideias relacionadas ao arcaísmo, que defendem o retorno à vida pastoral e defendem o domínio da natureza sobre o sujeito, pode descambar em discursos pós-humanistas fascistas de moralidade religiosa, basta trocar *natureza* por *Deus*. Em nosso contexto brasileiro atual, não é difícil imaginar isso acontecendo. Logo, estudar o contexto para não reproduzir discursos ecológicos bem intencionados num primeiro momento, mas passíveis de serem subvertidos, se faz extremamente necessário.

⁴⁸ O documento mais recente, A Base Nacional Comum Curricular também considera Educação Ambiental como um Tema Transversal.

socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade, local e global (Parâmetros Curriculares Nacionais⁴⁹ de Meio Ambiente, 1998, p. 25)

Ainda de acordo com Parâmetros Curriculares Nacionais Temas Transversais:

Tratar a questão ambiental, portanto, abrange toda a complexidade da ação humana: se quanto às disciplinas do conhecimento ela é um tema transversal, interdisciplinar, nos setores de atuação da esfera pública ela só se consolida numa atuação do sistema como um todo (Parâmetros Curriculares Nacionais Temas Transversais, 1998, p. 23).

Em Bernardes e Prieto (2013) se vê que nenhuma disciplina pode isoladamente tratar das várias questões ambientais; mesmo em trabalhos de interdisciplinaridades a tentativa de abordagem de múltiplas questões ambientais vigentes poderia produzir estudos rasos com ideias simplistas. Entretanto, escolher uma questão ambiental próxima da realidade da escola e dos sujeitos pode promover o aprofundamento dos debates e do entendimento acerca de questões complexas, uma vez que estas questões estão no cotidiano. Quando atrelada à percepção ambiental dos indivíduos, a educação ambiental pode gerar formas de pensar críticas, distantes de resoluções reducionistas (Carvalho, Steil; 2013).

No contexto da paisagem da Lagoa Pequena em que a abordagem de educação ambiental dispõe do apoio de uma rica história da comunidade, inclusive com seus conflitos ambientais passados e atuais, ela parece poder ganhar mais força e mais pertinência para contribuir com uma percepção hermenêutica⁵⁰ da paisagem e com o desenvolvimento de uma consciência ambiental preservadora.

Para uma pesquisa integrativa que procura caracterizar uma paisagem e entender as dinâmicas entre a natureza e as concepções ambientais das pessoas que ali habitam, como esta propõe fazer com a paisagem e a comunidade da Lagoa Pequena, é na escola que se deve buscar o público detentor de todas as características que permitem entender a percepção da Lagoa Pequena segundo os parâmetros biológicos, históricos e humanos mínimos relacionados. Uma percepção que tenha tido condições de ser constituída:

⁴⁹ O documento mais recente, A Base Nacional Comum Curricular também considera Educação Ambiental como um Tema Transversal.

⁵⁰ O termo hermenêutica aparece em GRUM (2005) e se refere a um modelo de obtenção de conhecimento que busca situar o sujeito sempre no horizonte fornecido pela história e pela cultura, acabando com as ideias de distinção entre o sujeito e o objeto (ambiente). Nesse sentido, Grum encontra Ingold, considerando o sujeito e o ambiente como partes de um mesmo todo, em nosso caso, os estudantes e o ambiente Lagoa Pequena como parte da paisagem.

- na paisagem da Lagoa Pequena antropizada e formada das relações históricas com o humano, mas ainda detentora de componente biológico e biodiversidade, em que o corpo hídrico é o grande representante de natureza da paisagem;
- na comunidade do Campeche/Rio Tavares que já demonstrou poder formar relações de afeto com a Lagoa Pequena, sentimento de pertencimento à paisagem e dar considerações à natureza com a mesma importância que se dá a um membro da comunidade;
- numa escola inserida no contexto cultural dos estudantes, em que se pode estudar história, geografia, biologia (ciências) e ter aulas voltadas à educação ambiental.

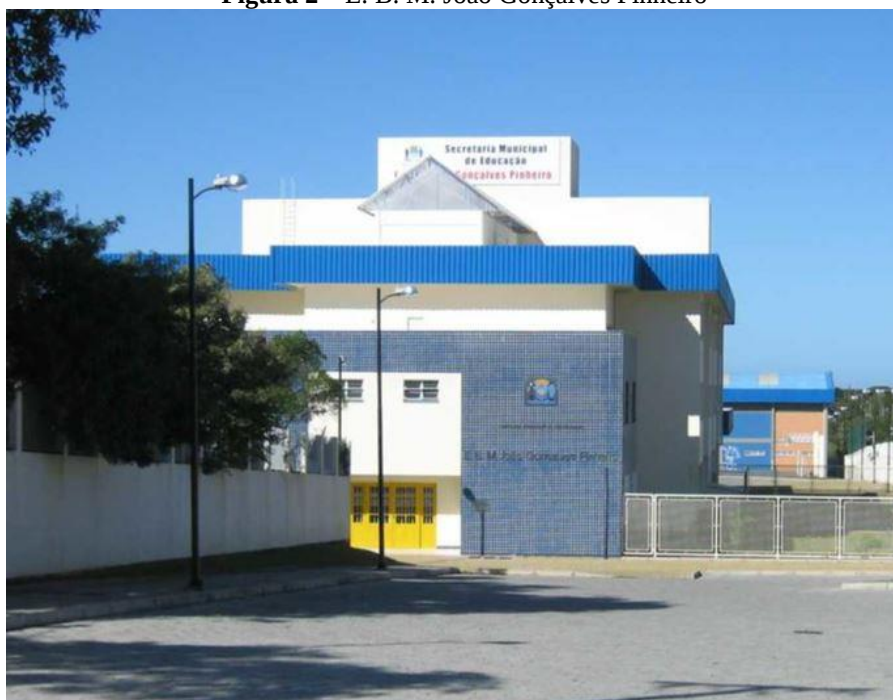
Esses componentes nos convidam a procurar descrever dentro do tempo possível e da metodologia aplicada como é a percepção dos estudantes dessa escola comunitária acerca da Lagoa Pequena.

3.5 A ESCOLA E SEUS ESTUDANTES

A unidade escolar mais próxima da Lagoa Pequena, sendo também referência de ensino público na paisagem de estudo é a Escola Básica Municipal João Gonçalves Pinheiro⁵¹, localizada na Rua Silvio Lopes de Araújo, CEP 88048-391 - Rio Tavares. Segundo o Projeto Político Pedagógico, o PPP JGP (2021), sua fundação data de 30 de Maio de 1968 quando então, sob o título de Escola Desdobrada, atendia apenas séries iniciais do que consideramos ser hoje o ensino fundamental. Em 1975, a escola passou à categoria de Escola Básica, oferecendo escolaridade até a 8ª série (hoje 9º ano); neste período, ganhou seu nome atual, advindo de um dos primeiros professores moradores do bairro, o senhor João Gonçalves Pinheiro, falecido alguns anos antes, em 1971. Na figura 2 é possível ver a frente da unidade.

⁵¹ Vide Figura 1 neste trabalho para a noção de distância entre o corpo hídrico da Lagoa e a Escola. Da extremidade sul da Lagoinha se pode ver as dependências da Escola e o prédio do ginásio. Alguns moradores relatam ter sido comumente realizada a locomoção até a escola por um caminho que passava por dentro da área da Lagoinha, o que ocorria nos idos da década de 1990 (informações obtidas de moradores locais em conversa com a autora).

Figura 2 – E. B. M. João Gonçalves Pinheiro



Fonte: Flickr (2010).

Ainda de acordo com o documento, a unidade conta com ensino regular, trabalhando com o fundamental- anos iniciais e finais nos turnos matutino e vespertino e no período noturno oferece aulas para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). O espaço físico conta com térreo e dois andares em que estão distribuídas as salas pedagógicas, dentre as quais destacam-se biblioteca, sala de atendimento à educação especial, laboratório de ciências, auditório, salas de aula ambiente das disciplinas de história, geografia, ciências e matemática; no pátio, além das quadras e ginásio para prática esportiva, fica localizada a horta escolar.

A escola oferece algumas atividades no contraturno das aulas, dentre as quais destaca-se o *Clube da Sustentabilidade* que está relacionado com práticas ambientais e auxilia no manejo da horta.

Dentre os princípios⁵² estabelecidos no Projeto Pedagógico estão:

- o *princípio do direito e respeito à diversidade*, em que o entendimento das diferenças e o combate à discriminação são compreendidos como direitos sociais e aspectos históricos devem ser estudados para respaldar essa construção de conhecimento;
- o *princípio de sustentabilidade socioambiental*, em que a educação ambiental é empregada de forma crítica e vista como um ato político voltado à transformação social;

⁵² Em seu PPP (2021), a João Gonçalves procura estabelecer comportamentos que devem ser estimulados ou evitados para o cumprimento dos princípios propostos.

- e o *princípio metodológico sociointeracionista*, cujas bases estão em compreender o aluno como um ser ativo e atuante sobre o seu objeto de conhecimento; em relação a este último princípio, a escola entende como papel do professor consideração no ensino dos valores, interesses, experiências, culturas, escolhas, fins que encaminham internalizações físicas e mentais e contribuem para a consciência do sujeito-estudante (PPP JGP, 2021).

Como mencionado em seu PPP, a unidade se reconhece como um espaço para a prática de gestão participativa em que há uma busca pelo envolvimento da comunidade na tomada de decisões. A unidade entende que realiza esse movimento por meio do calendário escolar, reuniões de pais por turma, Associação de Pais e Professores - APP, conselho de escola, colegiados de classe, entrega de boletins e realização de assembleias comunitárias⁵³.

A localidade do Rio Tavares estando dentro do distrito administrativo do Campeche (PMF, 2022), compartilhou com ele as origens históricas de sua gente. Com isso, a João Gonçalves Pinheiro cresceu em capacidade acompanhando o volume e a constituição comunitária. Hoje, os estudantes são crianças e adolescentes das mais diversas regiões do estado e do país e também filhos da comunidade distrital (PPP JGP, 2021).

4 METODOLOGIA

4.1 DO TIPO DE PESQUISA

Em se tratando de uma pesquisa cujo alvo de estudo é o ser humano, sua percepção e os componentes que a estruturam, como as relações sociais, a metodologia empregada nesta pesquisa é de cunho social, ou seja, corresponde à categoria de pesquisa qualitativa descritiva e explicativa (Minayo; 2014), pois para além de descrever os resultados das coletas de dados, ainda se propõe a correlacioná-los com os fatores contextuais. As técnicas utilizadas para a coleta de dados (questionário e entrevistas) foram escolhidas para melhor atender ao público alvo de cada uma, portanto, para justificá-las, é preciso se ater aos públicos.

4.2 O PÚBLICO-ALVO DA PESQUISA

Como visto no Capítulo 5 “A Percepção e a Educação Ambiental na Escola”, a escolha pelos estudantes da Escola João Gonçalves Pinheiro como público-alvo da pesquisa,

⁵³ Como a que definiu o plano de ação apresentado à comunidade, vindo a ocorrer em 2019 (PPP JGP, 2021).

sobre o qual se objetiva entender as facetas da percepção ambiental acerca da Lagoa Pequena, se deu baseada na possibilidade de interação com a paisagem, bagagem cultural e acesso a educação ambiental que o referido público apresenta. Ademais, foi preciso fazer um segundo recorte para selecionar um número coerente de participantes, considerando-se que se trata de uma pesquisa de caráter qualitativo. Delimitou-se assim uma única série a ser abordada, sendo esta o 9º Ano do ensino fundamental. Entende-se que, estando estes indivíduos no último ano de formação da escola e tendo eles de forma geral frequentado as aulas ali desde anos anteriores, a etapa final se configura no momento em que há maior possibilidade da educação ambiental fornecida pela escola ter influenciado os sentimentos, os pensamentos e consequentemente a percepção individual dos sujeitos, simplesmente porque para esse público houve mais tempo para que ela fosse trabalhada, em relação às demais séries. O 9º Ano contou em 2024 com uma turma no turno matutino (com 33 estudantes) e uma turma no turno vespertino (com 34 estudantes), totalizando 67 estudantes convidados a participar da pesquisa; número alcançável e cujos resultados da participação seriam passíveis de análise no tempo de duração da pesquisa. Selecionou-se critérios para inclusão e exclusão dos participantes, sendo estes os seguintes:

Inclusão

- Estudantes do 9º ano da escola João Gonçalves Pinheiro.
- Estudantes do turno matutino e vespertino.
- Estudantes que apresentaram, até a data da coleta de dados, todos os documentos necessários à participação na pesquisa assinados⁵⁴.

Exclusão

- Estudantes faltosos no dia da coleta dos dados da pesquisa.
- Estudantes que no ato de participação na pesquisa manifestaram vontade de recusa da participação de forma verbal, ainda que tenham assinado os documentos previamente.
- Estudantes que manifestaram vontade de não participação ou desistência em qualquer etapa da pesquisa.

⁵⁴ Como é relativo à pesquisa com Seres Humanos, este trabalho passou pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH UFSC), segundo o qual estabelece para a pesquisa com menores de idade a necessidade de assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por parte de um responsável, seguida da assinatura de Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) pelo participante menor.

Até a data marcada para a coleta de dados, realizada na escola João Gonçalves, 9 (nove) estudantes se encaixavam nos critérios de inclusão e exclusão, sendo este o número total de participantes da pesquisa.

4.2.1 A consideração dos professores

O componente educação ambiental na escola é um produto ativo do trabalho dos professores das áreas a que ela está direta ou indiretamente relacionada. Desta forma, entender a percepção ambiental dos estudantes, seja como um todo, seja com enfoque na Lagoa Pequena, passa por olhar para o trabalho dos professores, suas perspectivas e suas opiniões acerca do tema. Essa categoria pode revelar detalhes do funcionamento da educação na prática, rememorando eventos que ajudam a elencar elementos e ocorrências que explicam em parte porque a percepção dos estudantes está estruturada da forma que a encontramos. Seguindo o processo histórico de estruturação da paisagem da Lagoa Pequena e de sua comunidade, considerando o tema ambiental e a organização política inerente aos dois primeiros, entende-se que os professores relacionados para contribuir com esta pesquisa são aqueles que lecionam as disciplinas de História, Geografia e Ciências, tendo um professor representante de cada disciplina participado desta pesquisa, totalizando 3 (três) professores no total. Os critérios para consideração dos professores foram os seguintes:

Inclusão

- Professores atuantes na Escola João Gonçalves Pinheiro no ano de 2024.
- Professores efetivados na escola ou sob contrato temporário - ACT, desde que tenham assumido a vaga até fim de Abril de 2024.
- Professores das áreas de Geografia, História e Ciências.
- Professores que manifestaram livre vontade de participação na pesquisa, mediante assinatura do TCLE.

Exclusão

- Professores efetivos ou ACT que assumiram a vaga após Abril de 2024.
- Professores que manifestaram desejo de não participação na pesquisa mediante não assinatura do TCLE.
- Professores que manifestaram vontade de não participação ou desistência em qualquer etapa da pesquisa.

4.2.2 Da representatividade dos participantes

A pesquisa qualitativa difere-se da pesquisa quantitativa no que tange à especificidade, intensidade e singularidade que busca analisar nos dados obtidos. Segundo Minayo (2017) a pesquisa quantitativa trata da magnitude dos fenômenos, procura homogeneidade, repetições entre eles, aspectos que podem ser contados. Precisa trabalhar com população ou amostra, qual deve apresentar um número amostral representativo da população. Já a pesquisa qualitativa procura singularidade nos significados.

[...] a pesquisa qualitativa, usando-se da linguagem de Kant, busca a “intensidade do fenômeno”, ou seja, trabalha muito menos preocupada com os aspectos que se repetem e muito mais atenta com sua dimensão sociocultural que se expressa por meio de crenças, valores, opiniões, representações, formas de relação, simbologias, usos, costumes, comportamentos e práticas (Minayo, 2017; p. 2).

[...] nas pesquisas qualitativas, as amostras não devem ser pensadas por quantidade e nem precisam ser sistemáticas. Mas a sua construção precisa envolver uma série de decisões não sobre quantos indivíduos serão ouvidos, mas sobre a abrangência dos atores sociais, da seleção dos participantes e das condições dessa seleção [...] (Minayo, 2017; p. 3).

Com o referido acima, é seguro afirmar que a pesquisa qualitativa não necessita apresentar um número amostral proporcional ao tamanho da população⁵⁵, desde que os participantes representem com seus dados uma perspectiva da comunidade. Sabe-se que isso é possível, mesmo diante de um número pequeno de participantes, em comparação ao total.

Para assegurar a fidedignidade dos dados, a abordagem do público alvo seguiu os critérios de Minayo (2017), sendo estes: “[...] dar atenção à elaboração de instrumentos que permitam compreender as homogeneidades e as diferenciações internas do grupo ou dos grupos a serem pesquisados” (Minayo, 2017; p. 4). Atendido através da confecção de questionário em linguagem adequada aos estudantes do 9º ano, utilizando-se de termos coloquiais da linguagem usual dos adolescentes e da confecção de roteiro de entrevista para os professores, com perguntas orientadoras organizadas do tópico mais geral para o mais específico, procurando dar tempo aos professores para rememorem suas experiências.

[...] assegurar que a escolha do local e do grupo (ou dos grupos) para observação e troca de informações contemple o conjunto das características, experiências e

⁵⁵ Portanto, 9 estudantes dentre 67 é um número passível de se considerar, segundo a metodologia adotada nesta pesquisa.

expressões que o pesquisador pretende objetivar com seu estudo (Minayo, 2017; p. 4).

“[...] privilegiar, na amostra, os sujeitos sociais que detêm os atributos que o investigador pretende conhecer.” (Minayo, 2017; p. 4).

Atendidos através da escolha do público alvo baseado em componentes históricos, culturais, geográficos e cotidianos que provam a relação dos estudantes com a Paisagem da Lagoa Pequena.

“[...]dar atenção, também, a todos os outros grupos que interagem com o principal, buscando compreender o papel de cada um em suas interações, interconexões e influências mútuas.” (Minayo, 2017; p. 4).

Atendido através da consideração dos professores nesta pesquisa.

“[...] nunca desprezar informações ímpares, que se destacam e não são repetidas, cujo potencial explicativo é importante para a descoberta da lógica interna do grupo estudado.” (Minayo, 2017; p. 4).

Atendido através da consideração de cada uma das respostas na análise dos dados, sem qualquer descarte.

4.3 QUESTIONÁRIO

O *questionário* foi escolhido como sendo a técnica de coleta de dados fornecidos pelos estudantes respondentes. Sendo assim, é por meio de suas respostas ao conjunto de perguntas elencadas pela pesquisa de onde se obtém primariamente a percepção do grupo e por meio do qual o trabalho a descreve em seu estado atual. Um questionário desempenha a mesma função de uma entrevista com roteiro fixo (estruturada) e é uma ferramenta adequada para uma grande quantidade de respondentes e para um momento de coleta em que há fatores que inviabilizem uma entrevista individual, como o caso em questão.

O questionário referente a esta pesquisa foi pensado para atender aos estudantes do ensino fundamental (nono ano), com idade entre 13 e 15 anos, para a qual a linguagem foi adaptada de forma a utilizar termos coloquiais do cotidiano estudantil e/ou explicar os termos

teóricos apresentados com linguagem acessível⁵⁶, segundo as diretrizes vistas em Maia (2020).

A aplicação da técnica se deu no espaço da escola, em sala separada, própria para receber os participantes, e no mesmo turno em que estes frequentam as aulas de disciplinas da grade regular. Cada estudante participante recebeu uma cópia impressa do questionário e folhas de resposta, quais deveriam ser escritas manualmente pelos participantes em letra corrida ou de forma, em caneta esferográfica. A duração total da aplicação foi de 90 minutos. As respostas foram transcritas para o corpo de texto deste trabalho.

Ressalta-se que como qualquer outro questionário, este levanta aquilo que os estudantes *dizem* que sentem, fazem, pensam, recordam etc; o que não inviabiliza a pesquisa (Maia, 2020).

4.4 ENTREVISTAS

A *entrevista* foi escolhida como técnica de coleta de dados destinada aos professores das disciplinas de Ciências, Geografia e História da unidade escolar. Embora este público não seja alvo do estudo, sua experiência e acompanhamento pedagógico do público alvo fornece informações importantes que ajudam a estruturar as inferências feitas para caracterizar os motivos que levam à estruturação da percepção dos estudantes acerca da Lagoa Pequena tal qual ela está. Por se tratar de entrevistas em que havia um roteiro base para orientar os rumos da entrevista, quando o(a) entrevistado(a) e entrevistadora podiam e queriam acrescentar perguntas e respostas outras que julgavam pertinentes, estas foram realizadas e consideradas, fazendo delas entrevistas em modelo semi-estruturado.

Cada entrevista foi realizada de forma particular com o(a) docente em sala reservada dentro do espaço da escola, no mesmo turno em que o(a) docente trabalha na unidade escolar e tomando o tempo de 1 (uma) hora de seu período de hora-atividade, sendo então gravadas e posteriormente transcritas para este trabalho⁵⁷.

Em concordância com a metodologia necessária para assegurar a fidedignidade da pesquisa, tanto a confecção do roteiro de entrevista quanto a postura no ato de realização da mesma seguiram diretrizes pré-estabelecidas na literatura, sendo estas:

⁵⁶ Ver modelo do questionário no APÊNDICE I.

⁵⁷ Ver transcrição das entrevistas no APÊNDICE A, B e C.

Evite perguntar coisas óbvias e que o pesquisador já tenha informações [...]. Não use expressões difíceis, técnicas demais ou coloquiais e vulgares que podem ser ofensivas; Inicie a entrevista com perguntas tranquilas de responder, sobre fatos e informações: dê segurança ao entrevistado; Não faça perguntas com entonações que mostrem desagrado ou satisfação. Qualquer mínima expressão facial ou de voz pode induzir o participante a responder sobre a questão querendo “agradar” o pesquisador; Não faça perguntas que tenha respostas implícitas. Se perguntar algo, complete com as duas formas de respostas [...]. Siga o roteiro, mas seja flexível, pois o participante pode responder as perguntas finais antes delas chegarem. Respeite, escute e se preciso, explore mais, quando nelas chegar; Se for mudar de assunto, pode preparar o participante. “Agora vamos tratar de outro assunto, vamos falar de...”; Se o entrevistado não entender a pergunta, não responder adequadamente, o pesquisador pode explorar, sem induzir nenhuma resposta (Maia, 2020, p. 28).

4.5 DA ANÁLISE

Sob a proposta de descrever os resultados e correlaciona-los organizou-se os estudantes respondentes em categorias baseadas no tipo de resposta dada às perguntas presentes no questionário. As categorias são então referentes às perguntas do questionário e aparecem vinculadas a uma delas ou a uma junção de perguntas de mesmo sentido e mesmo objetivo que configuram um eixo de análise. São cinco categorias centrais: *A noção de existência da Lagoa Pequena; a relação cultural com ela; o entendimento da Lagoa enquanto Paisagem, a educação ambiental na Escola e as relações afetivas e de conhecimento ambiental para com a Lagoa Pequena.*

Após o estabelecimento de categorias, são apresentadas as respostas que ilustram as opiniões dos estudantes correspondentes a cada uma e é apresentada uma análise sob seu conteúdo, procurando correlacionar respostas que possuem bases comuns ainda que tenham sido dadas por diferentes estudantes para diferentes perguntas. Nesta análise são oferecidas também inferências que buscam, baseadas na pesquisa teórica e nas entrevistas com os docentes, explicar os possíveis motivos que levam ao estado atual das percepções dos estudantes.

Este tipo de análise em pesquisa qualitativa é denominada análise hermenêutica ou interpretativa (Minayo; 2014). De acordo com Sidi e Conte (2017), sua base teórica busca uma reflexão e uma compreensão sobre aquilo que vemos, lemos, vivenciamos; busca *compreender* constituindo um ato infundável de reconciliação com o outro, com a natureza, com a realidade. Ainda segundo os autores, ao fazer isso, deve-se reconhecer que na medida em que interpretamos algo, relacionamos diretamente com a visão de mundo que temos.

Este trabalho se propõe então a traçar uma faceta da percepção desses estudantes sobre a Lagoa Pequena, sem pretensão de descrevê-la em totalidade, haja vista que se reconhece no traçado a mão da observadora.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISE

Os resultados se configuram nas respostas que foram dadas no questionário usado como ferramenta de coleta. Para fins de melhor entendimento, opta-se por citar cada resposta no momento em que a análise se referir a ela, na intenção de tratar das ideias de forma mais coesa e menos interruptiva. Todas as respostas do questionário, assim como a transcrição das entrevistas com os professores aparecem nos APÊNDICES, na íntegra.

5.2 PERFIL DOS PARTICIPANTES

5.2.1 da idade e da série

Em primeiro, apresenta-se a idade dos participantes da pesquisa como sendo compreendidas no intervalo de **14 a 15 anos**. Todos os participantes estão compreendidos enquanto alunos da série do 9º ano, da turma de período matutino nº1 da Escola João Gonçalves (91).

5.2.2 do local em que residem em relação à Lagoa Pequena

Foram consideradas três categorias⁵⁸ para classificar as respostas dos participantes de acordo com o local de residência, informações que aparecem na tabela 1.

⁵⁸ Dos bairros e localidades que aparecem nas respostas, Campeche e Rio Tavares são consideradas adjacentes à paisagem da Lagoa Pequena. Porto da Lagoa, Lagoa da Conceição e Costeira do Pirajubaé são considerados bairros afastados e o Rio Vermelho é considerado um bairro distante. Isso porque Porto da Lagoa, Lagoa da Conceição e Costeira do Pirajubaé distam respectivamente 3,6 Km; 7,6 Km e 8,7Km da Lagoa Pequena, ao passo que o Rio Vermelho dista 24 Km (Google Maps, 2024). Estas distâncias são calculadas ao longo das rodovias e estradas de acesso às localidades.

Tabela 1: Local de residência dos participantes em relação à Lagoa Pequena (LP)

Categoria	Número de Participantes	Respondentes (Nº)
Residentes nas adjacências ⁵⁹ da LP	5	1, 2, 3 ⁶⁰ , 5 e 6
Residentes em locais afastados da LP	3	4 ⁶¹ , 7 e 8
Residentes em locais distantes da LP	1	9

Fonte: Elaborada pela autora.

Neste grupo de respondentes é parelha a razão entre os que residem na paisagem e fora dela, exemplificando o relato uníssono dos docentes que, em entrevista, apontaram o público estudantil atual como heterogêneo e diversificado, composto por descendentes de moradores locais e de fora da localidade. Segundo os docentes, parte do público estudantil frequenta a escola acompanhando o trabalho dos responsáveis, o que pode explicar a presença daqueles estudantes oriundos de comunidades distantes ainda que estas apresentem escola de mesmo nível.

5.2.3 do tempo de residência na localidade

Essas categorias buscam caracterizar aqueles que são residentes da paisagem da Lagoa Pequena, os que não são, e as diferenças no tempo de residência entre eles, informações contidas na Tabela 2.

Tabela 2: Período de residência dos participantes em relação à Lagoa Pequena (LP)

Categoria	Número de Participantes	Respondentes (Nº)
Residiu sempre nas adjacências da paisagem da LP	2	1 e 2
Residiu em outro local e atualmente na paisagem da LP	2	5 e 6
Outros	4	4, 7, 8, 9
Não informado	1	3

Fonte: Elaborada pela autora.

⁵⁹ É possível que o leitor conteste por que CAMPECHE/RIO TAVARES não foram consideradas dentro da paisagem. Ressalta-se que para fins de estudo, o que estamos chamando paisagem da Lagoa Pequena foi delimitado por pontos específicos que geograficamente compreendem uma região pequena de Campeche e Rio Tavares. Como os respondentes não especificaram seu endereço não é possível saber se residem dentro desta delimitação ou fora. Para tal, sempre que o respondente afirmar residir em CAMPECHE/RIO TAVARES, por impossibilidade de afirmá-lo dentro da paisagem, considera-se que ele está minimamente próximo dela.

⁶⁰ Participante não respondente, porém qual se credita ter residência nas adjacências da Lagoa Pequena (Rio Tavares ou Campeche) em virtude de sua resposta à pergunta nº 2 em que este afirma passar pela Lagoa Pequena a pé no caminho entre casa e escola.

⁶¹ A participante que disse residir na divisa entre os bairros Rio Tavares e Porto da Lagoa foi considerada residente no Porto da Lagoa.

Novamente a heterogeneidade do público em questão é destacada. Tem-se a figura dos estudantes moradores nascidos e criados sob os aspectos locais; tem-se a figura dos moradores advindos de outras localidades, mas residentes na comunidade do Campeche/Rio Tavares há alguns anos e tem-se a figura do estudante que não reside na localidade, mas a habita com frequência semanal em decorrência da escola.

5.2.4 do tempo em que frequenta a escola

São categorias referentes ao período de tempo pelo qual o estudante frequenta a Escola baseado no momento de ingresso, se já em alguma série dos anos finais do ensino fundamental (de 2021 para frente) ou se ainda cursando os anos iniciais (período anterior a 2021), informações contidas na Tabela 3.

Tabela 3: Momento de Ingresso na Escola EBM João Gonçalves Pinheiro

Categoria	Número de Participantes	Respondentes (Nº)
Ingressou na escola em/ou após 2021	4	4, 5, 7 e 9
Ingressou na escola antes de 2021	4	1, 2, 6 e 8
Não respondeu	1	

Fonte: Elaborada pela autora.

5.3 A PERCEPÇÃO DA LAGOA PEQUENA

5.3.1 da noção de existência

Para tal, analisou-se e elencou-se categorias referentes às respostas das perguntas 1 e 2 do questionário aplicado. Do referente ao conhecimento da existência da Lagoa, as informações são apresentadas na Tabela 4.

Tabela 4: Conhecimento/ciência da existência da Lagoa Pequena (LP)

Categoria	Número de Participantes	Respondentes (Nº)
Conhecimento da existência da LP	9	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9
Desconhecimento da existência da LP	0	

Fonte: Elaborada pela autora.

Ao se considerar as respostas referentes à categoria “Conhecimento da existência da Lagoa Pequena”, estabelece-se categorias referentes à origem deste conhecimento na Tabela 5.

Tabela 5: Fonte do conhecimento da existência da Lagoa Pequena pelos estudantes

Categoria	Número de Participantes	Respondentes (Nº)
Através da família e/ou amigos	6	2, 3, 4, 7 ⁶² , 8 e 9
Através da escola	3	1, 5 e 7
Outros	2	6 e 7

Fonte: Elaborada pela autora.

E categorias referentes à ausência ou presença de conhecimento empírico ou particular sobre a Lagoa (corpo hídrico e vegetação), na forma de visita física ao local, vistas na Tabela 6.

Tabela 6: Visitação dos estudantes à Lagoa Pequena (LP)

Categoria	Número de Participantes	Respondentes (Nº)
Já visitou presencialmente a LP	9	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9
Nunca visitou presencialmente a LP	0	

Fonte: Elaborada pela autora.

De forma geral, a ciência da existência da Lagoa Pequena é compartilhada entre todos os participantes. Ademais, todos os respondentes relataram ir até/passar pela Lagoa Pequena, o que lhes configura um conhecimento também prático ou empírico da existência do ambiente. Isso nos permite tratar a mera ciência e o conhecimento particular conjuntamente.

Observa-se que este conhecimento da Lagoa advém de duas fontes principais. A primeira é a via cultural, estabelecida pelo aparecimento da figura da Lagoa Pequena como local próximo a residência familiar e nas relações interpessoais cotidianas dos estudantes: lazer com amigos e família; conversa com a família ou deslocamento de casa até a Escola.

Exemplos:

em resposta à pergunta 1) você conhece ou já ouviu falar da Lagoa Pequena? e 2) Você já foi até a Lagoa Pequena?

Respondente Nº 8: “*Sim, minha vó mora na rua*”⁶³.

Respondente Nº 9: “*Sim, meu pai me apresentou e falou sobre.*”

Respondente Nº 5: “*Sim, já fui mais de 15 vezes para tomar banho com amigos ou familiares.*”

⁶² Perceba que dada a natureza da resposta do participante Nº7, ela se encaixa nas três categorias simultaneamente.

⁶³ As frases dos respondentes foram transcritas no corpo de texto do trabalho exatamente como escritas por eles no questionário.

Respondente N° 6: ***“Sim, passo por lá todo dia no caminho de volta da escola, de ônibus, carro ou a pé.”***

Nessas passagens se observa momentos em que os estudantes relatam algum tipo de interação deles para com o ambiente natural (Lagoa Pequena e praia do Campeche).

Exemplo:

Respondente N° 4: ***“Aprendi em casa ali em torno dos meus 8 pra 9 anos de idade, quando conversava com meu pai sobre as praia para irmos.”***

Nas respostas em que a figura da Lagoa aparece vinculada às relações familiares e de amizade de um tempo pregresso como a infância, é perceptível a presença de um componente afetivo vinculando o local a uma lembrança prazerosa.

Exemplo:

Respondente N°3 ***“Sim, eu passo na frente quase todos os dias, pois volto da escola para casa andando. E já fui várias vezes tomar banho quando era menor e sempre foi muito divertido.”***

Respondente N° 8 ***“Já fui lá varias vezes, pra me refrescar no verão com meus irmãos, muito legal, nos se jantamos com meu pai e íamos.”***

A segunda é a via escolar em que os estudantes relatam terem tomado conhecimento da Lagoa Pequena e ter tido a oportunidade de visitá-la através da escola.

Exemplo:

Respondente N°1: ***“Conheço, aprendi na escola sobre ela.” “Já fui uma vez à Lagoa Pequena, foi em um passeio escolar. Se não me engano era 2019 quando eu fui, um guia foi contando a turma sobre a paisagem da lagoa, os animais e plantas que vivem lá, dentre outras coisas.”***

Respondente N°5: ***“Sim, aprendi na escola com trabalhos e passeios até lá.”***

Respondente N°4: ***“Sim, fui apenas 1 vez, em um passeio da escola, fomos até lá com nosso(a) ex-professor(a) de geografia[nome do docente], fomos até lá para plantarmos árvores e plantas, indo também para estudar a fauna e flora local, em 2022 se não me engano.”***

5.3.2 da relação cultural

Para tal, analisou-se e elencou-se categorias referentes às respostas das perguntas 3 e 4 do questionário aplicado. As categorias referentes a questão 3 aparecem aqui para relacionar quais participantes não conseguem dizer o momento em que se aperceberam da existência da Lagoa Pequena por conta de ser uma memória de infância e quais deles lembram-se de viver um momento em suas vidas sem esta ciência percebendo o ponto em que a adquiriram; para tal ver Tabela 7.

Tabela 7: Recordação do momento de conhecimento da existência da Lagoa Pequena (LP)

Categoria	Número de Participantes	Respondentes
Não se recorda do momento de tempo em que conheceu a LP	5	Nº 1, 2, 3, 8 e 9
Recorda-se do momento de tempo em que conheceu a LP	4	Nº 4, 5, 6 e 7

Fonte: Elaborada pela autora.

As categorias referentes a questão 4 dizem respeito à relação familiar com a Lagoa Pequena, se o estudante possui familiares, inclusive de outras gerações, que se relacionam/se relacionaram com a Lagoa, ver Tabela 8.

Tabela 8: Conhecimento dos familiares da existência da Lagoa Pequena (LP)

Categoria	Número de Participantes	Respondentes (Nº)
Afirma que os familiares conhecem a LP.	7	1, 2, 3, 4, 5, 8 e 9
Afirma que os familiares desconhecem a LP	2	6 e 7

Fonte: Elaborada pela autora.

Ao correlacionar as categorias das questões acima, é possível identificar três cenários. O primeiro é aquele em que seguramente existem pistas que indicam a relação cultural da família (e do estudante) com a Lagoa Pequena, pois é alegado que os familiares conhecem a Lagoa ao mesmo tempo em que sua memória esteve sempre no imaginário dos estudantes, a ponto de sequer recordarem desde quando a conhecem. Isso pode indicar que esse conhecimento foi passado enquanto percepção comum no âmbito da convivência familiar e das vivências cotidianas.

Exemplo:

em resposta à pergunta 3) Desde quando você sabe da existência da Lagoa Pequena? e 4) Quando você pensa na Lagoa Pequena, consegue se lembrar se alguma pessoa da sua família também a conhece?

Respondente N°1: ***“Desde pequena eu sei da existência da Lagoa Pequena por passar perto dela, seja de carro ou de ônibus. Meu pai e minha mãe também conhecem a Lagoa Pequena. Meu pai, que não nasceu aqui na ilha mas se mudou pra cá, e minha mãe e a família dela por ter nascido e crescido aqui.”***

Respondente N°3: ***“Desde bem pequeno. Minha mãe, avó, tia, tio, primos e outros. Minha mãe conhece desde 2000 que foi quando ela veio morar aqui. Minha avó veio no mesmo ano e meu tio, tia e primos, por volta do ano de 2011.”***

Esta relação cultural, como discutida nos capítulos 3 e 4, advêm também de pessoas não nativas da localidade, mas que se incorporaram como parte dela ao longo dos anos.

O segundo cenário diz respeito àqueles estudantes que mencionam o conhecimento da família sobre a Lagoa Pequena, mas as respostas sugerem que o vínculo que ela proporcionou entre estudante e Lagoa não é tão antigo ou tão comum quanto aquele descrito no cenário anterior, pois houve um momento da vida em que o estudante afirma não ter ciência da existência da Lagoa Pequena. São estudantes em que parte da família mora em locais mais afastados da Lagoa Pequena como Porto da Lagoa, ainda que outra parte more na paisagem, o que sugere, por ocasião, que o tema tenha sido pouco mencionado ao estudante em si. O mesmo acontece para estudantes que se mudaram recentemente para a localidade.

Exemplo:

Respondente N°4: ***“[questão 3] Como disse anteriormente, a mais ou menos uns 6 pra 7 anos (porque logo fasso 15). [questão 4] Praticamente todos, menos meus 2 sobrinhos pequenos de mais para saberem, a maioria conheceram crianças para adolescentes porque viviam por aqui (alguns ainda vivem aqui na região), acredito que já devem ter ido na lagoa sim.***

Respondente N°5: ***“Conheci em 2015 quando vim morar na ilha. [questão 4 -alguém da família conhece a Lagoa] Sim, minhas duas mães que falavam que tinha jacaré na Lagoa.”***

O terceiro cenário é aquele em que o estudante alega que a família desconhece a Lagoa Pequena por ser natural de outra comunidade⁶⁴, não tão longínqua, mas com identidade

⁶⁴ O estudante que reside no Rio Vermelho, apesar de ser o de residência em localidade mais distante da Lagoa apresenta um conjunto de respostas que nos diz que sua família e o próprio possuem vínculos com a

diferente da comunidade de Campeche/Rio Tavares como a Costeira do Pirajubaé ou por ocasião de mudança recente de todos para a localidade da Lagoinha. Em ambos os casos, o estudante não obteve um vínculo com a Lagoa formado pela família, mas pela vivência na localidade e pela escola.

Respondente N°6: “[questão 3] “*Conheci a Lagoa Pequena quando tinha 10 anos.* “[questão 4- alguém da família conhece a Lagoa] *Não.*”

Respondente N°7: “[questão 3] “*Desde 2020. Apreendi faz pouco tempo.* “[questão 4- alguém da família conhece a Lagoa] *Não.*”

5.3.3 Do entendimento da lagoa enquanto paisagem

Para tal, analisou-se e elencou-se categorias referentes às respostas das perguntas 5 e 6 do questionário aplicado. No que diz respeito à pergunta 5, as categorias visam apontar os elementos chave para caracterização de uma *paisagem* no entendimento dos respondentes; para tal ver Tabela 9.

Tabela 9: Descrição de paisagem por parte dos estudantes		
Categoria	Número de Participantes	Respondentes (N°)
Descreve paisagem como sinônimo de natureza	4	2, 6, 8 e 9
Descreve paisagem vinculada à natureza e construções humanas	1	4
Descreve paisagem como algo ao alcance da visão	3	1, 3, 5 e 7

Fonte: Elaborada pela autora.

As categorias a seguir, correspondentes à pergunta 6, procuram identificar se os respondentes vinculam a Lagoa Pequena à paisagem estabelecida ao redor da escola em que esta está compreendida; ver Tabela 10.

Tabela 10: Compreensão da Lagoa Pequena (LP) dentro da Paisagem da Escola

Categoria	Número de Participantes	Respondentes (Nº)
Compreende a LP dentro da paisagem que a escola integra	7	1, 2, 5, 6, 7, 8 e 9
Não compreende a LP dentro da paisagem que a escola integra	2	3 e 4

Fonte: Elaborada pela autora.

Quando perguntadas acerca do conceito de paisagem no geral, as concepções giram em torno da natureza como ponto principal de uma paisagem, em que *natureza* é sinônimo de ambiente natural.

Exemplo:

em resposta à pergunta 5) Para você, o que é PAISAGEM? e 6) Você considera que a Lagoa Pequena faz parte dessa paisagem onde a escola está ou não? Justifique sua resposta.

Respondente Nº2: ***“Para mim paisagem é um lugar com selva, árvores, rios, lagos essas coisas mais naturais.”***

Respondente Nº8: ***“O que tem natureza em volta.”***

A figura humana não aparece como um componente de *paisagem* nas respostas em que seu conceito é vinculado somente a ambientes naturais. Nessa perspectiva a inserção do humano na paisagem se dá como um elemento externo que eventualmente pode se conectar, mas sem fazer parte efetiva.

Exemplo:

Respondente Nº6: ***“Paisagem para mim é uma coisa satisfatória que traz alívio e nos conecta com a natureza.”***

Na resposta em que temos os elementos humanos como construções descritos enquanto paisagem há uma ideia de especificidade ou localidade.

Exemplo:

Respondente Nº4: ***“Paisagem pra mim é o entorno das coisas e lugares, como praias, lagoas, construções, casas, campos, dentre vários outros, que constituem o local.”***

Há ainda uma ideia mais generalista que vincula paisagem àquilo passível de ser visto pelo observador.

Exemplo:

Respondente N°1: ***“Algo que eu vejo. Um conjunto de coisas formam uma paisagem.”***

Quando a escola, um elemento cotidiano e pessoal marca uma paisagem e em seguida se pergunta se a Lagoa Pequena faz parte dela, discordam aqueles que não podem usar do elemento visual para colocar a Lagoa na paisagem, mesmo que ela seja um elemento local.

Exemplo:

Respondente N°3: ***“Acho que não porque não conseguimos ver a Lagoa da escola. Até onde sei.”***

Concordam aqueles que vincularam paisagem estritamente a ambiente natural, aceitando nesse segundo momento unir a natureza (Lagoa Pequena) com as construções humanas (escola e bairro ao redor) reconhecendo a história comum entre as duas, informando o contato cotidiano entre estudantes e Lagoa, ou seja, considerando o elemento de localidade e histórico para além do visual.

Exemplo:

Respondente N°1: ***“Sim, pois estão perto e a Lagoa faz parte da história do local.”***

Respondente N°7: ***“Sim, porque tendo várias pessoas aqui da escola que vão lá todos os dias, lá é algo que acostuma, quando falamos da nossa Escola já lembramos da Lagoa Pequena.”***

A princípio, o termo paisagem é conceituado de forma generalista e impessoal, com natureza sim, mas natureza intocada, de beleza cênica. Essa ideia parece conversar com o que comumente é chamado paisagem em fotos de rede social, cartões postais, filmes e outras mídias. Aparece também a ideia do local, mas no sentido de lugar visto, pedaço de terra, conceitos oriundos da geografia. Não aparece aqui uma ideia de paisagem enquanto constructo histórico. No entanto, quando a escala da resposta sai do âmbito geral e vai para o âmbito local, com a escola e a Lagoa Pequena como elementos a se considerar, estas duas são de forma geral bem relacionadas enquanto uma mesma paisagem e a Lagoa Pequena entra como elemento paisagístico não só pela natureza e pela localização, mas pela relação histórica e social, que tem com o restante da localidade. Dentre os estudantes que apresentaram esse ponto de vista estão aqueles de comunidades distantes e afastadas da Lagoa Pequena (N° 7, 8

e 9), evidenciando a força que a escola tem para torna-la parte do seu cotidiano⁶⁵, ainda que não residam em suas proximidades.

5.3.4 Da educação ambiental na escola

Para tal, analisou-se e elencou-se categorias referentes às respostas das perguntas 9, 10 e 11 do questionário aplicado. Em referência à questão 9, as seguintes categorias dizem respeito à presença de aulas voltadas à educação ambiental na escola; ver Tabela 11.

Tabela 11: Recordação de estudo ambiental na Escola (tema geral)

Categoria	Número de Participantes	Respondentes (Nº)
Recorda-se de ter estudado questões ambientais na escola	9	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9
Não se recorda de ter estudado questões ambientais na escola	0	

Fonte: Elaborada pela autora.

De forma geral, os estudantes reconhecem e se recordam de ter tido aulas em que houve temas relacionados à educação ambiental, dentre os quais estão aquecimento global, preservação ambiental, sustentabilidade, destinação correta de resíduos, horta e compostagem. De acordo com os docentes entrevistados, os temas citados são pautas que aparecem nos estudos do *Clube da Sustentabilidade*, com membros de diversas séries da escola, além do 9º ano e encabeçada pelo(a) docente de Geografia. O(a) docente de Ciências alega recorrer com frequência ao *Clube* para prestar apoio aos assuntos relacionados a valores e pautas ambientais. Já aparece a figura da Lagoa Pequena como objeto de estudo, dentro da perspectiva da localidade.

Exemplo:

em resposta à pergunta 9) Nesta escola que você está agora, você se lembra de ter estudado coisas sobre questões ambientais? Cite algumas dessas questões ambientais estudadas.

Respondente N°3: ***“Sim, já estudamos os básicos, jogar lixo no lugar certo, cuidar das plantas, etc.”***

⁶⁵ Além de que a escola é uma das responsáveis por levar o conhecimento histórico da Lagoa, apresentando-a aos alunos que não o obtiveram no núcleo familiar como o N°7.

Respondente N°5: *“Sim, sobre horta e compostagem.”*

Respondente N°6: *“Sim, aquecimento global e preservação da natureza.”*

Respondente N°4: *“Sim, muitas vezes, temos um projeto a tarde toda segunda feira, com o(a) [nome do docente de geografia](que citei anteriormente), ele nos dá aulas sobre sustentabilidade e “natureza””.*

Respondente N°7: *“Ano passado e esse ano estudamos sobre questões ambientais, principalmente sobre a poluição da Lagoa Pequena.”*

Em referência à questão 10, as seguintes categorias procuram destacar a recordação dos estudantes acerca do aparecimento da escola e da localidade do entorno nos estudos de educação ambiental desenvolvidos na escola; ver Tabela 12.

Tabela 12: Recordação da escola e da paisagem como tema de estudo de Educação ambiental na escola

Categoria	Número de Participantes	Respondentes (N°)
Recorda-se de ter estudado a escola e a paisagem do entorno nos temas ambientais	5	1, 2, 4, 6 e 7
Não se recorda de ter estudado a escola e a paisagem do entorno nos temas ambientais	4	3, 5, 8 e 9

Fonte: Elaborada pela autora.

Em referência à questão 11, as seguintes categorias visam destacar a recordação dos estudantes acerca do aparecimento da Lagoa Pequena (especificamente) nos estudos de educação ambiental desenvolvidos na escola; ver Tabela 13.

Tabela 13: Recordação da Lagoa Pequena (LP) como tema de estudo de Educação ambiental na escola

Categoria	Número de Participantes	Respondentes (N°)
Recorda-se de ter estudado a LP nos temas ambientais	7	1, 2, 3, 4, 6, 7 e 8
Não se recorda de ter estudado a LP nos temas ambientais	2	5 e 9

Fonte: Elaborada pela autora.

Comparando as categorias das duas últimas tabelas acima conjuntamente, vê-se que existem aqueles estudantes que se recordam de ter estudado valores ambientais na escala da localidade para os quais a Lagoa Pequena foi um objeto de estudo marcante. As iniciativas e práticas pedagógicas relacionadas ao estudo ambiental na escala local aparecem creditadas ao

trabalho do(a) professor(a) de Geografia no espaço do Clube da Sustentabilidade⁶⁶. Em entrevista aos docentes (não só de Geografia, como de Ciências e História), vê-se que eles estão em concordância e afirmam ter acontecido visitas de estudo à Lagoa Pequena em diversas ocasiões ao longo dos últimos anos em que o(a) docente em questão atua mediando o Clube.

Exemplo:

em resposta à pergunta 10) A escola e a paisagem do entorno também já foram estudadas do ponto de vista ambiental nessa escola? e 11) Você se recorda de ter estudado a Lagoa Pequena e alguma aula, prática ou atividade na escola?

Respondente N°1: ***“Sim, estudamos em Geografia com o(a) professor(a) [nome do(a) professor(a) de geografia]. Visitamos a Lagoa, estudamos em sala de aula e fizemos um trabalho sobre ela com textos e imagens.”***

Respondente N°4: ***“Sim, com [docente de geografia][...] Adivinha, com o(a) [docente de geografia] de novo, [cita o nome] e no projeto.”***

Respondente N°7: ***“Sim, já foram estudadas. Sim, fizemos atividade com [docente de geografia] sobre a Lagoa pequena, muitos trabalhos.”***

Essa afirmação vem de estudantes que ingressaram na unidade escolar ainda nos anos iniciais do ensino fundamental. É importante ressaltar que, pelo maior período de tempo frequentando a escola, é possível que esses estudantes tenham tido mais oportunidades de estudar questões ambientais envolvendo a Lagoa Pequena do que os estudantes que expressaram diferentes afirmações.

Há também estudantes que, apesar de afirmarem ter visitado a Lagoa Pequena em saída de estudos no tempo em que frequentam a escola, alegam não se recordar do que foi abordado na ocasião e não a relacionam diretamente com o estudo dos elementos de localidade nas discussões ambientais; afirmam não se recordarem de tê-lo feito.

Exemplo:

⁶⁶ Segundo as entrevistas, algumas dessas iniciativas são: observação de aves na Lagoa Pequena, confecção de diário de campo com a Lagoa como objeto de estudo, trilhas guiadas ao Parque Municipal das dunas no trecho da Lagoa Pequena (evento mediado em pela FLORAM), dentre outras ainda em curso.

⁶⁷ No questionário físico original há um adjetivo respeitoso nesse trecho da frase que denota carinho do estudante pelo(a) docente, mas que opta-se por esconder para manter o anonimato de tal.

Respondente N°3: [pergunta 10]“***Não que eu me lembre.*** [Pergunta 11] ***Já tive uma aula prática visitando a Lagoa na minha antiga escola mas não me lembro exatamente o que aprendemos.***”

Respondente N°3: [pergunta 10]“***Não que eu me lembre.*** [Pergunta 11] ***Sim uma saída de estudos mas não me lembro.***”

Por fim, há aqueles que não se recordam de haver tido a escola ou a paisagem do entorno como tema de estudos ambientais e, por consequência, não o fizeram com a Lagoa Pequena.

Exemplo:

Respondente N°5: [pergunta 10] “***Não que me lembre.*** [Pergunta 11] ***Não que me lembre.***”

Respondente N°9: [pergunta 10] “***Não me lembro.*** [Pergunta 11] ***Não.***”

É importante ressaltar que esses últimos são estudantes que ingressaram na unidade escolar recentemente [em 2022 e 2023] e tiveram menos tempo de exposição às práticas ambientais desenvolvidas na escola, especificamente ao Clube de Ciências, em relação aos demais.

Parte significativa dos motivos pelos quais o(a) docente de Geografia ganha segurança para realizar este trabalho está no fato do(a) profissional ter formação ambiental básica e continuada na área ambiental, ser efetivo(a) na unidade escolar há mais de uma década, morador(a) da localidade do Campeche/Rio Tavares e conhecedor(a) das suas lutas históricas de resistência ambiental.

Os estudantes não citam diretamente aspectos ambientais locais e sobre a Lagoa Pequena obtidos nas disciplinas de Ciências. Dentre outros motivos, isso pode se dar pelo pouco tempo de trabalho do(a) docente na escola e pela dificuldade natural de se estabelecer um trabalho contínuo quando o cargo ocupado é temporário, como é o caso para este posto de professor de Ciências, ainda que o(a) docente busque abordar aspectos gerais de sustentabilidade e ambientalidade nas aulas.

Também não aparece diretamente nas respostas dos estudantes menção direta à disciplina de História quando a figura da Lagoa Pequena é mencionada. O(a) docente reconhece a falta de abordagem direta da Lagoa e da relação histórica dela com o bairro em

sua disciplina, apontando como uma das razões para tal a escassez de material bibliográfico publicado sobre a história local.

Entretanto, percebe-se nas falas desses dois últimos professores um reconhecimento do(a) docente de Geografia enquanto referência e no Clube de Sustentabilidade um espaço bem estabelecido para abordar discussões ambientais locais. Assim ambos vêm procurando incentivar o trabalho e colaborar com ele como lhes é possível o que pode explicar também a força com a qual conteúdos e experiências do propiciadas pelo Clube da Sustentabilidade aparece nas falas dos estudantes.

5.3.5 Da relação entre afeto e conhecimento ambiental

Para tal, analisou-se e elencou-se categorias referentes às respostas das perguntas 7, 8 e 12 do questionário aplicado. Em relação à pergunta 7, as seguintes categorias visam classificar as percepções dos estudantes de acordo com a existência declarada ou não de vínculo afetivo para com a Lagoa Pequena; ver Tabela 14.

Tabela 14: Vínculo afetivo/sentimental entre estudantes e Lagoa Pequena (LP)

Categoria	Número de Participantes	Respondentes (Nº)
Demonstra algum tipo de sentimento para com a LP	6	4, 5, 6, 7, 8 e 9
Não demonstra sentimento para com a LP	3	1, 2 e 3

Fonte: Elaborada pela autora.

Percebe-se que há três vieses com relação ao vínculo afetivo declarado com a Lagoa Pequena. Dos que demonstram algum tipo de sentimento é denotada afeição ou preocupação pelo ambiente; há aqueles que o fazem reconhecendo a Lagoa como um objeto pelo qual sentem nostalgia e um sentimento de pertencimento, vinculando-a a um tempo feliz de seu passado.

Exemplo:

em resposta à pergunta 7) Quando você pensa na Lagoa Pequena e na paisagem em seu entorno, que tipo de sentimento você sente?

Respondente Nº5: “*Me sinto em casa.*”

Respondente Nº8: “*Nostalgia de estar reunido com meus irmãos.*”

Respondente Nº9: “*Nostalgia pois tenho memórias boas do local.*”

E há aqueles que expressam sentimentos negativos relacionados não à Lagoa em si, mas às ameaças contra a preservação e saúde sofridas por ela.

Respondente N°4: ***“Neutro, um pouquinho triste, pela destruição da lagoa graças ao lixo que é jogado nela.”***

Respondente N°7: ***“Sinto alegria e as vezes triste por causa dos lixos que tem lá, ai prejudica a Lagoa e a Paisagem.”***

Há aqueles que alegam não demonstrar sentimento, fazendo-os com frases curtas ou creditando o fato a certa acomodação com a figura da Lagoa.

Exemplo:

[ainda em resposta a pergunta 7]

Respondente N°1: ***“Nada.”***

Respondente N°2: ***“Eu não sinto nada.”***

Respondente N°3: ***“Acho que nenhum porque já faz parte do meu dia a dia.”***

Em relação à pergunta 8, as categorias visam demonstrar para quais estudantes a manutenção da Lagoa Pequena (o ambiente lagunar representativo da paisagem) deve existir e é um valor pessoal e para quais esta relação não aparece; ver Tabela 15.

Tabela 15: Manutenção da Lagoa Pequena (LP) e seu valor pessoal para os estudantes		
Categoria	Número de Participantes	Respondentes (N°)
Alega se importar pessoalmente com a manutenção da LP	5	2, 3* ⁶⁸ , 4*, 5, 6, 7 e 9
Alega não se importar pessoalmente com a manutenção da LP	4	1, 3*, 4* e 8

Fonte: Elaborada pela autora.

⁶⁸ A natureza da resposta dos N° 3 e 4 os classifica nas duas categorias e evidencia a correlação que existe entre a pergunta 8 (que visa mais o sentimento bruto de cada estudante) da pergunta 12 (que visa o entendimento teórico cognitivo somente).

Nos que alegam se importar pessoalmente com a manutenção da Lagoa não aparece um detalhamento do porque o fazem, mas há um compartilhamento da certeza da necessidade de manutenção que passa pela ideia de preservação da paisagem pelo seu valor atribuído.

Exemplo:

em resposta à pergunta 8) Para você faria diferença se a Lagoa Pequena deixasse de existir como ela está ou se encontra hoje?

Respondente Nº5: ***“Sim, faria muita.”***

Respondente Nº7: ***“Faria diferença sim.”***

Respondente Nº6: ***“Sim, cada paisagem deve ser mantida.”***

Já nos que alegam não se importar aparece uma ideia de indiferença advinda do pouco convívio atual com a Lagoa ou do entendimento de perda total do ambiente tido como degradado.

Respondente Nº1: ***“Não exatamente. Não mudaria muita coisa em minha vida, já que não convivo com a Lagoa diariamente.”***

Respondente Nº8: ***“Não, já poluíram demais. Antes era mais limpa.”***

Há dois casos em que a resposta é um híbrido das duas categorias, pois de um lado o respondente afirma não ter vontade direta e pessoal de preservação da Lagoa, mas considera a preservação importante, o que parece ser uma concepção nascida não de sentimento pessoal, mas de pensamento adquirido por um conhecimento ambiental.

Exemplo:

Respondente Nº3: ***“Provavelmente não. Mas caso ali fosse apenas terra iriam existir vários prédios que não seria bom.”***

Respondente Nº4: ***“Sim, na verdade mesmo não, porque só a vi uma vez e não vou nela, mas talvez pela fauna e flora, sim.”***

Em relação à pergunta 12, as categorias visam identificar para além da opinião sentimental e pessoal, também a opinião baseada em instrução teórica acerca da preservação da Lagoa Pequena; ver Tabela 16.

Tabela 16: Opinião acerca da preservação da Lagoa Pequena (LP)

Categoria	Número de Participantes	Respondentes (Nº)
Concorda com a preservação da LP	9	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9
Não concorda com a preservação da LP	0	

Fonte: Elaborada pela autora.

A despeito de suas opiniões baseadas nos sentimentos básicos, quando seu conhecimento ambiental adquirido é acionado, como acontece na pergunta 12, os estudantes hegemonicamente se colocam a favor da preservação ambiental da Lagoa Pequena, elencando como motivos para tal a sua importância cênica, histórica, ambiental, recreacional e turística para animais, pessoas e comunidade, chamando novamente atenção para os problemas ambientais que demonstram conhecer como realidade no ecossistema e na paisagem.

Exemplo:

em resposta à pergunta 12) Na sua opinião, falando realmente o que você sabe, a Lagoa Pequena deveria ser cuidada, preservada, mantida lá onde ela está?

Respondente Nº1: *“Claro. Ela é importante tanto para alguns animais, para geografia do nosso bairro e também para algumas pessoas que aqui moram.”*

Respondente Nº2: *“Eu acredito que a Lagoa tinha que ser mais cuidada, para os moradores locais e até para o turismo, por que a qualidade da água é meio duvidosa.”*

Respondente Nº3: *“Acredito que ela deve ser preservada pois muitos seres vivem lá e é um lugar legal de tomar banho de vez em quando.”*

Respondente Nº4: *“Com plena certeza que sim, ela é muito importante para a natureza e os animais que ali habitam, fora que se for bem cuidada podemos ir nadar nela haha! Então resumindo...sim.”*

Respondente Nº5: *“Sim, pois para mim é o que deixa o Novo Campeche bonito.”*

Respondente Nº6: *“Sim, a paisagem da Lagoa pequena enriquece o lugar onde estudamos e deve ser preservada.”*

Respondente Nº7: *“Sim, deveria ser cuidada demais, porque lá é algo que a maioria da população daqui conhecem e já ouviram falar dela, iria melhorar a paisagem demais se tivéssimos mais pessoas querendo ajudar.”*

Respondente Nº8: *“Sim, por que quando eu era pequeno ela era mais cuidada, hoje em dia não da nem pra entrar na entrada principal e tem um monte de lixo lá.”*

Respondente N°9: “*Sim, é algo de anos e merece tudo isso, mas acho que deveriam cuidar mais.*”

6 CONCLUSÃO

Depois do estudo feito o que se constata é que a percepção ambiental dos estudantes da E. B. M. João Gonçalves Pinheiro sobre a Lagoa Pequena não pode ser referida no singular, uma vez que há elementos que sugerem que ela se desdobra em mais de uma.

Naturalmente, essa multiplicidade de perceber o ambiente e o mundo aparece com ênfase para o público alvo da pesquisa. Se Helbel, Vestena (2017) dizem que percepção é a aquisição de informações que vão chegando ao sujeito para serem interpretadas pelo mesmo com base no que viveu, é congruente que ela esteja se modificando na adolescência, um período marcado por experiências e novidades diversas. A modificação da *percepção* da Lagoinha em *percepções* ganha ainda mais força no contexto de adolescentes estudantes com acesso a conteúdos escolares sobre a referida paisagem. Portanto, qualquer descrição destas percepções deve levar em conta a incapacidade de se encerrar em si mesma, e estar consciente que deixa espaço para adendos por ventura não descritos pela pesquisa.

Trabalhando segundo esse condicionante, o que se descreve nesta conclusão não é uma eleição de categorias analíticas de percepção, mas uma tentativa de fornecer, com base nos dados obtidos, uma visão geral de duas feições aparentes sob as quais as percepções dos estudantes parecem se encaixar.

A primeira observada é aquela referida como *percepção indiretamente afetiva*. É uma percepção marcada pela ausência de elementos que mostram que os estudantes sentem algo ou reconhecem em si mesmos um sentimento para com a Lagoa Pequena, ainda que ela possa ser descrita por eles como algo a ser mantido. O termo *indiretamente afetivo* está aqui porque os dados não mostraram com clareza a ausência de sentimento para com a Lagoinha, mas mostraram a ausência do afeto como componente imediato/direto e principal dessas percepções.

A segunda é referida como *percepção diretamente afetiva* em que os estudantes parecem estar mais afetivamente relacionados com a Lagoa Pequena. Nesse caso o afeto para com a Lagoinha é um componente imediato/direto da percepção. Compartilham dela estudantes que possuem relação familiar com a Lagoa por morarem nas proximidades ou por terem familiares oriundos da paisagem, o que lhes configura lembranças relacionadas a

momentos afetivos passados ali. A Lagoinha então é percebida também como um local de afeto, ilustrando em específico as ideias gerais de Silva; Ferreira; Mori (2021).

No entanto, também compartilham dessa percepção estudantes vindos de fora da paisagem que demonstraram sentimentos pela Lagoa não através de memórias de vivências particulares, mas através do conhecimento teórico adquirido na escola. São sentimentos de alegria pela simples lembrança da Lagoa e de tristeza pelas ameaçadas ambientais a que ela está submetida. Ademais, nem todos os estudantes membros da comunidade local compartilham dessa segunda percepção, demonstrando estarem mais relacionados à primeira. O conhecimento adquirido na escola pode ter sido para eles o contexto específico de gênese de um sentimento, segundo interpretação das ideias de Cezar; Jucá-Vasconcelos (2016).

Ambas as percepções têm como base valores ambientais de preservação e sustentabilidade. Apesar do afeto ser ou não central, em ambas percepções há entendimento das relações históricas entre Lagoa e comunidade suficientes para que com base nisso elas sejam tidas como uma mesma paisagem. A presença da História, do Humano e do Tempo na consideração desta paisagem específica mostra que para esses estudantes o termo *paisagem* não está completamente encerrado em concepções de território, mas que há sobre ele uma visão mais holística próxima àquela apresentada por Ingold. O saber da História local demonstra que a escola, de alguma forma, foi efetiva para abordar a Lagoa Pequena como objeto de estudo ambiental em escala local para todos os participantes da pesquisa, os que tinham relação pregressa com a Lagoa e os que não tinham.

Não é surpreendente que o conhecimento teórico e prático, elementos comuns entre essas duas feições de percepções da paisagem da Lagoa Pequena, advenham da Educação Ambiental trabalhada na escola, uma vez que a finalidade maior dela, a formação de cidadãos conscientes de sua realidade socioambiental, parece estar sendo em certo nível cumprida. Mesmo nos estudantes que não demonstraram afeto direto para com a Lagoa Pequena, está presente uma concepção mínima de preservação e cuidado com o ambiente; concepção que aparece como prioridade no relato do docente de Geografia responsável pelo *Clube da Sustentabilidade* e incentivada por seus colegas.

O que é surpreendente é que o elemento cultural e comunitário não tenha sido hegemônico para construir a *percepção ambiental diretamente afetiva* em todos os estudantes que o apresentavam, o que pode sugerir que ele não está tão fortalecido como parece ter estado outrora nesta mesma comunidade. Em certo ponto, isso está de acordo com a realidade, uma vez que aceita-se o visto em Cezar; Jucá-Vasconcelos (2016) e entende-se que formação do sentimento é complexa. Não obstante, a possibilidade da ausência do afeto direto para

com a Lagoinha evidencia ainda mais o papel que a escola tem como local de formação do sujeito, pois ela fornece as concepções teóricas sobre as quais pensar e formar uma opinião ambientalista ainda que esta flerte com elementos de impessoalidade.

Obviamente, em se tratando de uma questão complexa como a percepção ambiental de um grupo de sujeitos, devem existir muitos outros elementos a observar por mais tempo e que podem, por advento de revelarem novos cenários, trazer percepções que se somem a essas duas apresentadas ou que as contraponham em algum sentido. A própria *percepção ambiental indiretamente afetiva* pode se mostrar mais rica de sentimentos não tão facilmente revelados se abordada com outro tipo de técnica que não a empregada nesta pesquisa.

Em se tratando de Lagoa Pequena, pesquisas futuras podem se debruçar sobre a caracterização integral da paisagem passada e atual, com ênfase na história e nas relações ecológicas e políticas locais, para que mais material educativo seja produzido, possa alimentar estudos sobre ela e sobre suas relações culturais e afetivas atuais. Em se tratando de educação ambiental na Escola João Gonçalves, pesquisas futuras podem se debruçar sobre os aspectos que permeiam o trabalho dos professores de áreas relacionadas à educação ambiental, tais como: a necessidade de vínculo efetivo para melhor desempenho de estudos ambientais locais; a necessidade de formação ambiental continuada para os docentes de áreas significativas à localidade; e a necessidade de parceria com órgãos ambientais e instituições educativas como FLORAM e Universidades.

Não há dúvidas de que com sua rica natureza, sua história e sua relação cultural com a comunidade que a habita, a Lagoa Pequena é um bem de direito. Continuar a acompanhar as percepções que as novas gerações têm sobre ela é contribuir para assegurar seu futuro.

NOTA DA AUTORA

Semelhante ao que fiz na apresentação desta pesquisa abro mão da linguagem impessoal com a qual escrevi o texto acima e uso uma linguagem em primeira pessoa para contar ao leitor coisas que quero compartilhar sobre a construção deste trabalho.

Até o momento de começar minhas pesquisas teóricas, pensava na Lagoa Pequena numa perspectiva da Ecologia clássica e incorria no equívoco de me limitar ao ambiente lagunar e sua vegetação associada quando refletia sobre a Lagoa no tempo. O conceito de Paisagem numa visão holística que considera também o humano, agora está instaurado na minha forma de pensar sobre a Lagoinha e me fez perceber o quanto ela pode estar conectada aos seus seres e por isso às suas pessoas. Ela é, sem dúvida, um trunfo para os professores que

abordam temas ambientais na localidade do Campeche/Rio Tavares. Para eles, humildemente ofereço uma síntese das informações teóricas que encontrei espalhadas por diferentes sites acadêmicos que espero que possa somar em suas didáticas futuras. Pelo que vi em minhas pesquisas, é imprescindível que mais estudos acadêmicos de diferentes áreas tenham como objeto de estudo essa região do Parque Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição, pois faltam informações referentes às áreas da Biologia, da História e outras.

Durante meu tempo na Escola João Gonçalves percebi algumas nuances do trabalho dos professores e dos supervisores escolares com os alunos que não couberam descrever aqui, mas que levarei comigo quando estiver desempenhando o papel de docente. No que tange à percepção dos seus alunos sobre a Lagoa Pequena, sei que esses docentes são um marco do *antes* e do *depois*. Já nos estudantes do 9º ano com quem tive contato direto, vi que esses jovens, a despeito do que me responderam e do que não, **enxergam** a Biologia e a História na figura da Lagoinha. Essa capacidade básica e essencial me deu ganas de ansiar por mais pessoas críticas e ambientalistas num futuro recente, pois já há mostras delas agora.

Por fim, sinto-me satisfeita de ter levado a ideia deste TCC em frente. Fui desafiada a empregar conhecimentos adquiridos na Biologia da UFSC para escrevê-lo e acredito que a proposta foi de alguma forma cumprida. Sei que voltarei a estas páginas novamente, tomara que para abordar a Lagoa Pequena mais uma vez como um tema de Educação Ambiental.

Ao leitor(a), muito obrigada.

REFERÊNCIAS

- ABREU, J. L. Pio. **Afectos, emoções e conceitos aparentados**. Revista Psi Logos - Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa, v. 11, n. 1, Lisboa, dez. 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.25752/psi.3325>> Acesso em: 30 maio 2024.
- ALBERTONI, Fabiano F. **Besouros da restinga do entorno da Lagoa Pequena, Florianópolis, SC: levantamento taxonômico e aspectos ecológicos**. Repositório Institucional UFSC, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/132923>. Acesso em: 17 jul. 2024..
- ALVES, Carley Rodruigues; ALVES, Márcia Brito Nery. **Identidade e pertencimento: reflexões sobre os processos culturais na modernidade**. IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, Alagoas, set. 2010. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10312/6/5.pdf>> Acesso em: 30 maio 2024.
- AMORA, Ana Maria Gadelha Albano. **O lugar do público no Campeche**. Repositório Institucional UFSC, Florianópolis, 1996. Disponível em <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/76940>> Acesso em: 10 Jul. 2024.
- BERNARDES, Maria Beatriz Junqueira; PRIETO, Élisson Cesar. **Educação Ambiental: disciplinas versus tema transversal**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (v. 24), Rio Grande do Sul, Set. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3891>> Acesso em: 09 Ago. 2024.
- BOTTAMEDI, Felipe; CARRASCO, Beatriz. **A Lagoa Pequena que já foi menor: chuva expõe herança da pressão urbana em Florianópolis**. ND Mais, Santa Catarina, out. 2022. Disponível em: <<https://ndmais.com.br/meio-ambiente/a-lagoa-pequena-que-ja-foi-menor-chuva-expoe-heranca-da-pressao-urbana-em-florianopolis/>> Acesso em: 08 jun 2024.
- CAMPOS, Édson Telê. **A gestão territorial urbana no município de Florianópolis: uma abordagem sobre a expansão imobiliária e seus impactos ambientais**. Florianópolis, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/109812>> Acesso em: 26 jun 2024.
- CARNEIRO, Glauco. **Florianópolis: roteiro da Ilha encantada**. Florianópolis: Expressão, 1987.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; STEIL, Carlos Alberto. **Percepção e Ambiente: aportes para uma epistemologia ecológica**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (v. especial), Rio Grande do Sul, Mar. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3443>> Acesso em: 09 Ago. 2024.
- CASTRO, Leticia La Porta de. **Ocupação urbana em área costeira: a interface urbano-ambiental na orla marítima do Campeche, Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis, 2008. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/30372284.pdf>> Acesso em: 10 jun 2024.
- CENTRO DE ESTUDOS, CULTURA E CIDADANIA (CECCA). **Uma cidade numa Ilha: Relatório sobre os problemas sócio ambientais da Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 1996.

CERETO, Carlos Eduardo. **Formigas em restinga na região da Lagoa Pequena (Florianópolis, SC): levantamento taxonômico e aspectos ecológicos**. Repositório Institucional UFSC, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/119669>. Acesso em: 17 jul. 2024.

CEZAR, Adieliton Tavares, JUCÁ-VASCONCELOS, Helena Pinheiro. **Diferenciando sensações, sentimentos e emoções: uma articulação com a abordagem gestáltica**. Revista IGT na Rede, Rio de Janeiro, v. 13, n. 24, p. 01 a 182, nov. 2016. Disponível em: <<https://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/424>> Acesso em: 30 maio 2024.

DANIEL, Hugo Adriano. **Campeche um lugar no sul da ilha**. Florianópolis: Ed. Insular, 2018. 231 p.

FARIAS, Fernando Bittencourt de. **Primeiro registro de alegrinho-trinador (*Serpophaga griseicapilla*) e gaivota-defranklin (*Leucophaeus pipixcan*) em Santa Catarina, Sul do Brasil**. Ornithologia, Pernambuco, v. 9, n. 2, p. 32 -113, Dez. 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/centros-de-pesquisa/aves-silvestres/produtos-e-servicos/revista-ornithologia/arquivos_pdf_revistas/ornithologia_09_2_2016.pdf#page=81> Acesso em: 17 Jul. 2024.

FLICKR. **E.B.M. João Gonçalves Pinheiro**. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/escolajoaogoncalves/4995428463/> Acesso em: 07 Jul. 2024.

FLORIANÓPOLIS. **Decreto nº 135, de 5 de Junho de 1988. Decreta tombamento Lagoa Pequena e da Chica como Patrimônio Natural e Paisagístico do Município**. Florianópolis, 2013. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/decreto/1988/14/135/decreto-n-135-1988-ficam-tombados-como-patrimonio-naturais-e-paisagisticos-do-municipio-as-lagoinhas-da-chica-e-pequena-ambas-localizadas-no-campeche-distrito-da-lagoa-da-conceicao>> Acesso em: 10 Jul. 2024.

FUNDAÇÃO MUNICIPAL DO MEIO AMBIENTE. **Programa Lagoas do Campeche**. Florianópolis, 2011. Disponível em: < Disponível em: <<https://www.pmf.sc.gov.br/entidades/floram/index.php?pagina=notpagina¬i=5143>> Acesso em 10 Jul. 2024.> Acesso em 10 Jul. 2024.

FLORIANÓPOLIS. **LEI MUNICIPAL nº 10.388, de 5 de Junho de 2018. Dispõe sobre a criação da Unidade de Conservação Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição**. Florianópolis, 2018. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/lei-ordinaria/2018/1039/10388/lei-ordinaria-n-10388-2018-dispoe-sobre-a-criacao-da-unidade-de-conservacao-parque-natural-municipal-das-dunas-da-lagoa-da-conceicao>> Acesso em: 11 Jul. 2024.

FLORIPA AMANHÃ. **Inaugurada base de Educação Ambiental na Lagoa Pequena, no Campeche**. Florianópolis, 06 Jul. 2019. Disponível em: <<https://floripamanha.org/2019/06/inaugurada-base-de-educacao-ambiental-da-lagoa-pequena-no-campeche/>> Acesso em 11 Jul. 2024.

GERI, Mauro César Araújo. **Conflitos socioambientais na Zona Costeira – Estudo de caso sobre a Lagoa Pequena na Planície do Campeche, município de Florianópolis, SC**.

Florianópolis, 2007. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action=&co_autor=84911> Acesso em: 30 maio 2024.

GÓES, Talita Laura. **Ecologia da paisagem da Planície Entre Mares na Ilha de Santa Catarina: conectividade entre fragmentos de vegetação através de corredores ecológicos**. Repositório Institucional UFSC, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/158788>. Acesso em: 17 jul. 2024.

GOOGLE EARTH. **Lagoa Pequena**. Disponível em: < <https://earth.google.com/web/@-27.65302151,-48.48513426,9.65063297a,6353.44724492d,30y,0h,0t,0r/data=MikKJwolCiExcElORmtlV1TmLctOWx4S1VqNjQ0ZkhzQVBLQU5iWkwgAToDCgEw>> Acesso em: 25 jun 2024.

GRÜN, Mauro. **Ética e Educação Ambiental: a conexão necessária**. Campinas. Papirus. 2012.

HELBEL, Mirela Ramos Moimaz; VESTENA, Carla Luciane Blum. **Fenomenologia e percepção ambiental como objeto de construção à Educação Ambiental**. Revista Brasileira de Educação Ambiental (*RevBEA*), 12(2), 67-78, Paraná, Jun. 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.34024/revbea.2017.v12.2225>> Acesso em: 09 Ago. 2024.

INGOLD, Tim. **The Perception of the environment**. Londres. Ed Routledge. 2002. Disponível em: < <https://leiaarqueologia.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/08/the-perception-of-the-environment-tim-ingold.pdf>> Acesso em: 06 jun 2024.

INSTITUTO DE PLANEJAMENTO URBANO DE FLORIANÓPOLIS (IPUF). **Atlas do Município de Florianópolis**. Florianópolis: IPUF, 2004.

JUNKES, B. da S. et al. **Estudo da qualidade química e microbiológica das águas da Lagoa Pequena, Praia do Campeche, Florianópolis/SC**. In: SEMINÁRIO DE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E INOVAÇÃO DO IFSC, 5., 2016, Criciúma. Resumo Expandido. Florianópolis: IFSC, 2016. p. 1-3.

KABILIO, Mario Leone. **Planejamento ambiental urbano no distrito do Campeche, Florianópolis, SC**. Florianópolis, 2006. Disponível em: < https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/1345/_Dissertac_a_o_Mario_Leone_Kabilio_16226762656832_1345.pdf> Acesso em 10 Jul. 2024.

KOHLSDORF, Maria Elaine. **A Apreensão da Forma da Cidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

LAMAS, José M. R. G. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Lisboa, Fundação Calauete Gulbentrian, Junta de Investigação Científica e Tecnológica, 1993.

LUCHETTA, Kellen. **Flora do Patrimônio Natural Lagoa Pequena: Cyperaceae**. Repositório Institucional UFSC, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/182284>. Acesso em: 17 jul. 2024.

LUZ, Andrea da. **Lagoa Pequena: a lagoinha dos nativos que virou unidade de conservação no sul da ilha**. ND Mais, Santa Catarina, set. 2019. Disponível em:

<<https://ndmais.com.br/meio-ambiente/lagoa-pequena-a-lagoinha-dos-nativos-que-virou-unidade-de-conservacao-no-sul-da-ilha/>> Acesso em: 11 Jul. 2024.

MACHADO, Caetano. **MARquE pesquisa esqueleto encontrado em sambaqui no Rio Tavares**. Notícias da UFSC, Santa Catarina, Dez. 2018. Disponível em: <<https://noticias.ufsc.br/2018/12/marque-pesquisa-esqueleto-encontrado-em-sambaqui-no-rio-tavares/>> Acesso em: 26 jun. 2024.

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi. **Questionário e Entrevista na Pesquisa Qualitativa: Elaboração, Aplicação e Análise de Conteúdo**. São Carlos. Editora Pedro e João. 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/341259892_Questionario_e_entrevista_na_pesquisa_qualitativa_Elaboracao_aplicacao_e_analise_de_conteudo> Acesso em: 06 Set. 2024.

MARTINS, Nikolas da Rocha. **Análise e monitoramento dos impactos, fragmentação e a conectividade das Unidades de Conservação na Ilha de Santa Catarina, Brasil**. Relatório de Bolsa de Iniciação Científica (IC) CNPQ/UFSC. Orientador: Orlando Ferretti (GCN/UFSC). Disponível em: <https://observatorioareasprotegidas.paginas.ufsc.br/files/2018/03/Relat%C3%B3rio_IC.pdf> Acesso em: 17 Jul. 2024.

MEC/SEF (Secretaria da Educação Fundamental/MEC). **Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>> Acesso em: 09 Ago. 2024.

MEC/SEF (Secretaria da Educação Fundamental/MEC). **Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio Ambiente e Saúde**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro091.pdf>> Acesso em: 09 Ago. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Amostragem e Saturação em Pesquisa Qualitativa: Consensos e Controvérsias**. Revista Pesquisa Qualitativa. São Paulo (SP), v. 5, n. 7, p. 01-12, abril. 2017. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7429265/mod_resource/content/1/amostragem%20e%20saturac%C3%A7%C3%A3o%20pesq%20qualitat%20Minayo%202017.pdf> Acesso em: 06 Set. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª ed. São Paulo, Hucitec, 2014.

MITMANN, Michel de Andrado. **Uma cidade na areia: diretrizes urbano-ambientais para a planície do Campeche**. Florianópolis, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91105>> Acesso em: 26 jun 2024.

MOREIRA, Catia Regina Nardes de Souza. **Análises de alternativas para o abastecimento de água para a região leste/sul da ilha de Santa Catarina**. Florianópolis, 2002. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/109812>> Acesso em: 26 jun 2024.

PIEPER, Daniela da Silva; BEHLING, Greici Maia; DOMINGUES, Gabriela. **Pertencimento, patrimônio e meio ambiente: um diálogo necessário para a**

sustentabilidade. Revista DELOS, v. 7, n. 21, dez. 2014. Disponível em: < <https://ojs.revistadelos.com/ojs/index.php/delos/article/view/306>> Acesso em: 30 maio 2024.

ESCOLA BÁSICA JOÃO GONÇALVES PINHEIRO. **Projeto Político Pedagógico.** Florianópolis. 2021.

PIPPI, Luis Guilherme Aita. **Considerações ambientais e paisagísticas para o planejamento urbano do Campeche – Florianópolis – SC.** Florianópolis, 2004. Disponível em:< <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/88132>> Acesso em: 26 jun 2024.

PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS. **Revisão do Plano Diretor.** Caderno 02.13 Campeche. Diagnóstico Preliminar distrital. Florianópolis. 2022. Disponível em: <http://ipuf.pmf.sc.gov.br/pd2022/public/pdfnovo/2.13%20Campeche%20-%20Diagn%C3%B3stico%20Preliminar.pdf> . Acesso em: 13 Mai. 2023.

GEOPORTAL. **Rede de Planejamento Prefeitura Municipal de Florianópolis.** Florianópolis, 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. **Revisão do Plano Diretor.** Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://ipuf.pmf.sc.gov.br/pd2022/public/pdfnovo/2.13%20Campeche%20-%20Diagn%C3%B3stico%20Preliminar.pdf>> Acesso em 11 Jul. 2024.

SANTOS, Cláudia Regis dos. **A interface das políticas públicas com o processo de ocupação humana na área de preservação permanente: vegetação fixadora de dunas na Ilha de Santa Catarina, SC.** Disponível em:< https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=3UeYaiYAAAAJ&citation_for_view=3UeYaiYAAAAJ:8k81kl-MbHgC> Acesso em: 26 jun 2024.

SIDI, Pilar de Moraes.; CONTE, Elaine. **A hermenêutica como possibilidade metodológica à pesquisa em educação.** Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 12, n. 4, p. 1942-1954, out./dez. 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6229841>> Acesso em: 23 Out. 2024.

SILVA, Anderson. **Emissário submarino é retirado dos planos da Casan para Florianópolis.** NSC Total. Florianópolis, 25 Jul. 2023. Disponível em: < <https://www.nsctotal.com.br/colunistas/anderson-silva/emissario-submarino-e-retirado-dos-planos-da-casan-para-florianopolis>> Acesso em 17 Jul. 2024.

SILVA, Maria Angelita da; FERREIRA, Jarliane da Silva; MORI, Nerli Notato Ribeiro. **Identidade e pertencimento: quando a natureza, sujeito de direito, promove o direito dos sujeitos.** Revista VIDERE Portal de Periódicos UFGD, Mato Grosso do Sul, v. 13, n. 27, maio/ago. 2021. Disponível em: < <https://doi.org/10.30612/videre.v13i27.12944>> Acesso em: 30 maio 2024.

TIRELI, Janice; BURGOS, Raúl; BARBOSA, Tereza Cristina. **O campo de peixes e os senhores do asfalto.** Florianópolis: Cidade Futura, 2007. 248 p. Disponível em: < https://www.academia.edu/21062990/O_campo_de_Peixes_e_os_Senhores_do_Asfalto_Mem%C3%B3ria_das_lutas_do_Campeche> Acesso em: 30 maio 2024.

TRAMONTE, Flávia Nau; KLÖPPEL, Jéssica Vilvert; POESCHMANN, Luise Maria Regis; MARIN, Maria Angélica Bonadiman; BRENTANO, Débora Monteiro. **Análise da qualidade de água da Lagoa Pequena, Sul de Florianópolis/SC – Brasil.** Revista Técnico-Científica do IFSC. Florianópolis, v. 1, n. 11, 2021. Disponível em: < <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/rtc/article/view/3069> > Acesso em: 17 Jul. 2024.

APÊNDICE A – Questionário direcionado aos estudantes respondentes da pesquisa e transcrição das respostas na íntegra.

Idade

Respondente nº 1: 15 anos

Respondente nº 2: 15 anos e 1 mês

Respondente nº 3: Não respondeu

Respondente nº 4: 14 anos

Respondente nº 5: 15 anos

Respondente nº 6: 15 anos

Respondente nº 7: 15 anos

Respondente nº 8: 15

Respondente nº 9: 14

Turma:

Respondente nº 1: 91

Respondente nº 2: 91

Respondente nº 3: Não respondeu

Respondente nº 4: 91

Respondente nº 5: 91

Respondente nº 6: 91

Respondente nº 7: 91

Respondente nº 8: 91

Respondente nº 9: 91

Bairro em que mora:

Respondente nº 1: Rio Tavares

Respondente nº 2: Campeche

Respondente nº 3: Não respondeu

Respondente nº 4: *Na “divisa” do Rio Tavares e Porto da Lagoa. Consideramos isso como fora da paisagem*

Respondente nº 5: *Campeche*

Respondente nº 6: *Campeche*

Respondente nº 7: *Costeira do Pirajubaé*

Respondente nº 8: *Lagoa da Conceição*

Respondente nº 9: *Rio Vermelho*

Tempo em que mora no bairro:

Respondente nº 1: *Desde que nasci*

Respondente nº 2: *15 anos*

Respondente nº 3: Não respondeu

Respondente nº 4: *Minha vida toda/14 anos*

Respondente nº 5: *9 anos*

Respondente nº 6: *5 anos*

Respondente nº 7: *Minha vida toda*

Respondente nº 8: *8 anos*

Respondente nº 9: *1 ano*

Ano em que entrou na escola:

Respondente nº 1: *Sempre estudei aqui*

Respondente nº 2: *2016 (?)* [o ponto de interrogação parece aparecer para indicar falta de certeza sobre o ano de ingresso].

Respondente nº 3: Não respondeu

Respondente nº 4: *2021*

Respondente nº 5: 2022

Respondente nº 6: 2019

Respondente nº 7: 2021

Respondente nº 8: 2º ano

Respondente nº 9: 2023 – 8º

BLOCO 2

Pergunta 1) Você conhece ou já ouviu falar da Lagoa Pequena, localizada ao lado da Avenida Campeche? Caso sim, diga quem falou pra você, onde aprendeu sobre (se foi na internet, através de familiares, na escola, etc).

Respondente nº 1: *Conheço, aprendi na escola sobre ela.*

Respondente nº 2: *Sim, conheci a Lagoa com meu pai ele me levou para passear.*

Respondente nº 3: *Sim. Provavelmente minha mãe ou avó que me contaram, me disseram o nome.*

Respondente nº 4: *Aprendi em casa ali em torno dos meus 8 pra 9 anos de idade, quando conversava com meu pai sobre as praia para irmos.*

Respondente nº 5: *Sim, aprendi na escola com trabalhos e passeios até lá.*

Respondente nº 6: *Sim, eu conheço desde que me mudei para o sul da ilha.*

Respondente nº 7: *Sim, conheço, meus amigos me informaram sobre ela, aprendi sobre ela na escola, e na internet também.*

Respondente nº 8: *Sim, minha vó mora na rua.*

Respondente nº 9: *Sim, meu pai me apresentou e falou sobre.*

Em caso de afirmação, continue respondendo as perguntas abaixo.

Pergunta 2) Você já foi até a Lagoa Pequena? Se sim, você recorda quantas vezes e em que ocasião esteve lá? Você esteve no local por qual motivo? Descreva como foi essa experiência, nos conte a história desse momento.

Respondente nº 1: *Já fui uma vez à Lagoa Pequena, foi em um passeio escolar. Se não me engano era 2019 quando eu fui, um guia foi contando a turma sobre a paisagem da lagoa, os animais e plantas que vivem lá, dentre outras coisas.*

Respondente nº 2: *Sim, já fui muitas vezes, normalmente eu passo por lá para chegar em outro lugar, não tenho nenhuma experiência marcante.*

OBS: *Tenho uma experiência marcante sim, um dia eu e meu pai foi na lagoa com um barco or ar [inelegível], a um dia fui tentei pescar lá. Isso faz muito tempo por isso não consegui lembrar.*

Respondente nº 3: *Sim, eu passo na frente quase todos os dias, pois volto da escola para casa andando. E já fui várias vezes tomar banho quando era menor e sempre foi muito divertido.*

Respondente nº 4: *Sim, fui apenas 1 vez, em um passeio da escola, fomos até lá com nosso(a) ex-professor(a) de geografia[nome do docente], fomos até lá para plantarmos árvores e plantas, indo também para estudar a fauna e flora local, em 2022 se não me engano.*

Respondente nº 5: *Sim, já fui mais de 15 vezes para tomar banho com amigos ou familiares.*

Respondente nº 6: *Sim, passo por lá todo dia no caminho de volta da escola, de ônibus, carro ou a pé.*

Respondente nº 7: *Sim, já fui até a Lagoa Pequena, fui umas 15 vezes, eu passava de carro indo para a casa do meu amigo e passava ao lado, ficava contente ao ver a Lagoa Pequena.*

Respondente nº 8: *Já fui lá varias vezes, pra me refrescar no verão com meus irmãos, muito legal, nos se jantamos com meu pai e íamos.*

Respondente nº 9: *Sim, não sei quantas vezes mas ia bastante quando era menor, eu ia tomar banho lá com amigos/parentes.*

Pergunta 3) Desde quando você sabe da existência da Lagoa Pequena? É um conhecimento que vem de muito tempo (muitos anos, desde quando você era criança) ou é algo que aprendeu recentemente?

Respondente nº 1: *Desde pequena eu sei da existência da Lagoa Pequena por passar perto dela, seja de carro ou de ônibus.*

Respondente nº 2: *Não sei quando conhecia a Lagoa, mas conheço ela desde de pequeno.*

Respondente nº 3: *Desde bem pequeno*

Respondente nº 4: *Como disse anteriormente, a mais ou menos uns 6 pra 7 anos (porque logo fasso 15).*

Respondente nº 5: *Conheci em 2015 quando vim morar na ilha.*

Respondente nº 6: *Conheci a Lagoa Pequena quando tinha 10 anos.*

Respondente nº 7: *Desde 2020. Aprendi faz “pouco tempo”.*

Respondente nº 8: *Desde quando eu nasci, minha vó sempre morou lá.*

Respondente nº 9: *Desde pequena.*

Pergunta 4) Quando você pensa na Lagoa Pequena, consegue se lembrar se alguma pessoa da sua família também a conhece? Caso sim, diga quem da sua família a conhece e de que maneira. Por exemplo, se um familiar seu conhece a lagoa, você sabe se ele a conhece desde criança, se ele já esteve lá, etc. Que histórias essa pessoa te contou sobre a Lagoa?

Respondente nº 1: *Meu pai e minha mãe também conhecem a Lagoa Pequena. Meu pai, que não nasceu aqui na ilha mas se mudou pra cá, e minha mãe e a família dela por ter nascido e crescido aqui.*

Respondente nº 2: *Sim, toda a minha família conhece a Lagoa, a uma história que eu lembro e da minha mãe falando que andava com meu pai na Lagoa.*

Respondente nº 3: *Minha mãe, avó, tia, tio, primos e outros. Minha mãe conhece desde 2000 que foi quando ela veio morar aqui. Minha avó veio no mesmo ano e meu tio, tia e primos, por volta do ano de 2011.*

Respondente nº 4: *Praticamente todos, menos meus 2 sobrinhos pequenos de mais para saberem, a maioria conheceram crianças para adolescentes porque viviam por aqui (alguns ainda vivem aqui na região), acredito que já devem ter ido na lagoa sim.*

Respondente nº 5: *Sim, minhas duas mães que falavam que tinha jacaré na Lagoa.*

Respondente nº 6: *Não.*

Respondente nº 7: *Não.*

Respondente nº 8: *Minha avó sempre morou lá então toda minha família por parte de pai, pai, tio, tia, vó, vô, mãe, irmão, irmã, dinda, primo, dindo etc...*

Respondente nº 9: *Sim, meu pai e meu irmão. Meu pai já atravessou algumas vezes quando era mais novo e uma vez quase se afogou pois ficou com câimbra, muitos familiares já me falaram que do outro lado havia jacarés.*

BLOCO 3

Pergunta 5) Para você, o que é PAISAGEM?

Respondente nº 1: *Algo que eu vejo. Um conjunto de coisas formam uma paisagem. (não sei explicar).*

Respondente nº 2: *Para mim paisagem é um lugar com selva, árvores, rios, lagos essas coisas mais naturais.*

Respondente nº 3: *Paisagem é algo natural que seja bonito e visível (ou feio).*

Respondente nº 4: *Paisagem pra mim é o entorno das coisas e lugares, como praias, lagoas, construções, casas, campos, dentre vários outros, que constituem o local.*

Respondente nº 5: *São horizontes com vistas muito belas.*

Respondente nº 6: *Paisagem para mim é uma coisa satisfatória que traz alívio e nos conecta com a natureza.*

Respondente nº 7: *Paisagem é algo que se destaca em algo como uma escola, você vendo uma escola é uma paisagem, fotos ao ar livre também são paisagens, fotos na natureza ou zona como cidades.*

Respondente nº 8: *O que tem natureza em volta*

Respondente nº 9: *Lugar que dá pra ver natureza em volta.*

Pergunta 6) Pense onde você mora e pense na sua escola. Têm casas, prédios, mercados, restaurantes, rodovias e muitas outras coisas ao redor dela. Você considera que a Lagoa Pequena faz parte dessa paisagem onde a escola está ou não? Justifique sua resposta, diga por que você acha isso.

Respondente nº 1: *Sim, pois estão perto e a Lagoa faz parte da história do local.*

Respondente nº 2: *Sim, porque ela faz parte de tudo isso.*

Respondente nº 3: *Acho que não porque não conseguimos ver a Lagoa da escola. Até onde sei.*

Respondente nº 4: *Na minha casa, não, agora na escola é possível ver ela do 3 andar, então acredito que de dentro da escola em partes, sim, agora de fora da mesma, não, pois não dá de ver ela, graças as casas, prédios, ruas, árvores e muros.*

Respondente nº 5: *Sim, pois está perto da escola e com isso muitos acabam passando por ela no caminho.*

Respondente nº 6: *Sim, consegue manter a escola mais bela e traz uma sensação de pureza.*

Respondente nº 7: *Sim, porque tendo várias pessoas aqui da escola que vão lá todos os dias, lá é algo que acostuma, quando falamos da nossa Escola já lembramos da Lagoa Pequena.*

Respondente nº 8: *Sim, porque ela está em volta da escola*

Respondente nº 9: *Sim, ela está próxima.*

Pergunta 7) Quando você pensa na Lagoa Pequena e na paisagem em seu entorno, que tipo de sentimento você sente? Lembre-se que qualquer resposta está valendo, desde que seja realmente aquilo que você sente.

Respondente nº 1: *Nada.*

Respondente nº 2: *Eu não sinto nada.*

Respondente nº 3: *Acho que nenhum porque já faz parte do meu dia a dia.*

Respondente nº 4: *Neutro, um pouquinho triste, pela destruição da lagoa graças ao lixo que é jogado nela.*

Respondente nº 5: *Me sinto em casa.*

Respondente nº 6: *Ver a paisagem da Lagoa Pequena me tras paz.*

Respondente nº 7: *Sinto alegria e as vezes triste por causa dos lixos que tem lá, ai prejudica a Lagoa e a Paisagem.*

Respondente nº 8: *Nostalgia de estar reunido com meus irmãos*

Respondente nº 9: *Nostalgia pois tenho memórias boas do local.*

Pergunta 8) Para você faria diferença se a Lagoa Pequena deixasse de existir como ela está ou se encontra hoje?

Respondente nº 1: *Não exatamente. Não mudaria muita coisa em minha vida, já que não convivo com a Lagoa diariamente.*

Respondente nº 2: *Sim.*

Respondente nº 3: *Provavelmente não. Mas caso ali fosse apenas terra iriam existir vários prédios que não seria bom.*

Respondente nº 4: *Sim, na verdade mesmo não, porque só a vi uma vez e não vou nela, mas talvez pela fauna e flora, sim.*

Respondente nº 5: *Sim, faria muita.*

Respondente nº 6: *Sim, cada paisagem deve ser mantida.*

Respondente nº 7: *Faria diferença sim.*

Respondente nº 8: *Não, já poluíram demais. Antes era mais limpa*

Respondente nº 9: *Sim.*

Pergunta 9) Nesta escola que você está agora, você se lembra de ter estudado coisas sobre questões ambientais? Cite algumas dessas questões ambientais estudadas.

Respondente nº 1: *Sim. Estudamos sobre meio ambiente, preservação, o meio ambiente em nosso bairro...*

Respondente nº 2: *Sim, eu só lembro de ter aprendidos os tipos de selvagem e os climas do Brasil.*

Respondente nº 3: *Sim, já estudamos os básicos, jogar lixo no lugar certo, cuidar das plantas, etc*

Respondente nº 4: *Sim, muitas vezes, temos um projeto a tarde toda segunda feira, com o(a) [nome do docente de geografia](que citei anteriormente), ele nos dá aulas sobre sustentabilidade e “natureza”.*

Respondente nº 5: *Sim, sobre horta e compostagem.*

Respondente nº 6: *Sim, aquecimento global e preservação da natureza.*

Respondente nº 7: *Ano passado e esse ano estudamos sobre questões ambientais, principalmente sobre a poluição da Lagoa Pequena.*

Respondente nº 8: *Sim já estudamos, fizemos uma saída de estudos com [docente de geografia] mas não me lembro muito bem*

Respondente nº 9: *Sim, na semana do meio ambiente falamos sobre o cuidado com o meio ambiente.*

Pergunta 10) A escola e a paisagem do entorno também já foram estudadas do ponto de vista ambiental nessa escola?

Respondente nº 1: *Sim, estudamos em Geografia com o(a) professor(a) [nome do(a) professor(a) de geografia].*

Respondente nº 2: *Sim, com o projeto de sustentabilidade.* [Em referência ao Clube da Sustentabilidade- projeto de ed. Ambiental dado no contraturno escolar, ministrado pelo(a) professor(a) de geografia].

Respondente nº 3: *Não que eu me lembre.*

Respondente nº 4: *Sim, com [docente de geografia].*

Respondente nº 5: *Não que me lembre.*

Respondente nº 6: *Sim, o(a) [docente de geografia] já nos ensinou sobre questões ambientais e a Lagoa pequena.*

Respondente nº 7: *Sim, já foram estudadas.*

Respondente nº 8: *Não que eu me lembre*

Respondente nº 9: *Não me lembro.*

Pergunta 11) Você se recorda de ter estudado a Lagoa Pequena e alguma aula, prática ou atividade na escola? Conte como aconteceu esse momento ou momentos e o que você aprendeu sobre a Lagoa Pequena.

Respondente nº 1: *Visitamos a Lagoa, estudamos em sala de aula e fizemos um trabalho sobre ela com textos e imagens.*

Respondente nº 2: *Sim, quase todos os anos a turma vai para a Lagoinha pequena, o único momento que me marcou foi quando apareceu um cachorro e seguiu a gente, não lembro de conhecimento que aprendi nessas idas a lagoa pequena.*

Respondente nº 3: *Já tive uma aula prática visitando a Lagoa na minha antiga escola mas não me lembro exatamente o que aprendemos.*

Respondente nº 4: *Adivinha, com o(a) [docente de geografia] de novo, [cita o nome] e no projeto.*

Respondente nº 5: *Não que me lembre.*

Respondente nº 6: *Na escola já mas eu não fui no passeio, saída de estudos na Lagoa Pequena. :(*

Respondente nº 7: *Sim, fizemos atividade com [docente de geografia] sobre a Lagoa pequena, muitos trabalhos.*

Respondente nº 8: *Sim uma saída de estudos mas não me lembro*

Respondente nº 9: *Não.*

Pergunta 12) Na sua opinião, falando realmente o que você sabe, a Lagoa Pequena deveria ser cuidada, preservada, mantida lá onde ela está? Justifique sua resposta, diga por que você acha isso.

Respondente nº 1: *Claro. Ela é importante tanto para alguns animais, para geografia do nosso bairro e também para algumas pessoas que aqui moram.*

Respondente nº 2: *Eu acredito que a Lagoa tinha que ser mais cuidada, para os moradores locais e até para o turismo, por que a qualidade da água é meio duvidosa.*

Respondente nº 3: *Acredito que ela deve ser preservada pois muitos seres vivem lá e é um lugar legal de tomar banho de vez em quando.*

Respondente nº 4: *Com plena certeza que sim, ela é muito importante para a natureza e os animais que ali habitam, fora que se for bem cuidada podemos ir nadar nela haha! Então resumindo...sim.*

Respondente nº 5: *Sim, pois para mim é o que deixa o Novo Campeche bonito.*

Respondente nº 6: *Sim, a paisagem da Lagoa pequena enriquece o lugar onde estudamos e deve ser preservada.*

Respondente nº 7: *Sim, deveria ser cuidada demais, porque lá é algo que a maioria da população daqui conhecem e já ouviram falar dela, iria melhorar a paisagem demais se tivessimos mais pessoas querendo ajudar.*

Respondente nº 8: *Sim, por que quando quando eu era pequeno ela era mais cuidada, hoje em dia não da nem pra entrar na entrada principal e tem um monte de lixo lá.*

Respondente nº 9: *Sim, é algo de anos e merece tudo isso, mas acho que deveriam cuidar mais.*

APÊNDICE B – Transcrição de entrevista com docente da disciplina de Geografia/Projeto de Sustentabilidade na íntegra.

[Apresentação e cumprimentos]

ENTREVISTADORA: beleza então primeira entrevista é com o [docente] de geografia da João Gonçalves Pinheiro. Vamos lá então para a identificação. **Qual a tua área de formação, da tua formação Inicial?**

ENTREVISTADO: minha formação Inicial é... eu tenho licenciatura e bacharel em Geografia, na UDESC eu fiz, também fiz uma especialização, aí né, já é uma segunda formação na área de gestão ambiental e depois eu fiz o mestrado na UFSC na educação.

ENTREVISTADORA: Bacana! Isso já é a formação continuada. **Cargo que exerce nessa escola?**

ENTREVISTADO: Docente de Geografia, mas atualmente eu exerço o cargo de articulador de projetos. A disciplina na verdade é uma disciplina Interdisciplinar.

A gente chama aqui de Clube da Sustentabilidade, né que a gente tem e a gente faz assim. Daí tem interface com várias disciplinas, até com os anos iniciais dentro da alfabetização, então é bem abrangente.

ENTREVISTADORA: então tu trabalha com ensino fundamental anos iniciais e finais, pega todas as turmas?

ENTREVISTADO: sim, com todas as turmas eu trabalho aqui agora. A ideia é trabalhar sempre com um projeto, é o que a gente faz, né? Tem vários projetos. Cada professor desenvolve um projeto e eu articulo isso com eles então. ENTREVISTADORA: **Qual o tempo de atuação na disciplina, no caso a original que seria geografia, né?**

ENTREVISTADO: É 18 anos.

ENTREVISTADORA: 18 anos de geografia e o período de tempo pelo qual vem exercendo este cargo?

ENTREVISTADO: dois agora na escola. Trabalhei quatro anos de ACT e depois o restante, agora 14 anos trabalho como efetivo.

ENTREVISTADORA: foi todo ele [esse período] nessa escola? ENTREVISTADO: não, várias escolas. Trabalhei na Serrinha, por exemplo, ali na Lagoa, na Henrique Veras lá no Itacurubi, passei por algumas escolas próximas daqui que eu sempre morei por aqui. E aí aqui 14 anos de efetivo que daí é porque no início da carreira, às vezes eles colocam você 20 horas aqui e daí eu trabalhava 20 horas lá, sabe aí depois que eu vou ficar aqui, mas eu trabalho aqui há 14 anos. ENTREVISTADORA: **você possui alguma formação que abrange o conhecimento acerca de ambientes e sustentabilidade?** Às vezes as perguntas são repetitivas tá? Qual é e como essa formação aconteceu?

ENTREVISTADO: a minha formação sempre foi na área da ambiental e dentro da sustentabilidade. Desde a minha monografia que eu fiz, por exemplo, no TCC eu desenvolvi

uma monografia sobre a questão da evolução sócio-espacial do Santinho. E lá eu estudei como que o hotel Santinho ele, vamos dizer assim, ele foi um centro de desenvolvimento daquela região. E aí depois fiz no mestrado gestão ambiental, trabalhei com a EJA, mas no mestrado eu trabalhei daí dentro da área da ambiental, querendo saber a percepção dos agricultores diante do desenvolvimento Regional sustentável, sustentabilidade lá. Lá no MST eles têm a a questão da agroecologia aí. Os produtos deles são todos agroecológicos. Daí eu fui lá saber disso, como é que eles viam essa questão sabe? Então sempre foi nessa área.

ENTREVISTADORA: é uma formação de base já na área?

ENTREVISTADO: Sim.

ENTREVISTADORA: **e como você descreveria a paisagem do bairro onde estamos, onde está a escola fisicamente? Concentre-se em descrever a paisagem próxima, aquela que você vê e passa no seu cotidiano para vir e voltar deste trabalho.**

ENTREVISTADO: é uma paisagem contraditória, vamos dizer assim, porque ao mesmo tempo que as pessoas veem essa paisagem como afetiva, uma questão natura e ambiental ao mesmo tempo ela né? Eu vejo que a paisagem ela sofre essas agressões imobiliárias. Essas agressões dentro da contaminação do solo a partir do esgoto sanitário, do não cuidar por exemplo da Lagoa Pequena, que eu moro aqui próximo, né? Todo mundo acha bonito aquilo, né? Isso já é uma contradição até humana, não é nem da nossa... mas aqui na ilha a gente vê essa contradição e ao mesmo tempo as pessoas que lutam a partir dessa paisagem, né, por ter uma paisagem pública e não privada, porque aqui eles vão, né? Você vai vendo aqui na nossa paisagem. Eles vão privatizando a paisagem é como por exemplo, aqueles prédios ali na frente da praia, você quem passa não vê mais a praia porque foi privatizada. Agora mesmo que eles estão podendo, vão colocar seis andares ali. Pior ainda, né? Então é isso que eu vejo. a paisagem aqui uma contradição. Ao mesmo tempo também tem a questão da gente coloca a paisagem como essa, essa parte afetiva que tu se sente bem, né? Ela e as lembranças, né? Como eu moro aqui faz tempo, mais de 20 anos eu moro aqui no Rio Tavares, quer dizer isso já é afetivo para mim.

ENTREVISTADORA: **Em sua opinião, qual é o perfil ou perfis dos moradores desta localidade? Aí do ponto de vista econômico, social e cultural.**

ENTREVISTADO: é bem heterogêneo, aqui é como se falasse a paisagem, ela abarca também as pessoas, no caso a sociedade e essas contradições com o meio ambiente com uma parte de ambiente natural e as pessoas aqui tem práticas diferentes. No Rio Tavares a gente vê ainda famílias que são descendentes de açorianos, famílias que vieram de fora que trabalham na nossa escola que são famílias, vamos dizer assim, da classe mais baixa, uma classe social, se a gente for ver ali média baixa, enfim, vou colocar classe C D e E. Ao mesmo tempo, na mesma escola e no mesmo bairro tem gente da Classe A. Então tem essa questão dessa paisagem ser muito heterogênea e ao mesmo tempo ter esse processo que vem modificando o bairro e vem afastando essas pessoas, né? Que é um processo que vem valorizando o espaço, a paisagem e as pessoas não conseguem mais viver aqui, então é isso é isso que a gente encontra no Rio Tavares. O aluguel é quatro, cinco vezes mais caro que lá no no continente, né? E é isso. E aí é esse processo que vem acontecendo no Rio Tavares.

ENTREVISTADORA: **em sua opinião a paisagem em que a escola está inserida apresenta elementos ambientais que permitam tratar de questões sobre natureza e sociedade? Cite um exemplo nos arredores.**

ENTREVISTADO: a própria escola, a gente já tem alguns elementos da paisagem que, por exemplo, eu desenvolvo aqui no Clube da Sustentabilidade é a gente fazer o avistamento de aves na própria escola. A nossa horta também. Ela tem essa interface com a sociedade e com o meio ambiente, né? Porque ali você trabalha com as coisas, meio rural e alimentação urbana, agricultura urbana. A gente têm a lagoa, a Lagoa Pequena que é essa, vamos dizer assim, a nossa jóia aqui que a gente consegue, né? Por exemplo nessa paisagem ali esses dias, eu fiz uma abordagem com um professor amigo meu professor, doutor em biogeografia e a gente fez porque a gente tá fazendo um estudo sobre as aves que ocorrem no parque, contagem de árvores, então assim a paisagem, ela oferece isso aqui para nós, né? Muitos, muitos elementos. Aqui é um lugar privilegiado. Com certeza não é à toa que eu trabalho aqui há tanto tempo e e sou apaixonado por esse lugar. E principalmente é você tentar sempre fazer como a gente tá, dentro da educação, fazer essa relação sociedade/natureza com as crianças e elas entenderem. Ela entender que a gente não é separado da natureza como coloco, né? Essa coisa toda que o ser humano se perdeu totalmente. Na minha opinião, né? Eu como Educador mesmo. Acho que se perdeu, se desligou da natureza, não consegue mais, acha que é um ser... né? O ser humano é um ser superior e tal, aquela coisa toda.... Carlos Porto Gonçalves falava num livrinho ali sobre essa separação do ser humano. Aí cada vez pior, né, minha opinião. E aí a gente tenta dentro da escola juntar essas peças e fazer essa junção de novo.

ENTREVISTADORA. Então, a respeito da Lagoa Pequena, localizada às margens da Avenida Campeche, em sua opinião, como você a enxerga e compreende na relação com a escola e a paisagem local?

ENTREVISTADO: eu enxergo ela como um elemento natural nessa junção entre a sociedade, ela tá ali ao mesmo tempo exprimida se a gente for ver algumas imagens, né? Ou mesmo se a gente for lá em cima [em referência ao último andar da escola, de onde se vê a Lagoa] como te falei, ela tá exprimida. Então é como a gente vê ela, eu vejo A Lagoa pedindo socorro na verdade, sabe e a gente tentando ajudar. A escola, dessa relação da escola, não só escolas públicas e outros professores tentando alertar a sociedade. "Olha, vamos deixar mais espaço". Eu acompanhei, por exemplo, a FLORAM com o Mauro que é o diretor lá que eu conheço, essas questões da Preservação da unidade de conservação, como ela foi criada. Se não tivesse essa unidade de conservação a Lagoa não existiria dentro dessa configuração, se não tivesse essa unidade ali de conservação, já tava tudo ocupado, essa orla, esses espaços, ambientes já estaria todo ocupado. Então eu vejo ela assim, pedindo sempre socorro e a gente tentando ajudar e eu assim, na minha visão de educador e de ambientalista, tentando ajudar. Sei lá, agora a gente talvez tentando passar um tratamento de esgoto nosso isso vai amenizar o problema porque semana que vem por exemplo, a gente vai fazer um trabalho de análise de água nela [na Lagoa Pequena], a gente quer saber como é que tá a lagoa, ia ser amanhã, mas eu não consegui o kit [de análise], até vou falar para os meninos hoje. O Clube da Sustentabilidade tem oito alunos. A gente vai lá, nós vamos fazer essa análise a gente trabalha toda semana e algumas temáticas dentro das ambientais, né? Então semana que vem a gente vai lá tentar coletar a água. A gente conhece a metodologia a gente vai, a gente tem um kit ambiental e vamos lá saber então, é essa visão mesmo. Ela tá pedindo socorro a todo momento, né? A Lagoa como um ente, vamos dizer assim, sabe? Essa questão da natureza que a gente olha a natureza. Ela também tem direitos, né? A Lagoa tem direito; pássaro, a ave tem direito; a árvore... não é? Só nós que temos direito, não né? Então tem que ter essa visão mais da natureza, dar valor pra ela.

ENTREVISTADORA: Você acompanha as discussões ambientais sobre a Lagoa Pequena?

ENTREVISTADO: a gente faz essa discussão aqui sempre, né? E também tem outros órgãos, a FLORAM está sempre ali. Tentaram colocar ali, colocaram efetivamente um centro de educação ambiental, mas depredaram, aí tiraram, aí não sei se tu sabe ali que tem uma tenda [em referência à base de educação ambiental da Lagoa Pequena], era lá dentro e tal, mas agora tá tudo depredado.

ENTREVISTADORA: Enfim isso remonta àquela tua primeira resposta sobre a dicotomia, né da afetividade e ao mesmo tempo a própria comunidade depredando aquele local.

ENTREVISTADO: sim, os jovens assim, mas enfim, tem que ter algum cuidado, tem tanta gente com grana aí por que que não poderia juntar essa gente... Tem que ser uma política pública não adianta, né? Tem que ser vindo do estado entendeu? Parceria público privada, mas o Estado tem que gerir isso porque se deixar para iniciativa privada, não dá na minha opinião não. Certo, porque a iniciativa privada, ela tem sempre a visão do lucro e a visão do lucro para na natureza não dá certo, na minha opinião, né? Lógico! E aí vão, cercam o parque todo e vão cobrar para entrar no parque, quer dizer. Ah aí vai... entendeu? Ah daí o sentido da da natureza vai tudo por água abaixo, ou seja, só as pessoas privilegiadas vão poder entrar lá no parque né? É isso que fazem com um monte de parque.

ENTREVISTADORA: em sua opinião, como as pessoas desta localidade, em especial os seus estudantes, em especial do nono ano, se relacionam com a Lagoa.

ENTREVISTADO: Eu sei que eles tomam, no verão, eles tomam muito banho ali, tem muito estudante nosso que se utiliza daquele espaço para com a família . Esses dias eu fui com os estudantes ali, ele falou que nunca tinha visto a Lagoa. Eu venho que você não é família, mas nunca tive esse olhar da natureza, das árvores, dos ambientes, da paisagem que a gente fala ali quando a gente vai fazer a leitura da paisagem, né das bordas dos ambientes que vão até lá na orla, né? Ele nunca tinha então essa relação que eles têm é também da escola, né? Então essa visão do espaço é no caso, de recreação, mas eles também têm essa visão científica da coisa como eu falei desse relato desse estudante, né? Eles têm uma relação mais aprofundada, vamos dizer e isso aí, às vezes, passa para as famílias. Então é isso. Eles têm as duas relações. As boas relações, da paisagem como afetiva, como uma questão de recreação e também eu acho que eles têm, os estudantes estão ali num num projeto tal, dentro do da escola, tem essa visão científica também. Vamos dizer assim científica ou de cuidado também.

ENTREVISTADORA: Você tem ou já pensou em tematizar a Lagoa Pequena em suas práticas pedagógicas? O que que foi marcante para ti desse trabalho que tens desenvolvido tendo a Lagoa Pequena como tema?

ENTREVISTADO: eu trabalhei ela de várias maneiras, eu já fiz por exemplo quando eu tava em sala de aula com os estudantes umas descrições da Lagoa, dos ambientes e os estudantes escreviam um diário de campo. Então o tema era na verdade a escrita de você ter o conhecimento daqueles ambientes de forma diferente como eu falei antes, mais científica tal, dentro dos domínios morfoclimáticos que a gente trabalha na geografia; na geografia não trabalhamos com biomas e sim os domínios. E aí a gente pega Mata Atlântica. Então a gente

tematizava dentro desses temas e agora eu tô tematizando de outra forma. Agora a gente tá fazendo vamos dizer assim dentro do clube da sustentabilidade, pegando a lagoa como um tema de... ela tá pedindo socorro cara, ela tá né? Ela tá num processo de entropia, a Lagoa, né? Na verdade se a gente for ver qualquer corpo, no caso assim uma lagoa, mas ela tá num processo muito maior de entropia, porque aí tem uma questão humana. Acredito eu que a gente vai fazer a análise dela. É a gente vai ver que ela tá contaminada com coliformes fecais porque tem todas essas casas aí. E aí eles usam fossa séptica, se botam sabão e água sanitária, ela não funciona, né? Porque f ela tem que ter um cuidado tal tem tudo, mas então eles jogam ali e quer dizer ela [Lagoa Pequena] tá contaminada, então vai tendo um processo maior de degradação, com certeza, um material orgânico, né? E aí então o tema é esse sempre. É um tema ambiental mesmo dentro da escola assim, que eu vejo, é um objeto de estudo, como a gente já fez também plantio de mudas. A gente vai lá planta, né? Faz parte de muda que não aparece. Às vezes a gente foi e tenta conscientizar as pessoas também, né? Esse é o tema ambiental mesmo.

ENTREVISTADORA: essa tua resposta tem bastante relação com a próxima pergunta que seria: **com suas palavras, baseado em seus conhecimentos prévios, de que modo você compreende que as questões ambientais possam estar ou devam estar presentes no currículo da escola e de suas práticas pedagógicas?** A isso pode dar exemplo do dia a dia?

ENTREVISTADO: na geografia eu vejo a questão ambiental, não é nem transversal ela é própria até, o que eu quero fazer é um doutorado e a minha pesquisa vai ser talvez essa. A própria geografia disciplina ela é em si uma disciplina de educação ambiental, vamos dizer, porque ela estuda a paisagem, nela você vai sempre falar das questões ambientais. Essas práticas escolares, as minhas práticas sempre estão assim recheadas dessas questões ambientais, não adianta, eu vivo isso também na minha vida, né? Vou falando lá de bicicleta ali. Eu opto pela bicicleta, eu tenho carro e tal e utilizo o carro o menos possível e se tivesse um baita de um transporte público nessa nossa paisagem a gente utilizava menos, né? O carro ia ser utilizado menos ou nem precisaria do carro.

ENTREVISTADORA: **Em sua formação profissional Inicial ou continuada houve presença da temática Ambiental de forma direta ou indiretamente que ressoem na sua prática docente?**

ENTREVISTADO: sempre falando da paisagem e a paisagem ela tá sempre nessa relação com o meio. A sociedade, a paisagem, ela tem essas relações e o meio e a sociedade sempre, dá-se a contradição. Se a gente for pegar lá os Guaranis, por exemplo, né? Povos indígenas do Brasil, os Guaranis, eles tinham essa relação que não era contraditório com o ambiente, eles viviam numa relação ecológica, né? Essa ecologia humana com o ambiente. Essa sociedade não, ela vive numa contradição porque não compreende os processos. Parece que a sociedade ela meio que acelerou. O processo tá tentando acelerar a natureza e a natureza ela tem um tempo dela.

ENTREVISTADORA: **você considera que dentro dos temas de suas aulas cabe trazer a temática Ambiental de alguma maneira?**

ENTREVISTADO: havia respondido sempre na matemática ambiental na geografia e nas minhas práticas atuais; agora vou falar como a gente vai fazer ali uma oficina de robótica e a gente quer fazer uma horta automatizada com L'acqua Arduino que é uma plaquinha de computador didática e tal e foi construída para trabalhar com estudantes, né? Então a gente

quer fazer na horta um...recolher a água da chuva e também daí fazer uma rega automatizada. Então até agora nessas minhas práticas, agora mesmo a gente tá pensando na questão ambiental, né de recolher água na chuva, um trabalho dentro da área ambiental sempre. Então o meu o meu trabalho é sempre nessa área. Não tem como escapar.

ENTREVISTADORA: Se acorda de ter trabalhado o tema ambiental em suas aulas antes? E aí eu gostaria que tu citasse ou escrevesse algum caso que tu ainda não mencionasse.

ENTREVISTADO: esse trabalho que eu fiz... eu fazia muito trabalho no sexto ano com lagoa, em que a gente fazia a descrições dos ambientes. E aí no final eles faziam um relatório. Registrava em foto, ia lá, a gente ia pelo menos duas vezes, fazia uma saída, como é muito fácil fazer a saída de estudos... aqui a gente tem... a sala de aula pra pra nós é a Lagoa Pequena, né? Para mim sempre foi. Então a gente faz lá faz um circuito e com um mapa eles aprendem a orientação, né? Orientação geográfica, a gente fazia, dava volta aqui, conhecia o ambiente que a gente tem. Tipo, tinha estudante que nunca tinha passeado. Então essa é uma prática muito legal pra fazer pro sexto ano que na geografia a gente tem essa questão do você começar a trabalhar, né? Do do micro pro macro, né, do do local pro Global. Aí no sexto ano eu trabalhava no local, no sétimo ano ia pro Brasil, no oitavo ia pras Américas e no nono trabalhava a globalização e sempre trabalhando com o local para plantar mais sentido ao que a gente estudava. No sexto ano a gente demarcava bem esse lugar chamado Rio Tavares, né? O Bairro Rio Tavares e depois fazia mais sentido para eles. Trabalhando com a questão local. É o que tá mais à vista, né? E aí então os estudantes do nono ano hoje foram os estudantes do sexto ano que tiveram aula comigo de geografia e pegaram essa parte de ir na lagoa e fazer os diários, né, que são meus alunos hoje no Clube da Sustentabilidade.

ENTREVISTADORA: tem um acompanhamento progressivo de ti com esses alunos, né?

ENTREVISTADO: Tem, com certeza. A gente tá trabalhando junto faz tempo aí agora seis estudantes desses passaram no IFSC, é um ganho aí pra escola, quer dizer, a gente tá fazendo trabalho certo.

ENTREVISTADORA: você consideraria que a Lagoa Pequena poderia continuar a ser abordada/ mencionado em suas aulas. De que forma isso poderia acontecer?

ENTREVISTADO: então agora eu estou fazendo essa... eu utilizo nos projetos do Clube da Sustentabilidade. A gente tá fazendo aí. esse trabalho com avefauna. Quero trabalhar agora a questão que eu falei que a gente vai fazer, a análise da água. E depois no final a gente quer apresentar isso numa amostra, e outras questões. Eu tô pensando em fazer entrevistas, tá? Esse trabalho com os moradores ali. Um pouco nessa pegada sua aí, da percepção. Ah isso aqui, você mora aqui, o que você acha? Enfim, sabe? Trabalhar, fazer um trabalho mais antropológico também. É o objetivo nosso aqui de estudos mesmo, da escola e meu especificamente. Eu sempre tive ali eu se a gente for ali eu conheço ela direitinho, os lugares ali e tal se pôr uma cerca e eu passar ali a mais "ó, essa cerca não tinha ontem". Inclusive eu fico de olho ali, às vezes eu vou de bicicleta ali porque é um parque. A gente tem pessoas não tão nem aí, vão lá e botam cerca. "Ah eu vou pegar mais de 100 metros aqui pra mim". Tem nesse núcleo aí, mas eu achava que esse núcleo passasse dentro do parque mas eu tenho aí as fotos tudo, falei com o pessoal da FLORAM e pior que não.

ENTREVISTADORA: passa fora, né? falando.

ENTREVISTADO: é isso mesmo, eles conseguiram que isso aqui porque tinha que ser tudo parque, né, mas enfim...

ENTREVISTADORA: acredita que esta menção à Lagoa Pequena alteraria ou impactaria no conhecimento de seus alunos acerca da paisagem local? De que forma isso aconteceria?

ENTREVISTADO: como eu te falei antes desse estudante que me falou: "pô, professor, eu vim aqui muito tempo com meus pais, mas nunca tive esse olhar científico, um olhar mais natural da Lagoa, sempre foi um olhar de brincadeira de vir aqui brincar e fazer um piquenique". Então eu acho que altera muito sim, quando a gente vai lá eu vejo os estudantes refletindo, perguntando. Nessa última saída que eu fiz mesmo com esses estudantes, eles ficaram encantados com a metodologia do professor lá e essas questões e a gente foi ali na Lagoa havia uma boca de lobo que vinha da comunidade, olha, tinha uma água ali meio parada, tava sem cheiro, mas a princípio parecia ser de esgoto ou alguma coisa assim de esgoto, então, eles já refletiram sobre aquilo. Então muda, entendeu? Esses estudantes vão sair daqui da João Gonçalves e efetivamente eles depois, até eu encontro um e outro: "o professor, legal essa saída que a gente fazia sempre lá na Lagoinha". Eles pensam, né? Claro que não a gente não pega todos os estudantes, mas a maioria com certeza tem uma outra percepção a partir dessas práticas, né, que a gente faz na Lagoa ou qualquer outro lugar, beleza?

ENTREVISTADORA: Em seu tempo de trabalho nessa escola, alguma vez houve por parte da escola um movimento de aproximar o Estudante da Lagoa pequen? Essa pergunta vem mais no sentido de ser uma coisa para além de ti [docente], do institucional.

ENTREVISTADO: Nunca teve movimento assim...Eu pensei, por exemplo, levar toda a escola lá na Lagoa Pequena e abraçar ela, sabe? Fazer um abraço na Lagoa assim, ia ser muito legal, sabe? A comunidade toda abraçando ela. A princípio sempre foram trabalhos pontuais mesmo. Que eu saiba só eu trabalhei sempre com a Lagoa aqui. Tem uma que eu sou efetivo aqui 14 anos, né? No início do trabalho assim que eu fui juntando as peças até né? Ter uma clareza melhor do do trabalho, né? Tu vai ao longo do tempo vai vendo clareza do trabalho. E aí comecei a ficar bastante, sei lá, uns cinco anos para cá assim depois antes da pandemia, né 2018, 2019, comecei a intensificar [o trabalho] que a pandemia acabou desarticulando todos os nossos trabalhos, não só o meu, de todo mundo né? Depois juntamos de novo, começando. E aí agora eu consegui esse projeto no ano passado que é um projeto que tem essa visibilidade do ambiente, né da paisagem Realmente ela [escola] bancou e agora ela tá bancando também. A escola tá bancando dentro de um de um programa de educação integral que chama no MEC de educação integral em tempo integral, só que a nossa escola não é tempo integral, mas a educação visa que o estudante não tenha esse conhecimento teórico só em sala de aula, mas sim em outros espaços, né? Cinema filmes. Então dentro dessa perspectiva. A escola agora sim, ela parece que ela vem enxergando isso, no sentido da equipe pedagógica assim ó, vem enxergando a questão da Lagoa, como é importante para nós assim, é muito importante mesmo. É como uma sala de aula. Nossa eu sempre falo para eles a nossa sala de aula ali.

ENTREVISTADORA: Em sua opinião que características contribuem positivamente para a abordagem da Lagoa Pequena em suas aulas. Daí vai desde a localização até a questão pedagógica, a tua formação e tu podes citar aquilo que tu considera que facilita mais essa abordagem.

ENTREVISTADO: Como é um espaço externo da escola tem todo um desafio para os estudantes saírem da sala de aula. Isso já é uma ação pedagógica. Quando vai para um outro lugar fora da escola já é uma ação pedagógica dos Estudantes, né? Às vezes a gente lembra quando era adolescente aí... Era muito legal e ao mesmo tempo você cria um vínculo muito maior com os estudantes porque eles: "ah professor, sempre leva a gente num lugar diferente, tal". Também isso é legal. Então nesse sentido, outro sentido é nas aulas dos componentes curriculares que a gente chama que são os conceitos geográficos, conceitos científicos da ciência da biologia nesse sentido também, né? Se utiliza de questões ambientais, né? É isso né? Essa pergunta qual que era as características do geral que contribuem positivamente para fazer um trabalho, é de tanto por exemplo das características físicas e biológicas e também essas características sociais que a gente quando pode aborda. A primeira paisagem que eu pego é Lagoa Pequena, né? E a gente já vai ver ali, "ó, gente, ó, isso aqui, essas casas... pode ocupar esse lugar, pode, mas de que maneira que ele foi ocupado, vamos ver como é que foi...".

ENTREVISTADORA: Em tua opinião, ela oferece todos os elementos para se estudar uma paisagem?

ENTREVISTADO: todos os elementos, com certeza, com certeza porque depende da perspectiva que tu vê a Lagoa, até a visão mesmo. Pode ser, pegar a visão, sei lá de Noroeste para o Sudeste vai ver uma visão natural da lagoa, vai ver sabe, a paisagem natural. Aí se tu pega ela mais pra Sul, tu vai ver toda essa ocupação no parque certinho. Então imagina né? Então é, é um lugar como eu falei privilegiado. Não tem uma escola aqui na ilha que tem isso aí. Por isso que, como eu falei, eu gosto daqui, que é um lugar para se estudar assim muito legal, muito legal. E a minha ideia aqui nessa escola é fazer uma escola parque inclusive, que é uma escola que ensina além dos estudantes, professores. Tem um conceito de escola parque do Brizola ainda no Rio de Janeiro, eles fazem as escolas de tempo integral, que é o ponto de escola parque também, além de trabalhar com aluno, trabalhar com professor da educação brasileira que agora o MEC também, o governo federal vem tentando fazer isso. Pegou lá essa ideia que a educação integral em tempo integral ainda mais a escola pública que os estudantes ficam por aí sem fazer nada. Às vezes né? Tem que ficar todo tempo na escola.

ENTREVISTADORA: ainda nessa perspectiva a [pergunta] 18 vem tratar do que tu considera que seriam pontos negativos para abordagem da Lagoa Pequena em suas aulas, na verdade. Ela tá composta assim, ó 18. Em sua opinião que características contribuem negativamente para abordagem da Lagoa Pequena em suas aulas? Ou seja, quais são aqueles fatores dificultadores? O que que tu acha que é um entrave, que é difícil para que tu consiga abordar mais ou se existem esses fatores explicadores?

ENTREVISTADO: Ah geralmente assim, fatores assim negativos dentro de um trabalho nosso é só o clima, né? O tempo na verdade, o tempo se tiver um tempo chuvoso. Por exemplo assim, a gente quer fazer uma saída de estudos. Eu lembro que eu marcava a saída de estudos ficavam meses para a gente sair porque nunca dava certo então mais o clima. Porque a entrada ali é pública, eu acho que não tem assim características assim para a gente trabalhar aqui é mais é o tempo e o clima e a gente porque daí é só se organizar, né? Então não tem assim...

ENTREVISTADORA: de que forma a sua prática pedagógica pode contribuir para a resolução das características negativas as dificuldades da abordagem dela? Bom,

falou da questão do tempo, né? Aí não não sei se haveria como né. Porque realmente essa questão do tempo é um fator dificultador, não tem muito como controlar.

ENTREVISTADO: enfim a natureza né? É não tem como não tem jeito, mas aí isso é o tempo porque o restante é muito fácil, né? Só se o professor também não tiver conhecimento, não tiver vontade de...motivação cara. Tem professor também, dependendo profissional, qualquer tem que ter formação e tem que ter vontade, enfim e entender os processos.

ENTREVISTADORA: de que forma outros atores, outros sujeitos poderiam contribuir para a resolução de quaisquer dificuldades da abordagem da Lagoa em suas aulas?

ENTREVISTADO: a UFSC, a Universidade Federal ela não só pode fazer como já contribuiu várias vezes. Você falou antes do laboratório de Limnologia, né? Eles vieram já trabalhar lá na Lagoa com gente, eles fizeram uma... Trouxeram vários animais marinhos, fizeram uma exposição na Lagoa, a gente foi lá, tem tudo registrado ali foi bem legal. Então as instituições públicas e privadas também. É também é, por exemplo, para a gente adquirir um kit ambiental precisa de dinheiro, então as empresas poderiam nos ajudar. A Pedrita aqui nos ajuda com o material, já nos ajudou. Então nesse sentido as instituições como a escola é uma escola pública e ela tem esse valor público, é legal que na escola pública... Eu já trabalhei numa escola privada. Escola públicas é muito diferente a escola pública tem muito mais liberdade e de atuação e também essa questão do caso do lucro, né? Capitalismo. Enfim, na escola pública, você não tem muito essa questão do lucro dessas relações capitalistas, tu consegue ter liberdade. Essas parcerias, então a parceira privada e pública. Eu acho que o público é muito melhor, também já a FLORAM, por exemplo, nos ajudou muito aqui. Eles vinham aqui. Os biólogos lá, eles vinham aqui, a gente saía com eles, convidava, eles vinham, eles nos davam oficinas, eu aprendi muito com eles, então isso aí é fundamental, né, ter essa parceria. Assim como as instituições tanto pra ensino como pra cuidar, eles têm ali agora o plano de manejo que não foi assinado pelo prefeito. Por exemplo, né? Manejo do parque natural das Dunas, né? Todos os parques e aqui não foi assinado, eles precisam fazer isso porque... que o cara não assina, ele fica de cara, isso aí é bem simples porque vai demandar dinheiro. Vai demandar um monte de coisa, ali tem todas as características ali do plano de manejo. Então vamos ver o próximo Prefeito aí.

ENTREVISTADORA: então, tu achas que é importante que essa pareceria seja continuada?

ENTREVISTADO: efetivamente a gente tem uma parceria. Tá faltando agora a parceria com a UFSC.

ENTREVISTADORA: o que que tu acha que dificultou esse contato com a UFSC? Tu acha que o problema é da Universidade que procura pouco, se demonstra pouco interessado nesse trabalho?

ENTREVISTADO: eu acho que a universidade passou por uns momentos difíceis agora ela vem assim... porque antes eu já fui tutora ali da geografia, né? Os professores... tinha aquele aquele programa do PIBID. Não sei se tu fez. Tinha um aqui na escola, não tem mais por exemplo. Então, eu acho que isso isso reside nessas questões de financiamento, né? E também as vezes a universidade fica muito fechada, né? E assim, trabalho de extensão, é

que eu acho que dá uma dinâmica na universidade e faz sentido que daí só fica lá, né? Eu acho que bom eu conheço a universidade, né? Eu estudei lá e dentro de um núcleo da educação popular. A gente fazia muitas coisas, né? A gente por exemplo, na minha época, em 2009 que eu fiz mestrado lá, a gente construiu o Parque da Luz, num projeto lá com a professora que tinha lá e tal, então eu acho que falta também essa vontade da Universidade de estar. Apesar que também não sei exatamente. Eu sei que tem vários projetos em outras escolas.

ENTREVISTADORA: Sim, sim, mas essa escola também é importante.

ENTREVISTADO: Sim. e também pessoas da comunidade irem lá na Universidade. "Ah, vamos lá, vamos lá trabalhar na Lagoa. Vamos né? Vamos salvar a lagoa, fazer um movimento". Tá faltando fazer um movimento da Lagoa, sabe, sei lá SOS Lagoa Pequena, coisa assim aqui tem um grupo aí agora, né, Tal da Amorita, que é aquela galera do partido do PSOL de mandato coletivo, eles fizeram aqui um momento. Deixa eu ver, eles estão fazendo movimento aqui do Forte [atacadista], por exemplo, que vai impactar aqui, né? Toda essa região, né, na paisagem, no sistema viário, enfim... E esse movimento aí poderia a gente poderia estar junto, com esse coletivo... Então, é isso. [Cumprimentos e finalização].

APÊNDICE C – Transcrição de entrevista com docente da disciplina de Ciências na íntegra.

[Apresentação e cumprimentos]

ENTREVISTADORA: Vou te identificar só como a professora de ciências, tá?

ENTREVISTADO: Tá.

ENTREVISTADORA: **Então, tua área de formação? Formação Inicial ou graduação.**

ENTREVISTADO: Fiz a graduação em Biologia Bacharelado e Licenciatura pela Universidade Federal do Paraná. Depois eu fiz mestrado aqui na UFSC e o doutorado aqui na UFSC no programa de pós-graduação de biologia de fungos algas e plantas.

ENTREVISTADORA: **Cargo que exerce nesta escola?**

ENTREVISTADO: Professor de ciências, leciono ciências Ensino Fundamental 2. Tempo de profissão na disciplina de atuação é o segundo ano então o período de tempo pelo qual exerço o cargo nesta escola é segundo ano também.

ENTREVISTADORA: E aí se atuando como professor, que é o caso, né? Sob contrato temporário ou efetivo da rede Municipal, diga o período pelo qual atua como tal.

ENTREVISTADO: Eu trabalhei aqui ano passado à tarde 20 horas e agora esse ano 20 horas de manhã, ACT fechando o segundo ano.

ENTREVISTADORA: **Você possui alguma formação que abrange conhecimentos acerca de ambiente e sustentabilidade? Se sim diga qual é e como essa formação aconteceu.**

ENTREVISTADO: na formação tanto da faculdade, a gente tem disciplinas de questões ambientais, né? Depois no mestrado também eu trabalhei numa área de preservação num parque nacional de São Joaquim. E aí eu fiz Flora lá então de certa forma abrange também, a parte ambiental, teve uma parte de Ecologia na minha dissertação e é isso. No doutorado eu trabalhei um pouco mais específico sistemática de um grupo, então não tanto a parte ambiental mais assim a parte biológica, as árvores as espécies sim, mas acho que tá tudo interligado.

ENTREVISTADORA: A Biologia dá uma formação de base na sustentabilidade, né?

ENTREVISTADO: Sim.

ENTREVISTADORA: **como você descreveria a paisagem do bairro onde estamos, onde está a escola fisicamente? Concentre-se em escrever a paisagem próxima do seu cotidiano, aquela que você passa para ir e voltar do trabalho.**

ENTREVISTADO: Todo dia eu pego o ônibus. Eu moro perto da avenida Campeche na Servidão [nome da Servidão], então todo dia eu pego o ônibus ali na avenida ao lado da praia, né separada, pela Restinga.

Quando eu passo pela Lagoa Pequena para vir para escola aqui na escola a gente enxerga o morro do Lampião enquanto está trabalhando e tem a Pedreira, a Pedrita aqui na frente, que tem uma questão ambiental ali porque eles estão explorando, explorando, explorando.

ENTREVISTADORA: Em sua opinião, qual é o perfil ou perfis (se achares que tem mais de um) dos moradores dessa localidade do ponto de vista econômico social e cultural?

ENTREVISTADO: eu acho que a população aqui da região do Campeche- Rio Tavares é bem diversificada. Eu acho que tem de tudo, tem as pessoas nativas daqui, descendentes dos açorianos e outras pessoas aqui que são da região da Ilha, do continente que vieram morar aqui. E também tem muita gente com grana com uma situação socioeconômica um pouco melhor assim, né? Mais abastados que vieram de outros lugares, São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre tem bastante, então tem esse povo e também tem muita gente que vem para ficar perto da praia, né, para morar perto da praia para viver uma vida um pouco mais calma, desestressar ficar mais perto da natureza. Acho que é isso aí sim.

ENTREVISTADORA: em sua opinião, a paisagem em que a escola está inserida apresenta elementos ambientais que permitam tratar de questões sobre a natureza e sobre a sociedade? Pode citar um exemplo, se tu quiser, da localidade aqui ao redor.

ENTREVISTADO: Eu vejo bem assim: na sala de aula eu uso muito o Morro do Lampião, quando tenho que falar da Mata Atlântica e eu sei que o professor [de Geografia] faz umas saídas de Campo. Eu não fiz ainda junto, mas que ele faz saídas de campo com os alunos aqui em volta da Lagoa pequena, no parque ali, nas dunas e daí tratando das várias questões aqui da região.

ENTREVISTADORA: a respeito da Lagoa pequena, agora mais focado, né, localizada às margens da Avenida Campeche, você a enxerga e a compreende na relação com a escola e a paisagem local?

ENTREVISTADO: É eu enxergo que é uma fonte de lazer muito grande aqui para região toda. Muitas pessoas nadam nela quando tá quente. Inclusive alunos daqui eu já vi. Tem aquela pequena pracinha ali na frente do sufocos (Bar), que muita gente faz exercício, muita gente vai e fica por ali naquele deck pequeno. Ali é bem usado, o outro lado também da Lagoa. Eu percebo que as pessoas vão, Inclusive eu, do outro lado ali pelo Rififi (loteamento) para ficar na beira tomando sol, molhando o pé por ali. Eu já já fui caminhar em volta bastante ali também nas trilhas, ali para dentro em direção ao Mar. Já fiz Saída de Campo da UFSC ali, mas não levei meus alunos aqui da escola ainda. E tem as questões ambientais todas com o bairro, né, que precisa melhorar. Já teve

problema de... as pessoas, as construções ali em volta, liberando esgoto ou água de rerejeito ali. É uma pena.

ENTREVISTADORA: Você acompanha as discussões ambientais sobre a lagoa?

ENTREVISTADO: Sim. Eu lembro que quando eu me mudei para cá em 2018, um supermercado estava sendo autuado porque tava despejando esgoto na lagoa, aí pagou uma multa e eles tiveram que fechar. Eu lembro dessa questão e agora eu vejo nas mídias ali no WhatsApp, assim nos grupos aqui de associação de moradores, reclamando de alguns condomínios novos em volta ali da lagoa que também então jogando dejetos ali, né? Não sei se de esgoto. Eles falam que a água da chuva mas não sei se é. E aí tem empreendimentos novos que estão prometendo fazer obras de drenagem, o que é estranho porque o empreendimento é particular não é público, né? Obra de drenagem, teria que ser do poder público, né? Pois é tem tudo isso. Alaga ali bastante em volta da Lagoa, na Avenida Campeche...

ENTREVISTADORA: e toda essa percepção tu desenvolveu em pouco tempo, porque tu tá morando aqui desde 2018, somente?

ENTREVISTADO: Antes eu vinha para ir na praia, mas não morava aqui.

ENTREVISTADORA: E aí Trabalhando nessa escola, dois anos também somente né?

ENTREVISTADO: Sim.

ENTREVISTADORA: em sua opinião como as pessoas desta localidade, em especial os seus estudantes do nono ano, se relacionam com a Lagoa Pequena? O que tu conseguiu pescar nesse tempo de relação com eles?

ENTREVISTADO: quase nada. Assim é o que eu sei mais. O pessoal do clube da sustentabilidade que se interessa mesmo pelo assunto que foram em saída de campo com [docente de geografia] e fizeram uma trilha ali com um ornitólogo. E aí eles viram várias aves, mas são poucos alunos que eu tive alguma interação sobre o assunto.

ENTREVISTADORA: Uma coisa que eu quero te perguntar porque eu acabei não perguntando isso para o (docente de geografia) é se o clube de sustentabilidade, os alunos podem escolher ou não participar?

ENTREVISTADO: sim, é o contraturno, né? Porque aqui na escola eles oferecem muitas atividades de contraturno com os alunos e uma delas é o clube da sustentabilidade.

ENTREVISTADORA: você já pensou em tematizar a Lagoa Pequena em suas práticas pedagógicas, se sim de que modo tu pensou a priori em abordar?

ENTREVISTADO: eu já pensei em fazer uma atividade com (docente de geografia) de coleta de lixo começando ali na atrás da Lagoa Pequena e indo em direção à praia, mas eu não levei. Eu não levei a cabo, foi uma ideia do ano passado. A gente chegou a ventilar com o nono ano, mas não foi, não foi feita tá, a gente tava trabalhando microplástico. Talvez seja um momento de retomar, né?

ENTREVISTADORA: com suas palavras, baseado em seus conhecimentos prévios, de que modo você compreende que as questões ambientais possam estar presentes no currículo da escola e das suas práticas pedagógicas? Se possível dê exemplos de como isso poderia acontecer na prática, no dia a dia.

ENTREVISTADO: ah, eu acho importantíssimo, eu acho que na matéria de Ciências a gente tem que estar o tempo todo trabalhando a educação ambiental junto com o conteúdo, né. Para alguns grupos é fácil porque o próprio conteúdo programático deles envolve o meio ambiente, é mais fácil integrar. No nono ano fica mais difícil, porque eles começam a ter conteúdo mais específico. E aí o professor tem que se puxar um pouco para trazer a parte ambiental, o que a gente consegue trabalhar bastante a questão do meio ambiente educação ambiental é com o projeto da horta escolar. Aí a gente consegue fazer bem a integração das coisas, que não é no contraturno é durante a o período da aula. Daí é toda a turma aí eles vão para horta. Eles aprendem. Tem a parte teórica eles aprendem. Teoricamente era teórico e prática, aprender sobre compostagem minhocário e solos. Aí a gente fala bastante do problema do lixo a gente falado porquê de fazer composteira para diminuir o volume do lixo, eles assistem vídeos sobre isso. Depois a gente trabalha a água no sexto ano, no final, as questões todas da água e dos biomas. E aí é muito interessante porque quando a gente trabalha os biomas eles também se descobrem dentro da Mata Atlântica que é muito interessante assim, né? Eles não têm essa noção que eles estão na Mata Atlântica. São os habitantes da Mata Atlântica. E uma parte do nosso projeto da horta é percepção da paisagem, que aí o (docente de geografia) faz uma oficina assim.

ENTREVISTADORA: próxima pergunta então. Em sua formação profissional Inicial ou continuada houve presença da temática Ambiental de forma direta ou indiretamente que tu achas que ressoam hoje na tua prática docente?

ENTREVISTADO: Ah sim, eu acho que completamente, tanto toda parte teórica da graduação (a gente acaba entendendo melhor os organismos, como dos organismos funcionam, a diversidade de organismos) e também na parte de Ecologia, a conectividade com a interação de tudo isso então, eu acho que toda a minha formação é base para entender melhor o meio ambiente.

ENTREVISTADORA: você considera que dentro dos temas das suas aulas cabe trazer a temática Ambiental de alguma maneira? Essa pergunta meio que já foi respondida, né? Porque às vezes ela se repetem mesmo.

ENTREVISTADO: sim, sim, é... Lembrei de outra prática que eu faço com o nono ano que é um estudo dirigido sobre microplásticos. Eles leem um artigo e aí depois eles vão respondendo questões sobre microplástico. E essa era a ideia de depois da gente ir fazer a coleta. Então eu acho importante sim integrar, né? As duas coisas ainda mais porque pensando e a partir da horta também que a gente faz bastante.

ENTREVISTADORA: você já abordou no passado o tema ambiental em suas aulas nessa escola? Se sim, lembra-se de algum momento marcante?

ENTREVISTADO: Ah, teve uma coisa bem específica que foi a semana do meio ambiente é o último que a gente teve produção de cartazes com os alunos sobre a temática ambiental foi bem bacana, a gente decorou a escola com cartazes, então isso foi muito legal e o projeto da horta sempre né? Daí sair da sala de aula vai para lá e a gente vê bastante biodiversidade também, encontra fungos.

ENTREVISTADORA: trabalhando nessa escola alguma vez a Lagoa Pequena foi abordada ou mencionada diretamente nas suas aulas? Mais especificamente houve alguma atividade prática ou saída de estudos com os estudantes para Lagoa?

ENTREVISTADO: minha não, específica. Não ainda. Eu tenho pouco tempo relativamente, né?

ENTREVISTADORA: você consideraria que a Lagoa Pequena poderia ou começar ou continuar a ser abordada, mencionada em suas aulas? Aí, de que forma imagina que isso poderia acontecer?

ENTREVISTADO: Ah, eu acho que precisa sim e a integrando com o conteúdo deles, né? No sexto ano, essa é a parte de biomas e plantas; no sétimo ano a parte da fauna, talvez no oitavo ano. A gente trabalha mais o corpo humano, mas também dá para trabalhar o ambiente de outras formas. Essa questão de poluição, limpeza, cuidado e no nono ano é isso que eu falei não tem essa prática da limpeza na questão dos microplásticos, sim levar isso para frente.

ENTREVISTADORA: Imagina assim, bacana. Aí acredita que esta menção a Lagoa Pequena nas suas aulas impactaria no conhecimento de seus alunos acerca da paisagem local? Se sim, de que forma imagina que isso aconteceria?

ENTREVISTADO: Acho que sim, porque os alunos estão vivendo nesse nessa época de muita tela, muito entretenimento digital, muito conectados com jogos e pouco conectados tanto com o corpo deles como com um ambiente que eles existem, né? Então eles entenderem melhor que tem uma unidade de conservação importante que ela é importante para a região, eu acho que é bem importante para para ampliar a consciência deles. E aí eles verem esse monumento ambiental, né na natureza de forma diferente, né? Tipo sair daqui, mais pertencimento.

ENTREVISTADORA: em seu tempo de trabalho nessa escola, alguma vez houve por parte da escola em si e digo isso para além de vocês professores, né, um movimento de aproximar os estudantes da Lagoa Pequena? Caso sim, como foi? Essa pergunta vem no sentido de que se tu sentiu um movimento da própria escola na aproximação da Lagoa Pequena?

ENTREVISTADO: não. Só casos isolados, né?

ENTREVISTADORA: advindos dos professores?

ENTREVISTADO: é!

ENTREVISTADORA: Em sua opinião que características contribuem positivamente para a abordagem da Lagoa Pequena em suas aulas? Diga quais são elas. Aqui no sentido de o que que na tua opinião facilitaria nessa escola, nesse momento de tempo à Lagoa pequena ser abordada nas suas aulas? O que facilitaria e aí pode ser livre de tudo.

ENTREVISTADO: Ah, não sei é... de repente fazer algum... eu vou sempre pra área da diversidade, diversidade então fazer talvez algum tipo de... passar para eles assim a flora, a fauna bem específica ali da Lagoa Pequena. Ah isso seria interessante tá, a listagem mesmo de espécies.

ENTREVISTADORA: e quais características do dia a dia que tu já tem que facilitariam a abordagem?

ENTREVISTADORA: meu amor pela Mata Atlântica.

ENTREVISTADORA: bom, agora o contrário né? **Em sua opinião que características da escola, tuas, dos alunos, da comunidade, contribuem negativamente para abordagem da Lagoa Pequena? O que torna essa abordagem difícil/difícultosa, torna um desafio?**

ENTREVISTADO: Eu acho que não é questão da Lagoa Pequena, do Parque da Lagoa Pequena, nem nada, é a questão da escola tirar as turmas. [As turmas] são grandes, tirar os alunos de sala e fazer uma saída é trabalhoso, você precisa de conseguir autorização dos pais e sair da rotina da escola. E aí essa dificuldade a gente tem que se preparar e se disponibilizar para fazer uma atividade fora, né?

ENTREVISTADORA: **de que forma a sua prática pedagógica pode contribuir para a resolução das características negativas, as dificuldades da abordagem da Lagoa Pequena em suas aulas? O que que tu acha que as as ciências, a disciplina de ciências, né, pode fazer para tentar resolver essas dificuldades?**

ENTREVISTADO: eu acho que tudo passa pela conscientização, eu acho que a partir do momento que você conhece melhor a Biologia das coisas a vida em si, né, das árvores, da fauna, a interação entre eles e ver como falar um pouco de como a gente afeta o meio ambiente, né, com a nossa atividade humana. Que eles possam ter mais consciência e cuidar mais té na parte lúdica de quando: "eu vou aproveitar e ficar em volta da Lagoa e desfrutar dela e cuidar melhor, né? Cuidar do lixo, das bitucas..."

ENTREVISTADORA: Chegamos a última! **De que forma outros atores, outras pessoas, além de ti poderiam contribuir para a resolução das dificuldades de abordagem da Lagoa Pequena em suas aulas? Aí partindo do ponto de vista da escola, da gestão, dos teus outros colegas professores, o que tu acha que eles poderiam contribuir para te ajudar a resolver essas dificuldades de abordagem da Lagoa Pequena?**

ENTREVISTADO: Ah, talvez se a gente pudesse, conseguisse fazer uma coisa coordenada melhor com um programa da escola, né, envolvida com a Lagoa Pequena. Já que é um patrimônio natural tão importante que tá tão pertinho da escola, talvez, não sei se com o Clube da Sustentabilidade ou desenvolver algum programa, alguma coisa de conscientização dos alunos mais específicas assim, alguma coisa de visita ou algumas blitz biológicas que eles vão ali e conheçam melhor, mas é bom ter um planejamento mais efetivo, né com a escola. Talvez um planejamento anual, algum evento, alguma coisa assim.

ENTREVISTADORA: chegamos ao fim, foi ótimo!

APÊNDICE D – Transcrição de entrevista com docente da disciplina de História na íntegra.

[Apresentação e cumprimentos]

ENTREVISTADORA: Então beleza, entrevista do professor de história. Aí é um breve histórico da tua formação, professor. Queria que tu me dissesse a tua área de formação Inicial (graduação).

ENTREVISTADO: Eu fiz de graduação licenciatura e Bacharelado em história pela UFSC, depois eu fiz um mestrado também em história pela UFSC. Meu mestrado foi, eu defendi em 99, faz bastante tempo.

ENTREVISTADORA: Faz tempo! Eu nasci em 98.

ENTREVISTADO: E a graduação concluí em 95, né e comecei a dar aula de história antes de formado na rede particular. Em 98 eu passei no concurso da prefeitura 1998 com 20 horas, uma carga horária de 20 horas e terminando meu menestrado tal e aí eu, claro, fui dar aula na prefeitura, 20 horas aula, na época não dava para desperdiçar essa chance, e também dei aula em graduação em história em universidades privadas, né. Dei aula na ADESC, uma faculdade que não que não existe mais - depois que foi comprada pelo Estácio aqui em Florianópolis - Dei aula em Lages, dei aula na Univali. Dei aula no ensino a distância na UDESC, todas concomitantes com as 20 horas na prefeitura.

ENTREVISTADORA: Ah, que interessante! Uma formação bem diversa.

ENTREVISTADO: E aí, depois de um tempo cansei e aí me dediquei só pra prefeitura. Aumentei a minha carga horária para 40 horas com dedicação exclusiva e estou há 25 anos na Prefeitura, vai fazer 25 anos na prefeitura. Lecionando história do sexto ano 9º ano, né? Nessa escola aqui eu tô a 21 anos. Fiz toda a minha carreira aqui nessa escola, fui diretor por duas vezes, eleito por duas vezes -na prefeitura nós temos eleição direta para diretor de escola. E tô em vias de aposentadoria. Daqui há 4 anos talvez eu esteja aposentado, porque eu digo esteja? Porque pode ter alguma reforma da Previdência, né, a gente nunca sabe.

ENTREVISTADORA: É! Mas é tua vontade?

ENTREVISTADO: Me aposentar? Sim. Sim.

ENTREVISTADORA: Bastante história, hein, professor. Então aí nessa escola tu fosses professor de história e diretor. Os dois cargos que exerceu ao longo desses 22 anos, né.

ENTREVISTADO: Isso, 21 pra 22. Exerci outros cargos, mas não remunerados, né, presidente da APP, tesoureiro da APP, presidente do Conselho Deliberativo Escolar, mas não são cargos remunerados, são funções internas.

ENTREVISTADORA: Bom, acho que a gente... nessa tua fala pegasse todas as questões aqui [em referência à questão um do roteiro de entrevista]. Vamos para a dois. **Você possui alguma formação que abrange conhecimentos acerca de ambiente e**

sustentabilidade. Se julgas que sim, pode ser formação inicial ou básica diga de que forma isso aconteceu.

ENTREVISTADO: Formação Inicial, não, certo? Na graduação em história, sustentabilidade não é um tema. Depois que eu me formei, algumas pesquisas em História ambiental, né? História ambiental, tem algumas pesquisas em historia ambiental, mas não que fosse parte da minha formação, nem na graduação nem no mestrado, né? O pouco conhecimento, e aí eu falo pouco, pouco mesmo, é... foi sendo construído no dia a dia, né? A vivência da sala de aula, aprendendo com os professores de geografia, com os professores de ciência, fazendo saída de estudos com esses professores, encabeçando projetos, mas não é uma formação assim digamos formalizada estruturada voltada, né? Então lá o professor ali estuda as suas sustentabilidade. Não nunca estudei formalmente, nem nas formações continuadas da prefeitura - porque nós temos...a Prefeitura, ela nos dá a formação continuada, né, todo o mês, os professores de história, geografia, português e discutem, elaboram curso, eles fazem cursos etc e tal. Mas isso sempre passou muito... sustentabilidade sempre passou muito fora assim, né? Então a minha formação em sustentabilidade e nessas questões mais da sustentabilidade da geografia do meio ambiente é muito prática e vendo os outros fazerem, vendo o [docente de geografia da escola] fazer, os vários professores de ciências que passaram por aqui, né? Mas não é uma formação formalizada assim. Tamo junto!

ENTREVISTADORA: Não é por causa da tua formação em 95, ainda nos cursos de história?

ENTREVISTADO: Não Tenha Dúvida.

ENTREVISTADORA: A história é muito clássica nesse sentido né?

ENTREVISTADO: É e a história ambiental, ela é muito recente no Brasil, eu também não sou um estudioso da história ambiental, né, mas essa coisa dos impactos ambientais, né? Essa coisa que o impacto ambiental tem uma historicidade, né? Se a gente for pensar assim desde a revolução industrial tem um impacto ambiental Impacto, né? Mas só que se for pegar a Revolução Industrial, a gente vai estudar a luta de classe.

ENTREVISTADORA: Sim. Mais especificamente isso?

ENTREVISTADO: Isso é, mais a questão econômica etc e tal. Fora isso, né? Então é uma é muito clássica, assim. Mas, ao mesmo tempo a gente tem consciência que sustentabilidade sem luta de classes é jardinagem.

ENTREVISTADORA: [risos] Como agroecologia sem política é jardinagem também?

ENTREVISTADO: Tanto que tem o racismo ambiental, né? Onde as comunidades periféricas mais sofrem os impactos da questão de desastres ambientais e etc. É uma questão de classe econômica também, né?

ENTREVISTADORA: ambientalidade é uma faceta da cultura que sempre esteve lá, mas talvez não à frente, né? Mais passando por trás.

ENTREVISTADO: Sim.

ENTREVISTADORA: Bom, perfeito. [Pergunta] três - tem umas perguntas sorteadas e às vezes eu repito mais de uma vez a pergunta para dar tempo da pessoa se lembrar, mas aí se tu já respondesse pode só passar.

ENTREVISTADO: Não tem problema.

ENTREVISTADORA: Como você descreveria a paisagem do bairro onde estamos, onde está a escola, fisicamente? Concentre-se em escrever a paisagem próximo da escola, aquela que você vê passa no seu cotidiano para ir e voltar do trabalho. Aí aqui do ponto de vista sócio-econômica...

ENTREVISTADO: Eu não consigo responder essa pergunta sem olhar pro meu tempo de professor aqui no Rio Tavares, tá? Então eu passo por aqui praticamente quase todos os dias a 21, 22 anos, né? E mesmo sendo, mesmo sendo... mesmo na época que eu não era professor de história ou que eu trabalhava ou que eu não trabalhava aqui, como eu sou morador de Florianópolis, falando assim de Florianópolis, a gente passava pelo Rio Tavares, né? Então durante muito...até há pouco tempo atrás o Rio Tavares era considerado área rural. Eu me lembro que aqui no Rio Tavares, anos atrás quando a gente vinha trabalhar aqui algumas áreas aqui que hoje já estão bloqueadas, urbanizadas, com moradias, etc, elas eram grandes descampados, né? Eu lembro, eu nunca vi, mas eu lembro quando o exército fazia manobras, treinamento de militares aqui numa região do Rio Tavares que era um grande descampado e foi isso. Eu lembro, quando criança o pessoal do exército passar marchando ali na costeira, que eu morava na costeira, a gente via e eles vinham e faziam manobras aqui. Isso não faz muito tempo, eu lembro, tinha o quê? 12 anos. Há 30 e poucos anos, vamos supor né? 40 anos aí, vamos arredondar mais. Dá de ver uma grande diferença do que era o Rio Tavares há vários, do que é o Rio Tavares hoje, né? Nós passávamos aqui de ônibus, eu vinha de ônibus, né? O transporte coletivo péssimo, péssimo, péssimo. O Rio Tavares era considerado uma área de passagem para a Lagoa [da Conceição], né? A Lagoa era o point, a Lagoa era o progresso, a Lagou e o Rio Tavares era uma passagem, as pessoas passavam pelo Rio Tavares para ir para a Lagoa, né? Muitos dos nossos alunos eram nativos daqui, a população daqui do bairro de origem... pescadores ou trabalhadores do comércio, na prestação de serviço, muitas famílias de agricultores. A Pedrita é como um ícone assim, né, uma coisa um símbolo assim de desenvolvimento, entre aspas, de progresso entre aspas, de geração de emprego entre aspas. Esse era o discurso. Esse é um discurso, né? Então era uma área ruralizada, né? Nos últimos 10 anos, talvez, o trabalho deu esse Boom, né de não só moradias, estabelecimentos comerciais, prestação de serviços. E aí um inchaço populacional, é claro vem junto, né? Muita gente de fora da cidade. Isso reflete na escola, porque a escola não tá isolada disso. Muitos dos nossos alunos não são mais nativos daqui, são famílias que vieram de outras cidades: paulistas, gaúchos, mato-grossenses, estudantes estrangeiros, deu uma diversificada na nossa população estudantil e nessa população do bairro né?

ENTREVISTADORA: Sim, mas isso por que, especificamente nessa escola, tu acha que vem mais estudantes estrangeiros entre aspas, né? Ou porque realmente a proporção de nativo e de estrangeiro mudou de forma geral na paisagem?

ENTREVISTADO: De forma geral, de forma geral. O Rio Tavares está muito próximo do Campeche, muita gente que vem trabalhar no verão, "ah, vou tentar a vida lá em Floripa", fica, vem e fica né? E a classe social dos nossos alunos também mudou em função disso, vêm famílias um pouco mais estruturadas, com uma outra visão de mundo etc e tal. Então a paisagem urbana, ela mudou drasticamente assim, né? Uma vida noturna. Uma vida

noturna muito mais agitada que não tinha 20 anos atrás, que não tinha 30 anos atrás, que não tinha 21 anos atrás, quando eu cheguei aqui. Eu lembro quando a gente saía para almoçar na escola a gente ia lá no Campeche.

ENTREVISTADORA: Na Pequeno Príncipe, chamado centrinho do Campeche?

ENTREVISTADO: Isso, ou então no Trevo [do Campeche] ali e tal, né? Hoje já tem uma diversidade de restaurantes e etc e tal, aí um trânsito é claro, isso vem em cima de um trânsito, né? Enfim aí a gente pode discutir se é bom ou não. Depende do ponto de vista, né? Pensei que também assim uma gentrificação do espaço, né? Pessoa com poder aquisitivo maior consegue comprar os seus apartamentos, os seus belos apartamentos aqui, já tem empreendimentos imobiliários aqui ao redor aqui da escola já de alto padrão assim e aí o custo de vida aqui no Rio Tavares ficou mais caro? Essa paisagem urbana esse Boom imobiliário vai trazer a questão Econômica os os almoços estão mais caros, o curso de vida tá mais caro, o aluguel tá mais caro. Enfim. Acho que eu fugi um pouco da pergunta.

ENTREVISTADORA: Na verdade, não, até complementou a próxima.

ENTREVISTADO: De uma área rural, passou a ser muito urbanizada.

ENTREVISTADORA: Olha só como não fugisses, a [questão] quatro. **Qual é o perfil dos moradores da sua localidade do ponto de vista econômico? Falasses bem. E do ponto de vista social e cultural, como tu acha que ficou essa dança das cadeiras da cultura local aqui?**

ENTREVISTADO: do ponto de vista econômico? Mudou. Aí eu tô falando do recorte dos nossos alunos, né? Que é a única que eu consigo ver, né? Não é uma classe média, então ainda família de trabalhadores, né? Alguns com uma situação econômica um pouco mais confortável, outras ralando muito e outros com vulnerabilidade social, né?

ENTREVISTADORA: E aí essas classes salteadas entre estrangeiros e nativos? Tem todas essas três classes?

ENTREVISTADO: Isso. Isso dá uma oxigenada na escola, quando digo dá uma oxigenada, digo dá uma diversidade na escola.

ENTREVISTADORA: Pensamentos diferentes?

ENTREVISTADO: Isso, pensamentos diferentes, comportamentos diferentes de pais que pensam diferentes, de alunos que pensam diferente, né? Não é mais aquele núcleo nativo, não. Estou dizendo nem que é bom, nem que é ruim, né? Mas aquele núcleo nativo aqui agora tem outros grupos sociais com outros pensamentos culturais econômicos e etc e tal e isso oxigena. Se é positivo, se é negativo, não sei se cabe entrar na questão, entendeu? Mas que isso é uma realidade. Assim, eu nesses 21 anos, eu acompanhei assim, né?

ENTREVISTADORA: Tem suas facetas de ambos os lados?

ENTREVISTADO: pegou das questões culturais? [pergunta sobre a pergunta].

ENTREVISTADORA: É. Porque eu queria entender como que essas relações culturais de antigamente e de hoje estão relacionadas com a percepção deles sobre a Lagoa Pequena, se eles têm uma percepção mais voltada...

ENTREVISTADO: Eles têm uma percepção de proteção.

ENTREVISTADORA: E tu dirias que isso tá vinculado a essa mudança, desses vários tipos de pensamento que a gente teve também?

ENTREVISTADO: Também. Inclusive de professores, a entrada de outros professores, né. Por exemplo, professores mais jovens, não é questão de ser mais jovem, mas como tiveram outras formações, que têm uma outra visão de mundo uma outra visão pedagógica então, por exemplo assim. Um clássico é [docente] de geografia, tem essa percepção de proteção de conhecer de proteger etc e tal, né? Então, outras pessoas também trazem essa questão da proteção. Por outro lado, outras pessoas também não querem proteger, né? Aí vai depender do interesse de cada um quem, quem quer especular Imobiliariamente, a proteção não é um grande negócio. Mas eu acho que hoje, assim, a percepção que se tem é de uma, de uma proteção. De conhecer e proteger e preservar. É isso que a gente tenta colocar aqui nos nossos alunos, que os professores tentam colocar, fazer pequenas saídas de estudos e ali para conhecer etc e tal, né? Isso acontece. Se isso dá conta de proteger, aí eu já não sei te dizer porque aí tem outras questões, né? Questão do saneamento..

ENTREVISTADORA: Questão complexa, multifatorial, né?

ENTREVISTADO: E a parte de baixo abastecimento, de morar perto ou morar longe, enfim.

ENTREVISTADORA: Bom, estamos na [questão] cinco. **Em sua opinião, a paisagem em que a escola está inserida apresenta elementos ambientais que permitem tratar de questões sobre a natureza e sociedade? Se sim, cite um exemplo.**

ENTREVISTADO: Sim, para o bem e para o mal.

ENTREVISTADORA: Trazendo esse componente histórico também?

ENTREVISTADO: Isso e para o bem e para o mal. Porque assim, a Pedrita se estabeleceu aqui há muitos anos, né? E eu lembro que durante muito tempo, alunos nossos aqui na escola, muitos alunos nossos eram filhos de funcionários da Pedrita.

ENTREVISTADORA: E os funcionários da Pedrita eram nativos?

ENTREVISTADO: Sim. Muitos, muitos, não sei como é que tá isso agora, mas muitos. Agora como falar mal como falar mal da Pedrita se muitos alunos o ganha-pão vem dali? Como fazer essa crítica? Como? Como conversar sobre isso, entendeu? Isso há muitos anos atrás, né? Então tem essa pressão, a Pedrita qui é um ícone, assim como a Lagoinha também é um ícone, assim como o Pico da Cruz, né? São ambientes, paisagens culturais que são muito vivas aqui no Rio Tavares, né? Então o pico da Cruz, né? Foi a morte de um padre, né? E aí, tá. Mas aí tem a Igreja de Pedra que foi construída pelos padres Colégio Catarinense, sei lá, quantos anos atrás. Então a Igreja de Pedra faz parte da paisagem cultural também, né? Então tem vários elementos assim que são mais conhecidos, ou poucos conhecidos, enfim e a

escola tá nesse, nesse meio que em alguns momentos a gente trabalha bem, outros momentos...parece que é cíclico, tá? Eu lembro que durante muito tempo nós levávamos nossos alunos para fazer visita de estudos na Pedrita.

ENTREVISTADORA: Olha só! Então sempre houve na disciplina de História essa percepção de que os elementos locais precisavam ser trazidos pra discussão? Falados?

ENTREVISTADO: Não necessariamente na disciplina de história. Hum, mas de forma geral ou em disciplinas específicas. Então, por exemplo assim, têm professores. que não querem levar na Pedrita. Tem professores que não, "nós vamos levar pra eles conhecerem, nós vamos abrir uma discussão".

ENTREVISTADORA: um canal de diálogo?

ENTREVISTADO: Um canal de diálogo. Estamos retomando esse canal de diálogo com [docente de geografia]. É uma coisa ao mesmo tempo conflitante, mas está ali e não podemos negar. Então tem esse essas partes. Aí parece que agora ali na Lagoinha Pequena, ali é o foco da questão da Proteção Ambiental, da discussão ambiental. É necessário conhecer e proteger, tanto que tem um posto da... da... [Nesse momento, o entrevistado se aproveita da passagem de docente de geografia para confirmar com ele se o posto da FLORAM de Educação Ambiental ainda está no local da Lagoinha Pequena].

ENTREVISTADO: Ainda tem aquele "coisa" da FORAM ali na Lagoa?

DOCENTE DE GEOGRAFIA: Tem, mas, abandonado!

ENTREVISTADO: Mas a escola já foi várias vezes, né?

DOCENTE DE GEOGRAFIA: Sim, a gente tinha até a chave do banheiro. [docente de geografia se retira da sala de entrevista].

ENTREVISTADO: Claro durante muito tempo o foco era a questão da paisagem cultural, era a Pedrita ali. E agora tá mais voltado para Lagoinha Pequena. Por quê? Porque tem um outro professor que veio com uma outra visão e implementou isso, entendeu? Há 21 anos atrás, a gente não tinha nenhum professor de geografia que trouxesse essa discussão. Então agora tá ali. A Lagoinha Pequena. Claro, aí eu aí eu acho que eu relaciono com o mundo imobiliário. Se não preservar aquilo ali, se não conhecer, preservá-la, a Lagoa Pequena vai ser engolida. Então tem que ter essa discussão. Durante muito tempo a discussão foca na Pedrita. Agora eu acho que tem que ser na Lagoa Pequena. Eu acho que assim, o Rio Tavares ele é agora, no momento, nesse contexto histórico, ele é a bola da vez proo crescimento imobiliário da cidade, do sul da ilha. Não é à toa então que o crescimento imobiliário aqui no bairro, a gentrificação, o crescimento da prestação de comércio e de serviços. Então eu acho que ele tá no olho do furacão desse capitalismo da construção civil Imobiliária. Agora tem que perguntar para quem assim, isso é de quem, né? Eu como professor que trabalha aqui há 21 anos, vamos poder comprar um apartamento por aqui? A serviço de quem que tá essa discussão?

ENTREVISTADORA: Bom, [pergunta] seis. **A respeito da Lagoa pequena localizada às margens da avenida campeche, diga como você a enxerga e a compreende na relação entre a escola e a paisagem local?**

ENTREVISTADO: Tem que ter uma relação pedagógica, no sentido de defender. Não defender por defender, mas defender porque...proteger para que... preservar para que... Eu acho que tem que ter sentido, tem que ter sentido essas coisas, né?

ENTREVISTADORA: Tem que ter o movimento de se falar sobre ela?

ENTREVISTADO. Isso. As crianças precisam, os adolescentes, os nossos estudantes, eles precisam ver sentido naquilo ali, né? Por que preservar? Por que conhecer, né? A mesma coisa para que preservar o patrimônio histórico? Para quê? Qual é a utilidade desse Patrimônio Histórico? A mesma coisa patrimônio natural. Então tem que ter uma questão... é uma é uma relação pedagógica. A Lagoinha Pequena, ela pode ser e deve ser conteúdo de trabalho. Não precisa falar mais a palavra de conteúdo, né pedagogicamente, mas não agora é objeto no conhecimento. Você troca a Lagoinha pequena, ela deve ser objeto do conhecimento, tá? Deve estar na proposta curricular. No PPP da escola, na proposta curricular da escola, nos planos de aula, porque daí dá sentido pedagógico, quer dizer, aí eu posso falar assim nas aulas de história, eu não trabalho isso. Mas uma escola não é feita só de alunos de história, uma escola é feita de várias disciplinas, de vários anos, tem o primeiro ano, tem o segundo ano, tem o terceiro ano, tem o quarto até o 9º ano, né? Eu sigo a proposta curricular de história que se afastar bastante dessas coisas, né? Dessa discussão. Mas isso não significa que eu não saiba, que eu não converso com os alunos ou referente o que a escola pretende fazer com relação à Lagoinha Pequena ou que pretende fazer pedagogicamente com relação à Lagoinha Pequena, entendeu? Então ela tem que estar presente no PPP da escola, no projeto político da escola nas salas, no plano de aula de geografia, nos planos de aula. Às vezes não tá escrito ali "hoje nós vamos", né, mas o professor faz uma série de estudos. Então ela tá, é o conteúdo, é o currículo implícito porque ali o conteúdo implícito tá ali.

ENTREVISTADORA: As relações da escola são dinâmicas a gente nem sempre consegue antever tudo que vai dar para fazer, né?

ENTREVISTADO: Sim. Durante muito tempo a gente fez muita coisa de sustentabilidade aqui na escola; aí durante muito tempo a gente fez muita coisa sobre questões raciais; durante muito tempo a gente fez questões da diversidade de gênero e sexualidade, entendeu? Então a escola, ela também vai ser da necessidade, da necessidade do momento, entendeu? Então esses objetos de conhecimento estão perpassando a escola a todo momento, às vezes mais às vezes menos.

Não tá dando para pessoa, mas tá no outro; tá menos nesse professor, mas está no outro, entendeu?

ENTREVISTADORA: **Você acompanha as discussões ambientais sobre a Lagoa Pequena?**

ENTREVISTADO: Eu não procuro, mas eu tô sempre atento ao que tá acontecendo na comunidade através dos professores. Porque quer queira quer não, eu passo oito horas no meu dia aqui, eu conheço mais o Rio Tavares do que meu próprio bairro onde eu moro, né? Eu moro no Estreito. Eu tenho mais conhecidos aqui do que no meu próprio bairro, então, é impossível você ficar afastado dessas discussões, né? É impossível. Se toca diretamente... talvez não coloque lá na sala de aula lá, mas uma discussão maior, numa reunião pedagógica que nós podemos fazer, né? Apoiar outra pessoa que tá fazendo uma saída de estudos. Substituir na aula hoje, então de qualquer uma maneira ou outra acaba tocando, né? Porque

nós temos aqui a construção do supermercado que tá aqui. Que vai ser construído aqui, né? [Em referência a supermercado atacado que está sendo construído na Av. Moura Gonzaga, no sentido Lagoa da Conceição, próximo da escola]. É uma discussão que tá no bairro, né? É essa discussão passou por nós, ou seja ali vai ter uma alteração na paisagem cultural e natural porque está próximo da Lagoa, da Igreja de Pedra. Então a gente acaba conversando, discutindo isso, se não oficialmente pelo menos informalmente. A gente não está alheio.

ENTREVISTADORA: Funciona muito como uma dinâmica de comunidade mesmo? Das coisas convergirem para o mesmo ponto, entre as mesmas pessoas.

ENTREVISTADO: Sim. Não necessariamente concordando. Mas falando dos mesmos assuntos.

ENTREVISTADORA: Em sua opinião pessoal, como as pessoas dessa localidade, em especial os estudantes do nono ano se relacionam com a Lagoa Pequena -mais especificamente com a Lagoa Pequena, na sua opinião?

ENTREVISTADO: Conseguem perceber sim, consegue perceber. Até utilizar, não sei se está acontecendo isso mais tá? Mas eu lembro que antes da pandemia, no verão, agente passava por ali na frente do Sufocos [bar], e tinha crianças, alunos nossos tomando banho. Eu vejo gente caminhando na orla, né? Tem um Deck ali o que eu percebo. Quando, o que os alunos gostam muito, não só do nono tá? Então trabalha com mais específico, né? Mas os alunos gostam muito de fazer a saída de estúdio ali, Eu lembro que causava assim certo free-soul, assim entre eles, lugar que não conhecem, a possibilidade de sair da escola, os que passam passam ou de ônibus ou a pé então, é diferente. Assim de passar, é tu ir lá e olhar aquilo com um olhar pedagógico, entendeu? É diferente. O olhar muda. Eu posso estar passando no centro histórico da cidade todos os dias, mas sem perceber nada, né? Agora quando você passa com os alunos com um professor, ele direciona. O olhar do aluno também é outro né? Então por isso que eu insistia com a escola, as escola enfim, tem que ter uma relação pedagógica com as suas paisagens culturais, tem que fazer sentido tem que fazer sentido entendeu?

ENTREVISTADORA: E agora a gente entra mais na disciplina de História em si, né? Você já pensou em tematizar a Lagoa Pequena em suas práticas pedagógicas?

ENTREVISTADO: Não. Não é que não caiba, cabe. Mas como é que eu vou dizer? Acho que tudo cabe em história, mas eu acho que quando a gente faz um planejamento de história dos objetos do conhecimento, uma aula de história são recortes de saberes, sim são recortes ,são recortes de saber e dentro da proposta curricular de história da prefeitura Isso está muito distante, né? Esse é um ponto, né? Não que a gente seja engessado, não que seja uma proposta irregular que tem que seguir aquilo ali pronto não, professor ele tem liberdade para isso, autonomia para isso, então isso é um ponto o outro ponto é a questão da formação. Ter um conhecimento suficiente para trabalhar aquele objeto né? É uma lagoa mas se torna um objeto de conhecimento de estudo, certo? E aí eu não me sinto assim com conhecimento suficiente para transformá-lo naquilo, entendeu? Não me sinto, não me sinto, uma porque não tem informação, outra porque a própria prefeitura também não nos dá essa informação. E por que eu não me sinto com conhecimento suficiente para trabalhar aquilo ali nas suas margens.

ENTREVISTADORA: É, o componente ambiental da Lagoa é mais relativo das ciências e da geografia mesmo, né? Eu pergunto no sentido da relação histórica mesmo, da

relação da Lagoa com os moradores assim como, por exemplo, foi com a Cruz do Padre ou a Pedrita. Você acha que caberia abordá-la nesse sentido?

ENTREVISTADO: Tem muita pouca coisa escrito sobre isso; pouco conhecimento construído sobre isso. Nós temos o livro do Hugo Daniel sim, né? Nós temos o livro do Daniel que aí nós trouxemos ele aqui. Na disciplina de história, nós trouxemos o Daniel aqui para falar uma história assim para o quinto ano. Então são iniciativas muito pequenas assim sabe? Porque eu também tenho um material construído para ele. Como é que eu vou dar aula se tem muito pouco material, difícil, né? Muito, muito pouco conhecimento produzido sobre isso, então isso é uma dificuldade também que a gente tem.

ENTREVISTADORA: Inclusive encontrei a mesma dificuldade fazendo TCC realmente pouco material dessa parte.

ENTREVISTADO: Não é vamos fazer assim uma história a Lagoinha pequena, né, com os mais antigos [moradores], eles não estão mais aí. Faltou a oportunidade de fazer [entrevista] com quem já foi. E aí o Hugo tentou fazer, conseguiu fazer, dentro das possibilidades. Muito boa a proposta dele [em referência ao Livro de Hugo Daniel, Campeche, Um lugar no sul da Ilha], foi muito bom, mas ainda é muito pouco para eu...

ENTREVISTADORA: Especificamente sobre a lagoa pequena também tem pouco conteúdo, né?

ENTREVISTADO: Para tu ver como essa coisa da história ambiental ainda aqui não chegou. Quantos TCC de história deve ter sobre essa temática de história?

ENTREVISTADORA: De história no repositório UFSC não tinha nenhum, desde quando eles começaram a colocar lá, online, né?

ENTREVISTADO: Ou seja, né? Então o curso de história não se preocupa com essa questão. É outra é uma outra, né? Não deixa de ser um fator dificultador aqui, né? Sim. É então assim tem uma geração ainda de pesquisadores a produzir esse conhecimento histórico. Você é uma né, talvez outros, a partir do teu trabalho, surja um outro sim, porque é uma necessidade.

ENTREVISTADORA: A [questão] nove. **Com suas palavras, baseado em seus conhecimentos prévios, de que modo você compreende que as questões ambientais possam estar presentes no currículo da escola e de suas práticas pedagógicas. Dê exemplos de como isso aconteceria no dia a dia.**

ENTREVISTADO: Tem que estar no PPP da escola. Tem no dia a dia, se não formalmente nos planos de aula, né, mas nas discussões no dia a dia, nas reuniões pedagógicas, nos colegiados de classe, numa escola tu pode conversar muita coisa, então eu acho que já teve mais e aí em algum momento já fomos por outro caminho e agora estamos voltando para isso.

ENTREVISTADORA: [Pergunta] dez. Essa aqui acho que também já foi respondida, vou ler para marcar. **Em sua formação profissional Inicial ou continuada houve presença da temática Ambiental de forma direta ou indireta que ressoe na sua prática docente?**

ENTREVISTADO: Muito pouco. Eu vou dizer muito pouco pra não dizer nada, mas muito pouco. Não é uma discussão que perpassa os professores de história da rede. Aí que tá, aquela coisa da iniciativa né. Nós tivemos uma formação ano passado com o Mauro da FLORAM naquele parque do Morro da Cruz e lá a gente fez toda uma discussão da história do Parque da ocupação, né? Vimos a cidade lá de cima, mas foi uma experiência só, então não dá para dizer que foi uma formação continuada porque a formação continuada a gente tem que ter como uma coisa sistematizada.

ENTREVISTADORA: Até porque é assim que se produz um conhecimento, né?

ENTREVISTADO: Né? Apareceu uma possibilidade da gente ir lá, eu já conhecia o Mauro. O Mauro já teve aqui na nova escola, né? A gente tava estabelecendo algumas conexões, contatos com a Floram e tal e aí foi uma que eu lembro. Desses 21 anos, foi a única vez se eu lembro, se eu posso estar sendo injusto.

ENTREVISTADORA: Mas isso porque é realmente inerente ao campo da história, né? Como tu tá falando discussão da história ambiental é muito recente?

ENTREVISTADO: Muito recente.

ENTREVISTADORA: **você considera que dentro dos temas das suas aulas cabe trazer a temática Ambiental de alguma maneira?**

ENTREVISTADO: Cabe. Por exemplo, no nono ano a gente trabalha um conteúdo chamado higienização e modernização de Florianópolis, né, que foi um momento em que Florianópolis precisava ser higienizada, ser modernizada, ser alavancada para uma coisa de Progresso porque ela era considerada uma cidade atrasada etc e tal. Essa é uma discussão que tá começando no final do século XIX início do século XX, né? Higienizar os espaços, né? Mas quando você higieniza o espaço de uma cidade você também acaba excluindo pessoas, né? Ou quais locais que deveriam ser higienizados etc e tal também. E quando a gente estuda sobre Florianópolis, por exemplo, tu pega ali a Avenida Hercílio Luz, ali era uma região de cortiços que pela medicina higienista da época deveria ser tudo demolido e ser construído uma grande Avenida bela, arborizada, etc, ou seja tem um espaço de higienização, higieniza a quem nos cortiços? Quem mora, os pobres, né. Esses povos foram ocupar os morros do Maciço do Morro da Cruz. Vai ter uma alteração do espaço urbano que vai que vai modificar a questão da paisagem Urbana. Aquela pobreza que estava nos cortiços ali foi pro morro. Então tem, dá para fazer uma discussão não ambiental, mas essa coisa da ocupação dos espaços, né? Em nome de uma coisa "boa", né no "progresso" lá no começo do século 20, né? É o interesse por exemplo assim, né, assim nesse mesmo conteúdo, né a Ponte Hercílio Luz também contribuiu para a ocupação de um espaço que era o cemitério público onde hoje é o Parque da Luz era um cemitério público. Com uma paisagem Urbana X, certo? Aí qual era a discussão? Esse espaço tinha que ser esteticamente higienizado porque não ficava historicamente bem as pessoas chegaram em Florianópolis pelo porto e dar de cara com um cemitério. Aí tem uma discussão higienista que os cemitérios emanavam gases deletérios, aí o que fizeram? Retira o cemitério. Tem uma alteração da paisagem cultural, né? Então apesar de eu não falar a palavra ambiental, porque aí acho que é a pegada do geógrafo, ele vai falar mais dessa coisa da paisagem, se você dá esse conteúdo para um geógrafo, talvez ele olhe essa alteração na paisagem, pro historiador, ele quer saber pra onde foram esses mortos. Foram para onde hoje é o cemitério do Itacorubi, historicamente vai ter uma transformação da paisagem cultural da paisagem natural ali também. ENTREVISTADORA: então, de certa

forma, tu considera que nessas passagens tu já tocou no tema ambiental outras vezes nas tuas aulas?

ENTREVISTADO: Sim. Tu toca mas sem citar a palavra ambiental.

ENTREVISTADORA: As vezes o conhecimento pode ser construído indiretamente.

ENTREVISTADO: Claro, né, então pessoas que estão sendo deslocadas, paisagens naturais que estão sendo alteradas em nome de uma noção de progresso, mas isso vai mexer com as pessoas aí o historiador foca nessa pessoas nessa relação, né? O geógrafo já tocaria para o outro lado, olha a paisagem humana.. Aí o que é que o Parque da Luz hoje é, um dos lugares mais valorizados? Aí tem todo uma discussão de proteger aquilo ali sim, é então como a mesma paisagem cultural a mesma paisagem natural. Ela vai sendo olhada por diferentes olhares ao longo da história.

ENTREVISTADORA: Tem material histórico suficiente para essa parte da cidade?

ENTREVISTADO: Tem aí sim, né? Tem pesquisas assim de grande fôlego dessa alteração da paisagem natural de Florianópolis. Tem vários, vários.

ENTREVISTADORA: Estamos caminho para o final, tem muitas aqui que já foram respondidas, né? Por exemplo a [questão] treze, **trabalhando nessa escola, alguma vez a Lagoa Pequena foi abordada ou mencionada em suas aulas? Houve alguma atividade prática ou saída de estudos com os estudantes para a Lagoa Pequena em que você esteve presente?**

ENTREVISTADO: Indiretamente todas as ações, por exemplo, se [docente de geografia] vai lá com a turma 61, quem vai ficar com a turma [do docente], um fica, auxiliar fica. Mexeu uma peça, tu tem que repor essa peça. Agora eu tô com janela, aula vaga porque como eu marquei contigo esse horário porque não tem aula, mas se fosse na segunda [feira], eu teria que arrumar um outro professor para ir ali me substituir, quanto mxe uma peça tem que repor Sim.

ENTREVISTADORA: **Você consideraria que a Lagoa Pequena, mas especificamente, poderia começar a ser mais abordada em suas aulas? Se sim de que forma isso pode acontecer?**

ENTREVISTADO: Poder eu posso, mas a possibilidade de fazer é pequena. E aí tem toda aquela questão da disponibilidade, do material, da formação, de uma proposta curricular, da própria disponibilidade do material para a pessoa estudar.

ENTREVISTADORA: **Caso essa abordagem pudesse ser feita na aula de história, isso contribuiria impactaria no conhecimento dos alunos acerca da paisagem local?**

ENTREVISTADO: Com certeza.

ENTREVISTADORA: Com certeza por causa desse viés de quando tu olha para uma coisa do ponto de vista pedagógico é muito diferente do que passar cotidianamente?

ENTREVISTADO: Ou passar como turista, então claro que impacta. Talvez, às vezes, a gente não vê esse impacto ali na hora né? Mas vai se plantar sementes e isso reverbera. Eu acho que a educação ela tem muita essa coisa assim que ah, mas não vai dar nada... Tem que dar certo? As vezes vai dar certo na outra geração. Isso aí é um grande aprendizado para mim. Acho que a gente tem que ter uma calma pedagógica, a gente não só quer dizer que a gente trabalhando com os alunos da 91 do 9º ano e eles vão se tornar militantes. Desse jeito cria-se uma consciência, né? Planta-se uma semente, né? Então a gente não pode ter essa essa essa pressa pedagógica, pois esse Impacto talvez vai ser quando ele crescer, a gente não pode ser tão imediatista assim. Ah tem que dar o resultado já para amanhã, ele já tem que mudar a mentalidade amanhã. Não entendeu? Porque senão a gente pode estar pesando uma barra. Acho que tem um tempo do aprendizado do adolescente e da criança. Ninguém se torna, eu não tenho a consciência que eu tenho hoje daquela de quando eu fiz o curso de história. Me tornei isso com todo o aprendizado que a gente têm com as pessoas, né? A gente não se torna professor quando a gente se forma, a gente se torna professor no dia a dia. Se eu não conhecesse os professores que por aqui passaram talvez não tinha nem capacidade de conversar isso aí contigo se você me fizesse essa entrevista 30 anos atrás.

ENTREVISTADORA: Daí a importância do professor ser efetivado, frequentar uma mesma comunidade:

ENTREVISTADO: Ter uma relação de pertencimento, de ter um corpo fixo de professores fixos, não ter tanto admitidos em caráter temporário. Quando eu falo isso não quer dizer que os admitidos em caráter temporário sejam menos competentes como os efetivos, não. Não e tem uma rotatividade de professores assim, né? E aí como tu tem uma rotatividade de professores, fica mais dificultoso pra escola criar um projeto pedagógico porque talvez o professor, aí se o professor que tá bancando aqui, né que fazer um trabalho que fazer um trabalho com a Lagoa Pequena, talvez ano que vem não esteja.

ENTREVISTADORA: [questão] 16 Durante o seu tempo de trabalho nessa escola alguma vez houve por parte da escola algum movimento de aproximar os estudantes da Lagoa pequena? ENTREVISTADO: Sim, eu lembro que uma vez há 10 anos atrás eu e [docente de geografia] organizamos uma bicicletada. E ela ia passar nas margens da Lagoinha Pequena. Saímos daqui e fomos até Pacuca e voltamos, no sábado. Foi aberto para pais, alunos. O [docente de geografia] lançou a proposta, eu era diretor, pessoas bancaram... então não era direcionada à Lagoa Pequena, mas no trajeto tava a paisagem da Lagoinha, entendeu? Naquela época, a gente não pensava em discutir a Lagoinha Pequena.

ENTREVISTADORA: Te recordas de em que ano foi isso?

ENTREVISTADO: 2014. A Pedrita já foi o nosso olhar, agora a Lagoinha Pequena é uma, diversidade de gênero já foi outro, questões raciais já foi outro. Escola é muito dinâmica, muda o corpo docente e vai mudando as ideias mudando as necessidades. E aí porque a Lagoinha Pequena talvez tenha se tornado o foco agora? Porque gente tá vendo esse Boom imobiliário.

ENTREVISTADORA: **Em sua opinião, que características contribuem positivamente para abordar a Lagoa Pequena nas aulas, o que que é bom, que é positivo para , o que que te facilita isso?**

ENTREVISTADO: Dá uma aula sobre pequena dentro de uma sala de aula, né? [ironia].

ENTREVISTADORA: Então tu diria que é proximidade?

ENTREVISTADO: Sim. Uma coisa é tu falar da Lagoinha Pequena, dá para dar uma aula sobre Lagoa Pequena numa sala de aula com 45 minutos com 30 estudantes dentro, num dia de sol, dá, mas eu acho que vai lá. Então acho que a aula tem que ser lá. Aí a necessidade de saída de estudos, entendeu? ENTREVISTADORA: e tu acha que existem dificuldades de fazer uma saída de estudo para lá ou não? ENTREVISTADO: Não. Tem todo um trâmite burocrático a ser seguido sim, aqui na escola, n? Autorizações... Agora com esse container fechado também já dificulta. A falta desse container, dificulta. Porque também não é assim. "Ó, vamos levar vamos levar as crianças e depois..." tem que ter um mínimo de estrutura para isso, né? Mas aí assim, tem muito Professor nosso fazendo saída de estudos para a Lagoinha do leste, indo né para naufragados...

ENTREVISTADORA: De que forma a prática pedagógica pode contribuir para a resolução dessas características negativas, se elas existem?

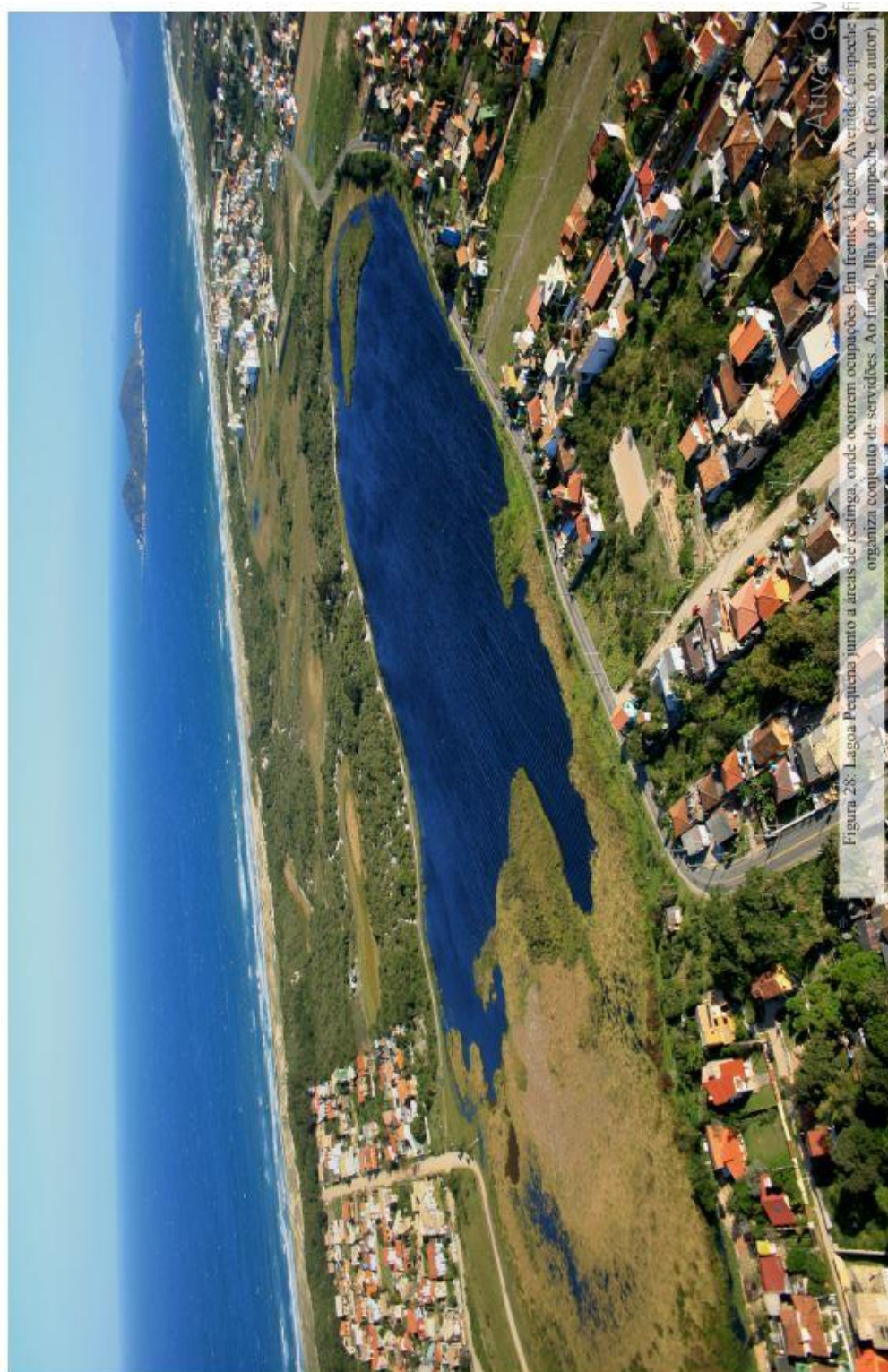
ENTREVISTADO: proatividade do professor e o professor também tem que se sentir seguro e ter conhecimento, não é passeio, é saída de estudos. Por isso o nome de saída de estudo, não é um passeio. Porque aí tem a questão da relação pedagógica que eu te falei lá atrás, tem que ter um sentido pedagógico então por isso se diz saída de estudos. O professor tem que querer, tem que se sentir seguro do que ele vai trabalhar ali, as coisas básicas, né? E outra coisa ele tem que ter uma estrutura por parte da escola também, né? Outro professor para acompanhar, a construção, o recolhimento das autorizações dos Pais, entendeu?

ENTREVISTADORA: E a escola precisa de alguma estrutura que em de algum outro lugar ou tu achas que a escola basta que a escola consegue prover pro professor?

ENTREVISTADO: transporte, não tudo bem para a Lagoinha Pequena vai a pé, mas para outras. Então tem que ter essa estrutura, um transporte. é cedido pela prefeitura, beleza. Mas e quando prefeitura não tem, o que a gente faz? Cobramos das crianças, beleza. Mas e as crianças que não têm como pagar vão ser excluídos? Não elas têm que dar um jeito de ir sim, ou seja tudo uma dança de outros sujeitos, né? Cara uma saída de estudos dá trabalho, ela tem que ser assim organizado, mas antes... não é assim. "Ah, vamos amanhã", não. Até inclusive para Lagoa pequena, porque mesmo que a Lagoa Pequena esteja aqui do lado. "Vamos lá, nossa roupa é confortável", tem toda uma organização pedagógica também para isso, que é necessária, né? Não é chegar e simplesmente levar por levar. Não, professor não pode fazer. Sem autorização não vai Ah, liga para o pai. Liga para mãe, ele autoriza por telefone e não. Tem que ser por escrito. Tem uma lei sobre isso tem uma legislação, ele não pode tirar nenhuma criança, se não tiver com autorização por escrito assinada pelos pais, né? Mas isso é o de menos, quando uma outra...? Ah o local lá tá preparado para receber 40 crianças, tem que pensar nisso, vamos ter lá alguém vai nos receber ou vai ficar tudo por conta do professor? Tem que pensar nisso, né? Todo mundo acha que é fácil, mas tem todo um trabalho antes. Tem toda uma preparação. Eu não sabia que o container estava fechado, isso para mim é uma coisa que dificulta bastante.

ENTREVISTADORA: Acho que a gente terminou! Beleza? Te agradeço e aí eu vou transcrever depois.

ANEXO A - Lagoa Pequena (corpo hídrico); a esquerda loteamento Rififi; no fundo a direita loteamento Novo Campeche; à frente Avenida Campeche – em 2008. Figura 28 de Mittman(2008, p. 57).



ANEXO B - Lagoa Pequena (corpo hídrico); ao fundo, construção de telhado azul corresponde ao ginásio de esportes da E. B. M. João Gonçalves Pinheiro– em 2008. Trecho da figura 35 de Mittman (2008, p. 64).



ANEXO C– Unidades geotécnicas da planície entremares – no detalhe, na área da paisagem da Lagoa Pequena encontram-se as unidades AQsq1, AQrd, DNsq e AQsq (Mittman, 2008, p. 94 – figura 55).

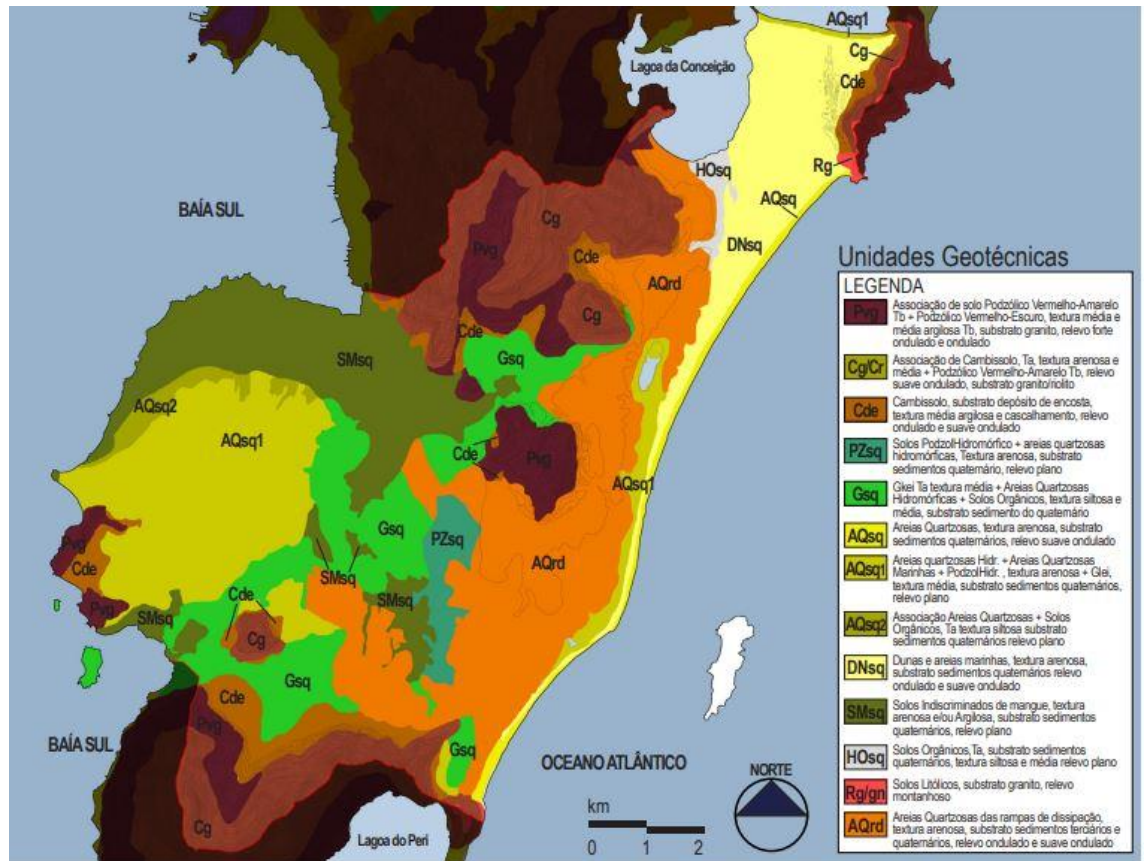


Figura 55: Unidades geotécnicas (Fonte: adaptado de SANTOS, 1997).

ANEXO D – Cobertura vegetal da planície entremares (Mittman, 2008, p. 87 – figura 48).

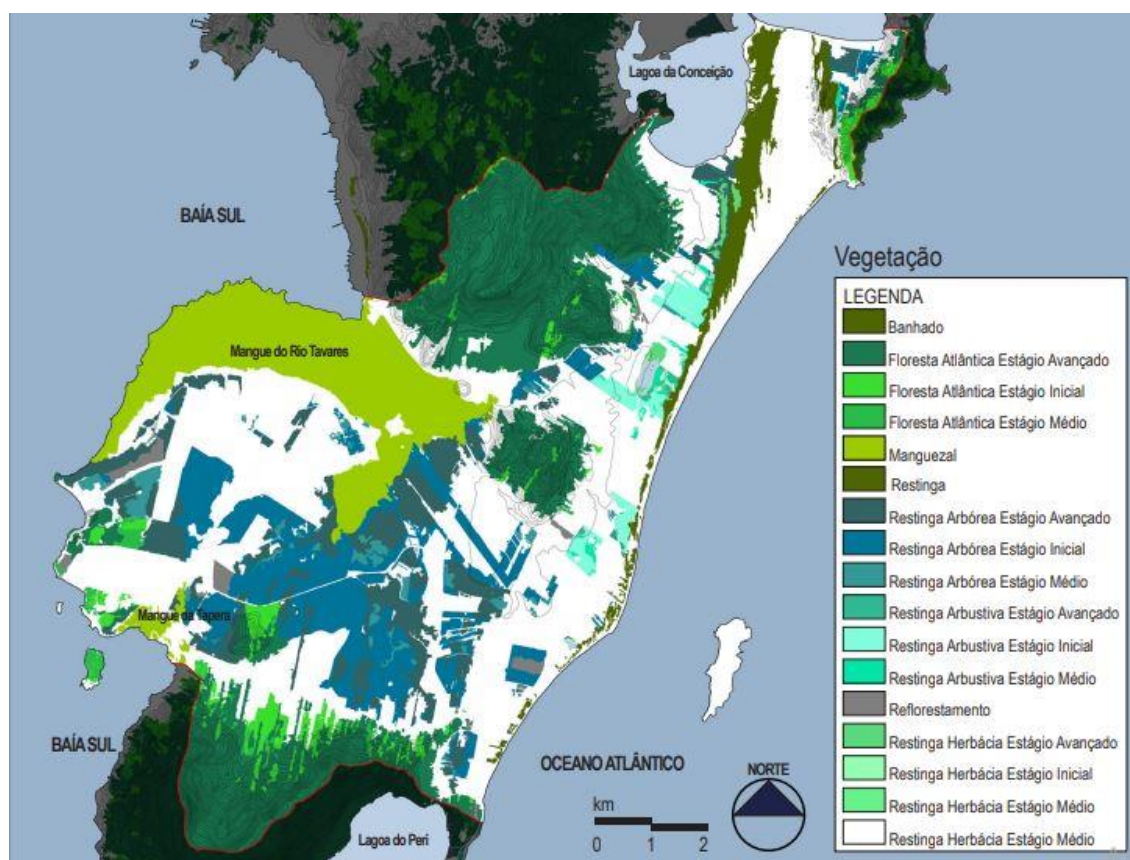
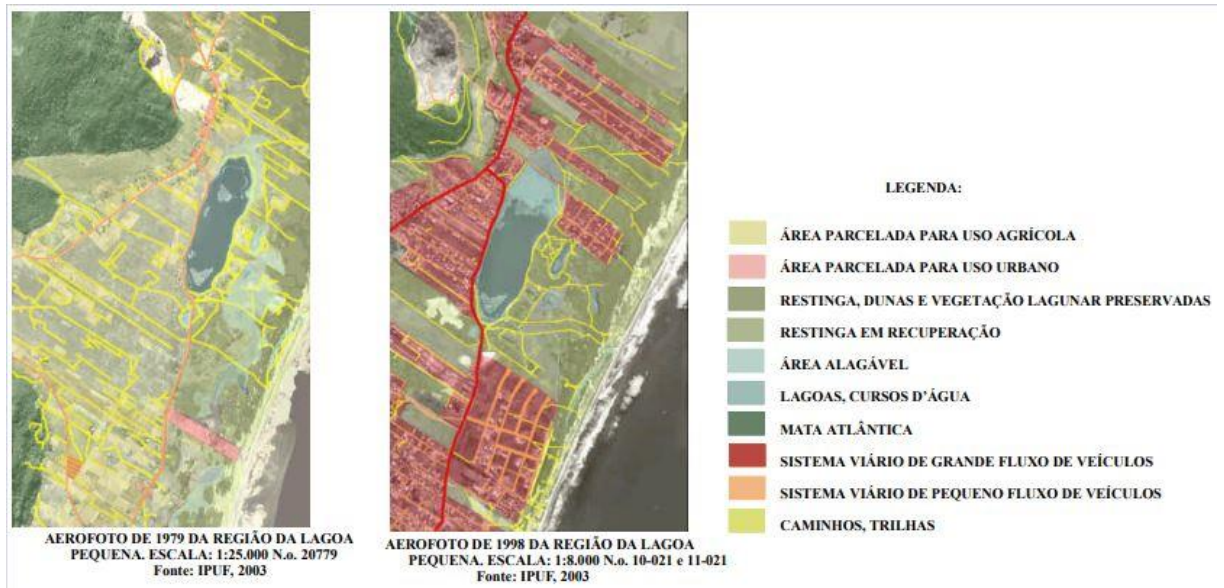


Figura 48: Mapa da cobertura vegetal. (Fonte: Elaboração própria através de dados obtidos no Geoprocessamento Corporativo da PMF).

ANEXO E – Evolução histórica da região da Lagoa Pequena – destaque sistema viário e áreas alagáveis (PIPPI, 2004, p. 130).



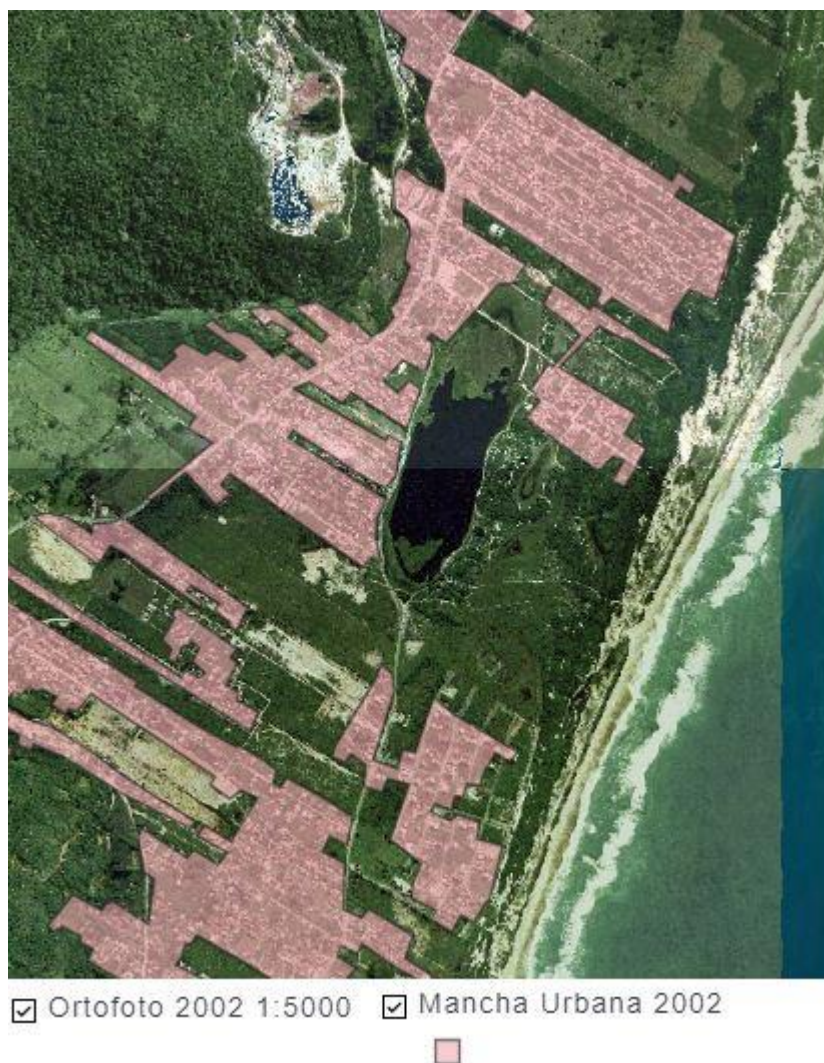
ANEXO F – Ortofoto da paisagem da Lagoa Pequena em 1977, pouco antes da chegada de novos moradores – Mapa do Geoportal PMF (Geoportal, 2024).



ANEXO G – Mancha urbana sobre a paisagem da Lagoa Pequena em 1994 – Mapa do Geoportal PMF (Geoportal, 2024).



ANEXO H – Mancha urbana sobre a paisagem da Lagoa Pequena em 2002 – Mapa do Geoportal PMF (Geoportal, 2024).



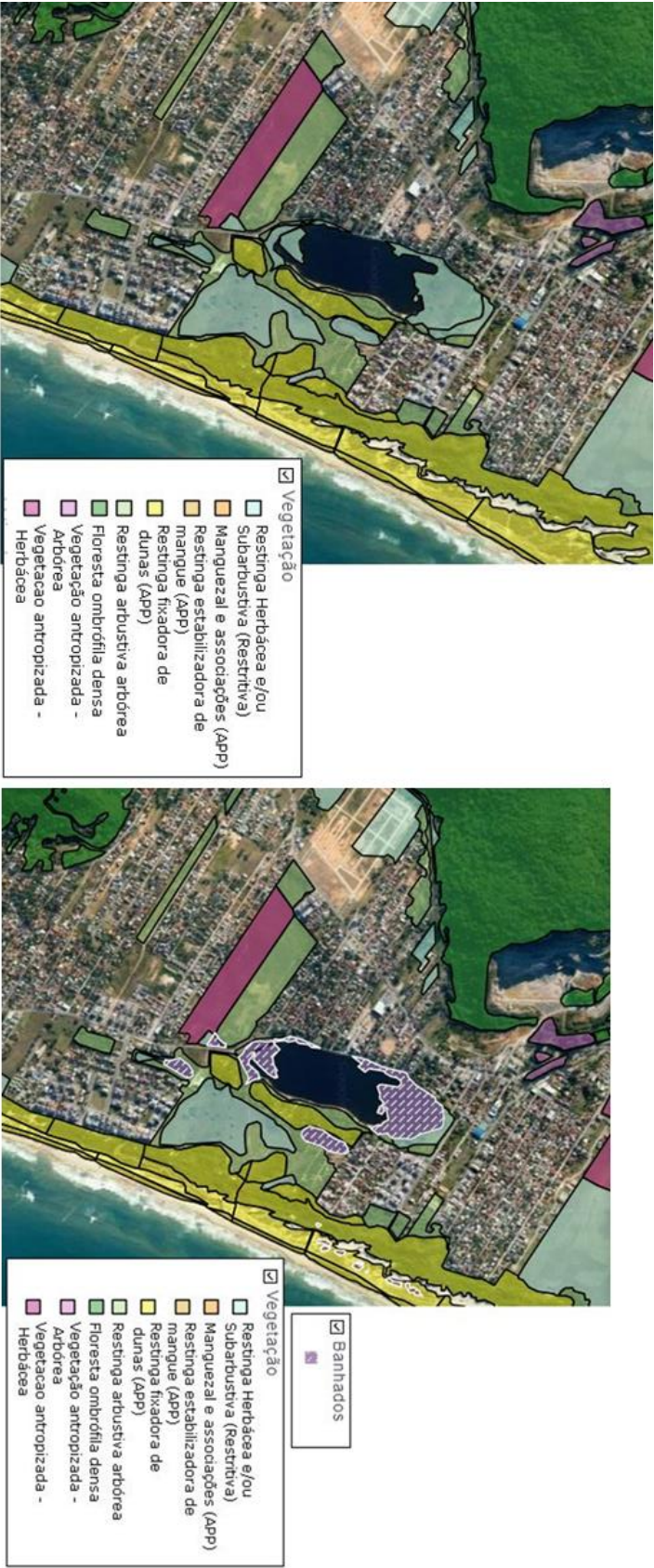
ANEXO I – Mancha urbana sobre a paisagem da Lagoa Pequena em 2019 – Mapa do Geoportal PMF (Geoportal, 2024).



☒ Ortofoto 2015 1:1000 ☒ Mancha Urbana 2019



ANEXO J– Vegetação da paisagem da Lagoa Pequena e áreas de banhado em 2019 – Mapa do Geoportal PMF (Geoportal, 2024).



ANEXO K– Área do Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição –
Anexo II LEI Nº 10.388/2018 (Florianópolis, 2018).

